



museu do cotidiano:  
um gabinete de histórias



Isabela Vecci Abijaude

Belo Horizonte, fevereiro de 2019

**museu do cotidiano:  
um gabinete de histórias**

Dissertação apresentada ao Programa PROMESTRE da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final à obtenção de título de Mestre em Educação.

**Linha de Pesquisa:**

Educação em Museus e divulgação científica

**Orientador:**

Prof<sup>o</sup> Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira.

**Coorientador:**

Prof. Dr. Eduardo Antônio de Jesus.

Isabela Vecci Abijaude

## **MUSEU DO COTIDIANO: UM GABINETE DE HISTÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Ensino e Docência do Departamento de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação em Museus e Centros de Ciência

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira

Coorientador: Prof. Dr. Eduardo Antônio de Jesus

Belo Horizonte

2019

A148m  
T

Abijaude, Isabela Vecci, 1965-  
Museu do cotidiano [manuscrito] : um gabinete de histórias / Isabela Vecci Abijaude. - Belo Horizonte, 2019.  
142,[31] f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. [Inclui recurso educacional constituído de caderno apêndice, com um plano museológico].  
Orientador: Bernardo Jefferson de Oliveira.  
Coorientador: Eduardo Antônio de Jesus.  
Bibliografia: f. 138-142.  
Inclui anexos [7 p.].  
Inclui apêndices [24 p.].

1. Figueiredo, Antônio Carlos -- Catálogos e coleções -- Teses. 2. Museu do Cotidiano (Belo Horizonte, MG) -- Catálogos e coleções -- Teses. 3. Museu do Cotidiano (Belo Horizonte, MG) -- Aspectos educacionais -- Teses. 4. Educação -- Teses. 5. Colecionadores e coleções -- Aspectos educacionais -- Teses. 6. Museus -- Aspectos educacionais -- Teses. 7. Museus e escolas -- Teses. 8. Museus -- Métodos de registros -- Teses. 9. Métodos de conservação em museus -- Teses. 10. Cultura material -- Colecionadores e coleções -- Teses. 11. Museus de artes industriais -- Colecionadores e coleções -- Teses. 12. Objetos de aprendizagem -- Teses. 13. Coleções particulares -- Teses. 14. Museologia -- Teses.

I. Título. II. Oliveira, Bernardo Jefferson de, 1961-. III. Jesus, Eduardo Antônio de. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 069.4

**Catálogo da Fonte<sup>§</sup> : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário<sup>†</sup>: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica<sup>‡</sup>.)

\* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º - "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



## ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA ISABELA VECCI ABIJAUDE

Realizou-se, no dia 27 de fevereiro de 2019, às 09:00 horas, Sala da Congregação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *Museu do Cotidiano: um gabinete de histórias*, apresentada por ISABELA VECCI ABIJAUDE, número de registro 2017659244, graduada no curso de ARQUITETURA E URBANISMO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Bernardo Jefferson de Oliveira - Orientador (UFMG), Prof(a). Leticia Julião (UFMG), Prof(a). LANA MARA DE CASTRO SIMAN (UEMG), Prof(a). Marconi Drummond Lage (sem vínculo).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

Prof(a). Bernardo Jefferson de Oliveira ( Doutor )

Prof(a). Leticia Julião ( Doutora )

Prof(a). LANA MARA DE CASTRO SIMAN ( Doutora )

Prof(a). Marconi Drummond Lage ( Mestre )



Para o Samy e para todos aqueles que amam museus .





## Agradecimentos

Samy Lansky pela paciência e apoio em tudo na vida.

Antônio Carlos Figueiredo pela abertura e engajamento nessa pesquisa.

Bernardo Jefferson de Oliveira pela orientação e ajuda para lá de acadêmica.

Eduardo de Jesus pela coorientação e interlocução em todos os assuntos.

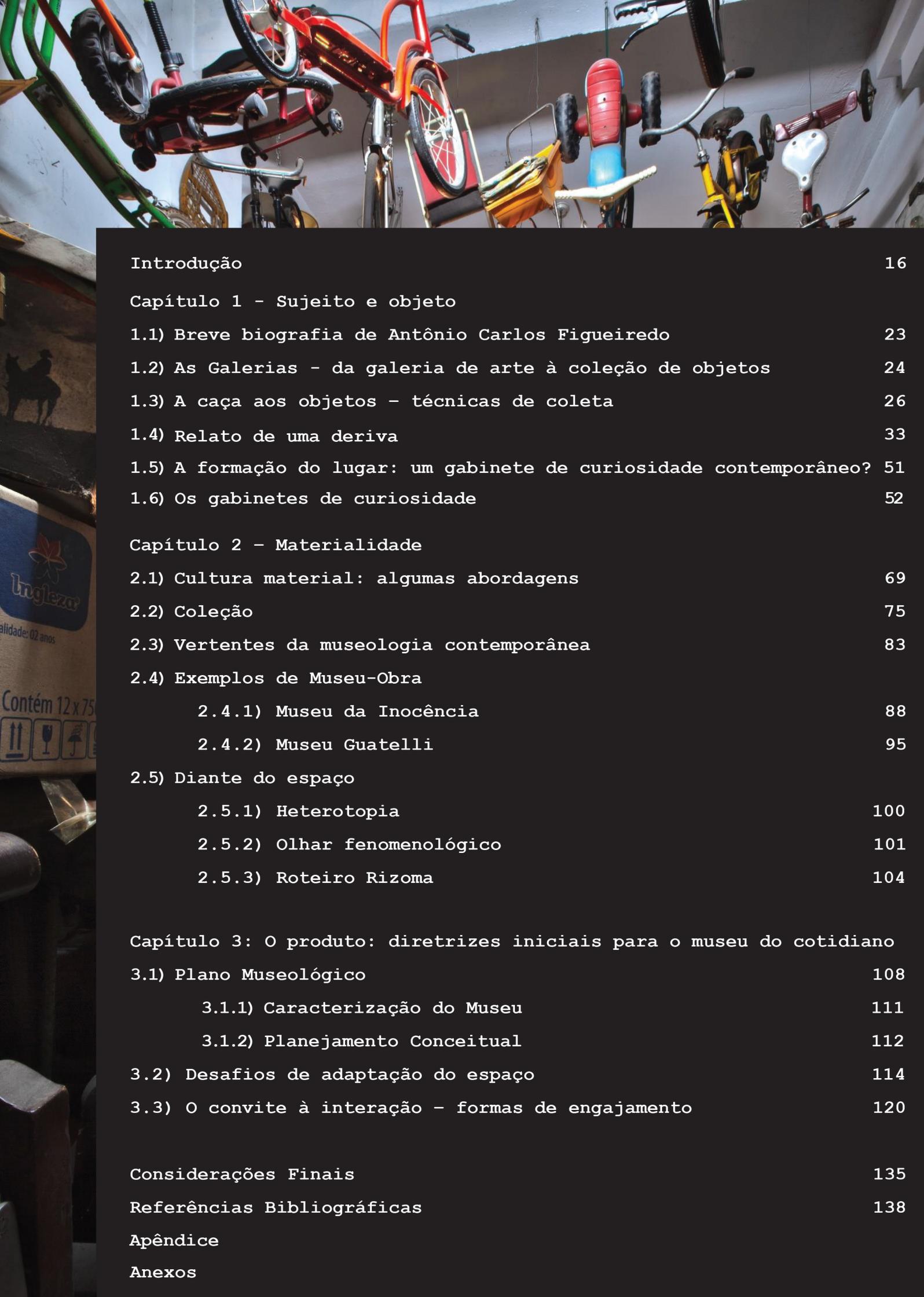
Arthur Senra pelas incríveis fotos que ilustram essa dissertação



“ A arte pode mudar as pessoas?  
- Sim, porque a arte sempre oferecerá uma nova expectativa de desconhecido para cada um. A arte seria uma forma de produzir desconhecimento e, por isso, ela é diferente da cultura. A cultura pode viver do que já conhece. A arte jamais.”

Waltércio Caldas





Introdução	16
Capítulo 1 - Sujeito e objeto	
1.1) Breve biografia de Antônio Carlos Figueiredo	23
1.2) As Galerias - da galeria de arte à coleção de objetos	24
1.3) A caça aos objetos - técnicas de coleta	26
1.4) Relato de uma deriva	33
1.5) A formação do lugar: um gabinete de curiosidade contemporâneo?	51
1.6) Os gabinetes de curiosidade	52
Capítulo 2 - Materialidade	
2.1) Cultura material: algumas abordagens	69
2.2) Coleção	75
2.3) Vertentes da museologia contemporânea	83
2.4) Exemplos de Museu-Obra	
2.4.1) Museu da Inocência	88
2.4.2) Museu Guatelli	95
2.5) Diante do espaço	
2.5.1) Heterotopia	100
2.5.2) Olhar fenomenológico	101
2.5.3) Roteiro Rizoma	104
Capítulo 3: O produto: diretrizes iniciais para o museu do cotidiano	
3.1) Plano Museológico	108
3.1.1) Caracterização do Museu	111
3.1.2) Planejamento Conceitual	112
3.2) Desafios de adaptação do espaço	114
3.3) O convite à interação - formas de engajamento	120
Considerações Finais	135
Referências Bibliográficas	138
Apêndice	
Anexos	

**Resumo:**

Esta dissertação procura contribuir para a institucionalização da coleção privada de objetos de Antônio Carlos Figueiredo, localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, de forma a torná-la acessível ao público. Tal coleção é formada por milhares de objetos de uso cotidiano e pelas histórias relacionadas aos objetos, agrupados pelo colecionador durante 30 anos em diversos espaços, sendo o principal, uma grande loja de 350m<sup>2</sup>. A pesquisa procurou inicialmente identificar o colecionador e seus procedimentos de coleta dos objetos constituintes da coleção e estabelecer um diálogo com um fenômeno social europeu dos séculos XVI e XVII, chamado de gabinete de curiosidades. Em seguida procura situá-la no contexto de estudos sobre cultura material, nas vertentes da museologia contemporânea e identificar as estratégias de organização da coleção no espaço onde se encontra atualmente, denominado pelo colecionador de Museu do Cotidiano. Finalmente vai estabelecer conceitos norteadores para a produção de um plano museológico com o objetivo de auxiliar a sua futura institucionalização.

**Palavras-chave**

Museu; educação em museus; coleções particulares; cotidiano; cultura material; museografia; plano museológico.

This dissertation seeks to contribute to the institutionalization of the private collection of objects of Antônio Carlos Figueiredo, located in Belo Horizonte, Minas Gerais, in order to make it accessible to the public. This collection consists of thousands of objects of daily use and stories related to objects, grouped by the collector for 30 years in various spaces, the main one being a large store of 350m<sup>2</sup>. The research initially sought to identify the collector and his procedures for collecting the objects that constituted the collection and to establish a dialogue with a European social phenomenon of the sixteenth and seventeenth centuries, called the cabinet of curiosities. Next, it seeks to situate it in the context of studies on material culture, in the aspects of contemporary museology and to identify the strategies of organization of the collection in the space where it is currently, denominated by the collector of Museu da Cotidiano. Finally, it will establish guiding concepts for the production of a museological plan with the objective of assisting in its future institutionalization.

## Lista de figuras

P10 - Figura 1: Entrada Museu do Cotidiano. Fonte: foto autora, 2018.

P25 - Figura 2: foto reunião com artistas na loja da Rua Bernardo Guimarães. Fonte: acervo pessoal de Antônio Carlos Figueiredo, 1990.

P26 - Figura 3: foto reunião com artistas na loja da Rua Bernardo Guimarães. Em primeiro plano está Fernando Lucchesi e logo ao lado Antônio Carlos. Fonte: acervo pessoal de Antônio Carlos Figueiredo. 1990.

P27 - Figura 4: Foto fachada loja João Relojoeiro – Edifício Maleta. Fonte: acervo pessoal Antônio Carlos Figueiredo.

P28 - Figura 5: Foto João Relojoeiro – Edifício Maleta. Fonte: acervo pessoal Antônio Carlos Figueiredo.

P32 - Figura 6: Placa acervo Museu do Cotidiano. Fonte: foto da autora, novembro, 2016.

P32 - Figura 7: Placa acervo Museu do Cotidiano. Fonte: foto da autora, novembro 2016.

P33 - Figura 8: Foto registro dia da deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P35 - Figura 9: fotos registro dia da deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci. 2018.

P36 - Figura 10: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P37 - Figura 11: Fotos de registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P38 - Figura 12: Fotos de registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P39 - Figura 13: Fotos de registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P40 - Figura 14: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P41 - Figura 15: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P42 - Figura 16: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P43 - Figura 17: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P44 - Figura 18: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P45 - Figura 19: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P46 - Figura 20: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P47 - Figura 21: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P48 - Figura 22: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P49 - Figura 23: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P50 - Figura 24: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

P52 - Figura 25: O museu de Ferrante Imperato. De Ferrante Imperato, Dell"historia naturale (Venice 1672 ed.). Apud FINDLEN,1996.

P55 - Figura 26: Europa. Jan van Kessel, 1666. Antuérpia. Fonte: [www.commons.wikipedia.org](http://www.commons.wikipedia.org)

P58 - Figura 27: O Jardim das Delicias - Hieronymus Bosch (Museu do Prado, Madrid). Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hieronymus\\_Bosch](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hieronymus_Bosch). Acesso: 21/11/2018.

P58 - Figura 28: Vertumno. Skoklosters, Giuseppe Arcimboldo. Fonte: [https://es.wikipedia.org/wiki/Giuseppe\\_Arcimboldo](https://es.wikipedia.org/wiki/Giuseppe_Arcimboldo)

P60 - Figura 29: Foto da exposição "Theatre of the Natural World" do artista Mark Dion na galeria White Chapel em Londres, 2018. Fonte: (<https://londonist.com/london/art-and-photography/birds-fly-around-our-heads-in-this-immersive-exhibition>).

P60 - Figura 30: Obra de Mark Dion e Robert Williams, "Theatrum Mund: Armarium", 2001 Cambridge, University of Cambridge, Jesus College Chapel. Fonte: livro " A vertigem das listas", Umberto Eco, 2010.

P61 - Figura 31: Obra "Trinity - Pharmacology, Physiology, Pathology" de Damien Hirst. Fonte: site Tate Modern. <https://www.tate.org.uk/art/artworks/hirst-trinity-pharmacology-physiology-pathology-ar00500>

P62 - Figura 32: À esquerda o artista Marcelo Silveira ao lado da sua obra em processo de montagem, na galeria de arte Celma Albuquerque. Fonte: acervo Antônio Carlos Figueiredo, 2004.

P62 - Figura 33: À direita a obra concluída, dentro da galeria Celma Albuquerque. Fonte: acervo Antônio Carlos Figueiredo, 2004.

P63 - Figura 34: Interior Museu do Cotidiano. Observar conjunto de mesas empilhadas, mesmo layout utilizado e reapropriado por Marcelo Silveira em sua obra de 2004. Fonte: Foto Arthur Senra, 2018, acervo da autora.

P64 - Figura 35: Tipo de assemblage produzido por Antônio Carlos Figueiredo. Baú de seminarista do colégio Caraça, associado a coleção de óculos e livro de Pedro Nava. Em 2017, por ocasião de sua vinda a Belo Horizonte para montagem de exposição no Palácio das Artes o artista Alex Fleming quis adquirir a obra como um todo, segundo relato de Antônio Carlos Figueiredo. Fonte: Foto Arthur Senra, 2018.

P65 - Figura 36: Balança escolhida do acervo do museu do cotidiano pelo artista José Bento. Fonte: Foto acervo Antônio Carlos Figueiredo, 2018.

P65 - Figura 37: Obra acabada de José Bento, exposta em galeria de arte. Fonte: foto acervo Antônio Carlos Figueiredo, 2018.

P66 - Figura 38: Exposição Lorenzato, Amadeo, CAP, 2014. Fonte: Acervo Isabela Vecci, foto Daniel Mansur.

P66 - Figura 39: Exposição Lorenzato, Amadeo, CAP, 2014. Armário acervo Antônio Carlos pertencente à antiga loja das rendas de belo Horizonte, onde estavam expostos objetos pessoais do artista, adquiridos por Antônio Carlos. Fonte: Acervo Isabela Vecci, foto Daniel Mansur, 2014.

P67 - Figura 40: Anúncio exposição Lataiada na unidade Café com Letras CCB. Fonte: site Café com Letras, acesso 28/11/2018. [www.cafecomletras.com.br](http://www.cafecomletras.com.br)

P67 - Figura 41: Exposição "Lataiada" na unidade Café com Letras do CCB., 2018. Fonte: foto e acervo Isabela Vecci.

P76 - Figura 42: Pedra trazida da lua pela missão Apolo 16, hoje em exposição no Museu de História natural de Washington. Fonte:

P79 - Figura 43: foto de objeto usado por assaltante de carros, acervo Museu do Cotidiano. Fonte: foto da autora, 2018.

P81 - Figura 44: cópia do jornal " Diário de Minas" de 29 /06/1963.Fonte: acervo Antônio Carlos Figueiredo.

P89 - Figura 45: Ohran Pamuk no interior do Museu da inocência em Istambul. Fonte: <https://masumiyetmuzesi-en.myshopio.com>

P93 - Figura 46: Foto da Vitrine 49 do Museu da Inocência – “Eu estava indo pedi-la em casamento”. Fonte:The innocence of objets, (PAMUK, 2012, p. 189).

P93 - Figura 47: Foto da Vitrine 67 do Museu da Inocência – “Colônia”. Fonte: The innocence of objets. (PAMUK, 2012, p. 221).

P96 - Figura 48: Sala no interior do Museu Guatelli em Ozzano Taro, município de Collecchio, a 20 km de Parma, Itália. Fonte: [www.inexhibit.com/case-studies/ettore-guatelli-museum](http://www.inexhibit.com/case-studies/ettore-guatelli-museum). Acesso 02/01/2019.

P96- Figura 49: Sala no interior do Museu Guatelli em Ozzano Taro, município de Collecchio, a 20 km de Parma, Itália. Fonte: [www.inexhibit.com/case-studies/ettore-guatelli-museum](http://www.inexhibit.com/case-studies/ettore-guatelli-museum). Acesso 02/01/2019.

P97 - Figura 50: Detalhe da obra de Christian Boltanski, 'Réserve de Suisses morts' de 1991. Fonte: [www.macba.cat/en/reserve-de-suisses-morts-0088](http://www.macba.cat/en/reserve-de-suisses-morts-0088). Acesso em 02/01/2019.

P98 - Figura 51: Vista vão central do Museu Pitt Rivers, sem intervenção artística. Fonte: site instituição. (<https://www.prm.ox.ac.uk/>).

P99 - Figura 52: Obra da artista Naoko Myazaki no vão central do Museu Pitt Rivers, em Londres. 2006/2007. Fonte: site instituição. <https://www.prm.ox.ac.uk/sites/default/files/uploads/education/PRM%20artists.pdf>.

P99 - Figura 53: Sala expositiva Soane Museum. Fonte: site Museu Soane – Londres. (<https://www.soane.org/collections-research/key-stories/opening-soane>).

P100 - Figura 54: Vista da cozinha do Museu Soane em Londres, com diferentes configurações. A foto da direita mostra intervenção no espaço a partir de objetos do acervo revisitados pelo artista Adam Nathaniel Furman. Fonte: Site museu: [www.soane.org](http://www.soane.org)

P103 - Figura 55: vista a partir do piso superior do mezanino. Fonte: acervo da autora, 2018.

P113 - Figura 56: capa e miolos do folheto resumo do produto dessa dissertação: um planejamento conceitual museológico para a coleção de objetos de Antônio Carlos Figueiredo. Fonte: folheto anexo à essa dissertação.

P115 - Figura 57: Croqui sem escala representando a planta de levantamento da loja da Rua Bernardo Guimarães. Fonte: Desenho da autora, 2017.

P116 - Figura 58: Segundo croqui, desenho em escala para estudo de acessibilidade – desenho da autora, 2017.

P117 - Figura 59: Estudo Preliminar, desenho realizado no aplicativo CAD, importado para o aplicativo Photoshop e colorizado. Estudo de acessibilidade aplicado à planta que servirá de suporte ao mapa do roteiro de visita. Fonte: acervo Isabela Vecchi, 2017.

P118 - Figura 60: Projeto de acessibilidade universal segundo a norma da ABNT 9050. Projeto de Isabela Vecchi Abijaude, com a colaboração de Marlon da Silva Junior. Para melhor visualização, ver desenho em formato A3 em anexo a essa dissertação.

P119 - Figura 61: Projeto de combate a incêndio segundo legislação estadual. Projeto de Isabela Vecchi Abijaude, com a colaboração de Marlon da Silva Junior. Para melhor visualização, ver desenho em formato A3 em anexo a essa dissertação.

P121 - Figura 62: Estudo de layout inicial para página de abertura do site. Projeto da autora. Fonte: acervo Isabela Vecci Abijaude.

P122 - Figura 63: Estudo de layout inicial para página de abertura do site, com simulação de barra de rolagem. Projeto da autora. Fonte: acervo Isabela Vecci Abijaude.

P123 - Figura 64: Estudo de layout inicial para página de abertura do site, com simulação de barra de rolagem do item coleção. Nela podemos ver as seções: “meu objeto” e “minha etiqueta”, onde o visitante poderá fazer upload de fotos e textos. Projeto da autora. Fonte: acervo Isabela Vecci Abijaude.

P124 - Figura 65: Estudo de layout inicial para página de abertura do site, com simulação de barra de rolagem do item roteiro. Nela podemos ver sugestões de temas iniciais: fragmentos do comércio, ambulantes da cidade, objetos dos homens infames, kitsch no cotidiano, gambiarras, universo de Lorenzato. Projeto da autora. Fonte: acervo Isabela Vecci Abijaude.

P125 - Figura 66: Simulação de página inicial do roteiro no site, cujo tema é "Fragmentos do comércio em belo Horizonte". A partir de cliques nos ícones o visitante pode expandir sua visita com informações complementares sobre o assunto, vendo fotos e vídeos, lendo textos informativos e dando upload em fotos e textos de comentários. Fonte: projeto da pesquisadora, 2018.

P126 - Figura 67: Simulação de caixa de texto informativo a ser inserido no site e acionado a partir do clique no ícone de informações. Fonte: projeto da pesquisadora, 2018.

P127 - Figura 68: Simulação de página com as fotos complementares ao objeto visitado no site. Nesse caso, as fotos estão em formato de story board. Fonte: projeto da pesquisadora, 2018.

P128 - Figura 69: Simulação de página do site mostrando fotos de material impresso encontrado dentro do mobiliário. Informações expandidas do objeto. Fonte: projeto da pesquisadora, 2018.

P131 - Figura 70: Foto do evento "Conversa com objetos" do dia 28 de outubro de 2016, em São Paulo no museu Afro Brasil. Fonte: site Goethe Institut. <http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/epd/pt14367478.htm>. Acesso dia 05/01/2019.

P132 - Figura 71: Fotos das etiquetas de papelão propostas como parte do produto final dessa pesquisa, instaladas no mUc. Fonte; acervo isabela Vecci Abijaude. 2019.

P133 - Figura 72: projeto gráfico para produção das etiquetas a serem utilizadas pelo mUc. Inicialmente foram confeccionadas 50 etiquetas para iniciar o processo de implantação do roteiro. Fonte: acervo da pesquisadora.

## Introdução



Figura 1: Entrada Museu do Cotidiano. Fonte: foto autora, 2018.

(...) Penetra surdamente no reino das palavras  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
Há calma e frescura na superfície intacta.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. (...)  
(Carlos Drummond de Andrade)<sup>1</sup>

Chegamos. Estamos em frente ao número 1296 da rua Bernardo Guimarães em Belo Horizonte. Uma porta de aço fechada guarda a coleção que viemos ver. Ligo pelo celular para avisar que já estamos aguardando junto à entrada. Em poucos minutos ouço o barulho da porta se desenrolando. Dentro da loja há muito menos luz do que do lado de fora e a princípio fica difícil enxergar o interior. Antônio Carlos vem nos cumprimentar e dar boas-vindas. Hoje minha visita é acompanhada por um grupo de estudantes de arquitetura, meus alunos. Um grupo de 15 pessoas, com mochilas. Para entrarmos com o mínimo de conforto devemos deixá-las dentro do porta-malas do seu carro que está estacionado em frente à loja e que faz o papel de escaninho/guarda-volumes. Preparados e sem bolsas, entramos. Olho para os meninos de vinte e poucos anos. Tento adivinhar o que estão pensando daquele lugar. Olhares de espanto. Exclamações. Surpresa. Encantamento. São sentimentos que posso perceber em cada um que entra pela porta do “galpão” como chama Antônio Carlos a sua “falta de espaço”. Nosso anfitrião parece parafrasear Drummond: Penetra calmamente no reino dos objetos...

A passagem é bem estreita e a iluminação é insuficiente para avistarmos todas as camadas de dezenas de objetos sobrepostos nas duas laterais ao corredor de acesso. Há uma penumbra junto às paredes que desfoca os objetos ali dispostos. Essa luz baixa confere um clima de mistério ao não revelar por inteiro o ambiente. Logo de cara, junto ao corredor de entrada, vemos fragmentos da *Loja das Rendas* da Rua dos Caetés, móveis antigos de Peroba do Campo e vidro. Dentro deles, opalinas Arte Decô. Mais adiante gaveteiros do *Armarinho Acapulco* do *Edifício Maleta*. Em cima de uma bancada a caixa registradora do *Campeão da Avenida*. Montes de câmeras de fotografar ao lado de pilhas de telefones dos mais variados tipos e épocas. Alguns com catálogo, como o estrelado pelo garoto propaganda Pelé em 1958 para uma indústria sueca de aparelhos de telefone. Mais a diante uma estante lotada de brinquedos. Aos nossos pés, móveis “anos cinquenta” com

---

<sup>1</sup> Poema: “Procura da Poesia” do livro “A Rosa do Povo” de 1945

luminárias “anos sessenta”. Uma mala de um aluno do Caraça, com a lista do seu enxoval datilografada e colada no seu interior. Garrafas de *Crush* e *Grapette*. À frente, uma parede com placas variadas. Uma roleta de cassino. Um chuveiro a álcool. Podemos tocar nos objetos. Muitas exclamações de surpresa e euforia. Esses objetos, em sua maioria, não fazem parte da cultura material desses jovens mas despertam neles curiosidade, espanto, dúvida, admiração. Levando em conta nossos contextos presentificados no agora das redes sociais, isso não é pouca coisa. Afinal, um museu talvez seja por definição o local da materialização de estímulos...

Essa dissertação começou com uma inquietação. Conheço o objeto dessa pesquisa, a coleção de Antônio Carlos Figueiredo, há pelo menos 20 anos e nos últimos 8 anos com mais proximidade por razões profissionais, mas também por curiosidade. Trabalho como arquiteta e professora de projeto em uma faculdade de arquitetura e meu campo de interesse gira entorno da arquitetura de interiores e do design. Desde os anos 2000 venho me dedicando a estudar e trabalhar em uma área conhecida como expografia, que consiste em criar projetos de exposições dentro de instituição culturais, como museus, galerias de arte e centros culturais. Essa área de atuação despertou meu interesse em aprofundar academicamente as reflexões que já fazia empiricamente. Também em relação ao ensino de projeto de arquitetura percebo que as experiências físicas, ancoradas no real, tem uma grande potência no ensino desse tipo de disciplina.

A expografia é um campo múltiplo que se relaciona com a arquitetura de interiores, design, museologia e educação. Com isso aciona saberes interdisciplinares para dar forma a narrativas e conceitos, ora artísticos, ora científicos, ora históricos, muitas vezes de forma simultânea. Está relacionada ao campo de conhecimento da museologia e também da educação. É um trabalho desenvolvido na maioria das vezes por arquitetos e designers em equipe com curadores e consultores e consiste em criar a forma física de uma exposição<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> O termo “exposição”, usado nesse sentido, difere do termo “apresentação”, na medida em que o primeiro corresponde, se não a um discurso físico e didático, então, ao menos, a um amplo complexo de itens colocados à vista, enquanto o segundo pode evocar a exibição de bens em um mercado ou loja de departamento, que pode se dar de modo passivo, ainda que em ambos os casos um especialista (cenógrafo ou designer de exposições) seja necessário para se alcançar o nível de qualidade desejado. Esses dois níveis – a apresentação e a exposição – permitem precisar as diferenças entre cenografia e expografia. No primeiro caso, o cenógrafo parte do espaço e tende a utilizar os expôts para mobiliar esse espaço, enquanto no segundo, o designer de exposições ou museólogo parte dos expôts e realiza pesquisas sobre o melhor modo de expressão, a melhor linguagem para fazer com que eles falem. (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013).

que pode ter os mais diversos conteúdos, materiais e imateriais. É um campo que dialoga com a história, com as artes plásticas, com as ciências duras, com a antropologia, com o design, com a sociologia, enfim com todos os campos envolvidos na divulgação proposta pelo ato de **expor** alguma coisa.

Em função da minha proximidade com o objeto e com a prática profissional relacionada à expografia, essa inquietação, que diz respeito, entre outras coisas, à forma como a coleção em estudo nessa dissertação está disposta no espaço de guarda e também sobre o desejo de Antônio Carlos, o colecionador, de transformá-la em um espaço de visita nos moldes de um museu, me levou a buscar subsídios teóricos nessa linha de estudos de Educação em Museus da Faculdade de Educação da UFMG.

Essa dissertação tem como objetivo principal a reflexão de como transformar uma coleção particular de objetos em uma instituição museal aberta ao público. Tem como metodologia o estudo de caso da coleção pertencente à Antônio Carlos Figueiredo denominada por ele como Museu do Cotidiano, entrevistas com o colecionador, revisão bibliográfica e como produto é proposto um plano conceitual para a coleção, diretrizes iniciais de planejamento e implantação e uma simulação de um primeiro roteiro de visita. Há também a indicação inicial para a elaboração do site da instituição.

Em relação ao texto, no primeiro capítulo, há a apresentação do colecionador e da forma como a coleção foi engendrada, suas estratégias de coleta e de guarda. Em primeiro lugar uma breve biografia que já localiza o início do ato de colecionar. Em segundo lugar a atuação profissional de Antônio Carlos e sua transformação em colecionador. Em seguida analiso a maneira com a coleta é empreendida por ele, suas visitas aos “topa-tudo” de Belo Horizonte, seus fornecedores e suas derivas e *flaneries* pela cidade à cata de objetos e histórias. Logo depois analiso a formação do lugar de guarda da coleção, suas características e proximidades com o fenômeno dos Gabinetes de Curiosidades dos séculos XVI e XVII na Europa. Nesse tópico, analiso a possibilidade de criação de uma instituição híbrida, entre museu e obra artística, devido às estratégias de arranjo e conformação da coleção e da ambiência criada no local de guarda.

No segundo capítulo, que trata da coleção, de suas implicações teóricas e conceituais e da possibilidade de sua institucionalização, pretendo primeiramente posicionar a coleção de Antônio Carlos dentro do campo que do chamamos Cultura Material com uma breve descrição das disciplinas que estudam a cultura material e suas implicações sociais. Em

seguida apresento o conceito de coleção que trabalharemos nessa dissertação e depois procuro indicar a que tipo de discurso narrativo uma coleção pode se prestar. Para isso recorro, entre outros conceitos, à ideia da “antologia de existências” desenvolvida por Michel Foucault em seu texto “Os Homens Infames”. Também nesse momento do texto indico o sentido que vamos manejar o conceito de “Cotidiano”, alinhado com as reflexões de Michel de Certeau em “A invenção do Cotidiano”. Em seguida procuro tratar do tipo de instituição museal que o Museu do Cotidiano pode se transformar, analisando historicamente alguns modelos e suas respectivas atuações e recortes.

Apresento também um tópico que diz respeito a duas obras que se aproximam conceitualmente ao objeto estudado nessa pesquisa, dois tipos de museu-obra, analisando o exemplo do Museu da Inocência criado por Ohran Pamuk em Istambul e o Museu Guatelli em Parma, na Itália procurando estabelecer um diálogo possível com o Museu do Cotidiano no que diz respeito ao uso de narrativas para construção de significados. Também nesse capítulo há o momento de reflexão sobre o espaço do ponto de vista conceitual, partindo de três conceitos teóricos. O primeiro foi o conceito de heterotopia formulado por Michel Foucault que observa a existência de lugares onde os tempos e funções se sobrepõem, numa espécie de acumulação de sentidos. O segundo foi uma abordagem fenomenológica do espaço, através do conceito de *genius loci* recuperado da cultura antiga romana pelo arquiteto Christian Norberg-Schultz nos anos 1970. Esse conceito, apropriado por ele, propõe a ideia de que o lugar tem um espírito, uma essência e que para iniciar um projeto, a metodologia fenomenológica estabeleceria em primeiro lugar observar, ver, entrar em contato com a coisa ou fenômeno para depois propor, intervir e desenhar a partir dessa observação. O terceiro conceito abordado foi a ideia do rizoma, formulada por Gilles Deleuze e Felix Guattari e tem relação com a fruição possível da coleção em seu espaço de guarda e inspirou a concepção de um roteiro inicial de visita, onde não há início nem fim, onde o visitante pode empreender múltiplas entradas e interpretações, sem uma ordem imposta pela instituição e promover suas próprias linhas de apropriação.

O capítulo 3 ficou reservado para o produto final dessa pesquisa, indicando conceitos e linhas de planejamento institucional. Ele foi dividido em três partes. A primeira apresenta um breve resumo do contexto brasileiro em relação à institucionalização dos museus, indicações do IBRAM de metodologias para formatação de planos museológicos e planejamento para implantação. Definimos nesse capítulo dois itens iniciais para um plano

museológico sendo eles, sua caracterização como museu e seu planejamento conceitual. Há um resumo do recorte curatorial desenvolvido em parceria com o colecionador, indicando o conceito do Museu do Cotidiano. Depois dessas definições iniciais partimos para uma proposta básica de adaptação do espaço para a abertura à visitação pública, no que diz respeito a legislação de acessibilidade e de combate a incêndio, entendendo esses itens como essenciais para a segurança de público e de acervo. Depois, nesse mesmo capítulo indicamos ações possíveis de engajamento do público, propondo entre outras coisas, a criação de editais de produção artística a partir do acervo do museu, com temas como instalações, performances, escultura, fotografia, vídeo, literatura e cinema. O acervo material e imaterial da coleção deverá ser o ponto de partida das obras a serem propostas. Como parte do produto proposto nessa dissertação, indicamos um layout inicial para o site do mUc, com simulação de um roteiro de visitação. Esse roteiro propõe possíveis desdobramentos virtuais relacionando a visita física à visita ao site do museu a ser desenvolvido posteriormente pelo colecionador e equipe especializada.

Nas considerações finais procurei relacionar o caminho proposto para a organização da abertura de uma coleção particular como possível metodologia para outras coleções e com isso procurar contribuir para o campo de reflexão sobre expografia e seus desdobramentos.

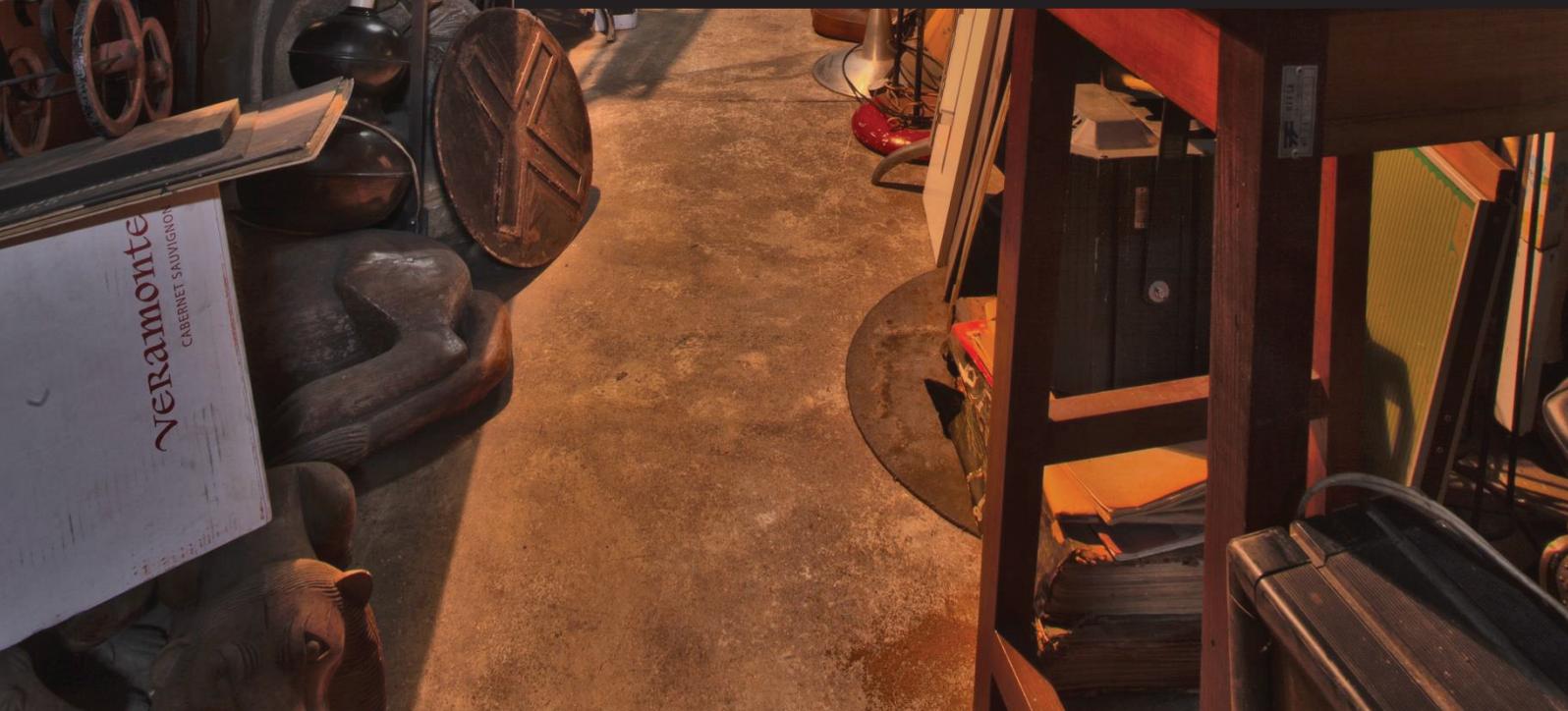


## introdução





capítulo 1 - sujeito e objeto



## Capítulo 1 - Entrando no objeto

### 1.1) O sujeito: uma breve biografia de Antônio Carlos Figueiredo

Antônio Carlos Figueiredo nasceu em Ouro Preto na segunda metade da década de 1940, o oitavo de nove irmãos. Aos cinco anos de idade, juntamente com sua família, veio de mudança para Belo Horizonte onde seus irmãos mais velhos já estavam estudando e fazendo faculdade. Seu pai era guarda-livros, o que seria equivalente à profissão de contador na época e já estava morando em Belo Horizonte desde meados de 1948, a convite de Américo René Gianetti, futuro prefeito de Belo Horizonte, para trabalhar no Departamento de Estradas e Rodagens, sendo um dos primeiros funcionários. Três de seus irmãos mais velhos estudaram engenharia e desde que atingiu idade para ingressar na faculdade sua família fazia pressão para que Antônio Carlos abraçasse a mesma profissão. Mas sua dúvida em relação à escolha do curso superior o levou a fazer um teste vocacional no SOSF, instituição do Estado que funcionava no Instituto de Educação de Minas Gerais, em que psicólogos aplicavam testes desse tipo. Antônio Carlos relata que seu teste teve a duração de um ano e ao final o resultado foi vocação para Economia, para sua surpresa. Prestou vestibular na PUC e passou para o curso de currículo integrado – contabilidade, administração e economia, de duração de seis anos. Já no primeiro ano da faculdade, conseguiu um emprego, por intermédio de seu irmão mais velho, e foi trabalhar com Sandoval de Moraes no banco do Planalto e em seguida no recém-fundado Banco do Progresso, onde trabalhou por dezenove anos até ser convidado para ser diretor em Porto Alegre, em 1986. Mas seu desejo de sair do banco e da profissão de economista já vinha sendo alimentado desde 1984 e esse convite foi a oportunidade para que Antônio Carlos fizesse a ruptura com sua carreira “muito bem-sucedida em seus equívocos”. Segundo seus relatos, foi uma decisão difícil, mas muito bem pensada e irreversível. Uma nova vida profissional começava – o trabalho como galerista de arte e já em 1987 montava sua própria galeria, na Rua Tomé de Souza 860, chamada Matiz Arte Galeria, inaugurada com uma exposição do pintor Carlos Bracher.

A partir desse momento atuou como galerista, colecionador e editor de gravuras e chegou a promover várias exposições. Mas os objetos já tinham começado a sua implacável perseguição.

## 1.2) As Galerias: da galeria de arte à coleção de objetos

Antônio Carlos relata a primeira lembrança em relação ao seu interesse pelos objetos ainda em tenra infância, em Ouro Preto. As crianças da época mamavam no peito da mãe até bem crescidas, quatro a cinco anos aproximadamente, aproveitando o leite de irmãos mais novos. Um dia, ao invés do peito materno lhe é apresentada uma garrafa de vidro verde com um bico de borracha vermelha. Era uma garrafa do refrigerante *Guaraná Champagne Antártica*, acrescido de um bico borracha, pois na época não havia mamadeiras de vidro disponíveis. Esse foi o primeiro objeto curioso a chamar sua atenção. Lembra em seguida, que aos dez anos de idade, já em Belo Horizonte, ao andar pela região do Mercado Central, viu em uma barbearia, uma cadeira de madeira e palhinha à venda. Era uma antiga cadeira de barbeiro que o dono queria se desfazer para comprar uma mais moderna. Arrematou a cadeira com dinheiro que ganhava dos irmãos mais velhos e levou de carroça para casa. Segundo seu relato, lá chegando sua mãe exclamou:

- Bonito hein? Você vai ser barbeiro? Onde você vai colocar isso?

Ele responde que não sabia ainda. E ela retruca:

- Eu sei! No seu quarto. Você tira a sua cama e dorme na cadeira!

E assim ele fez. Durante poucos dias até sua mãe se compadecer...

Conta também, outra história, que aos doze anos de idade seu desejo era possuir uma bicicleta. Ele relembra a sua participação em um concurso infanto-juvenil que na época premiava o vencedor com uma bicicleta nova da marca *Gulliver*. Esse concurso era promovido pelas lojas *Bemoreira* de Belo Horizonte e se chamava "Chute a Gol". Ele acontecia na sede da *TV Itacolomi*. As crianças se inscreviam e durante o programa duas eram sorteadas. As duas então tiravam "par ou ímpar" para escolherem se ficariam no gol ou no chute ao gol. Antônio Carlos foi sorteado, mas perdeu no "par ou ímpar" e teve que ir para o gol, mesmo não sendo sua posição preferida. E na hora do chute, não conseguiu defender.... Segundo relata, foi uma tristeza enorme, um desapontamento. Um tempo depois, próximo à data de seu aniversário, seus pais decidiram comprar a mesma bicicleta *Gulliver* de presente para ele. Aí veio a surpresa do menino: ele não queria de presente a *Gulliver* novinha. Seu objeto de desejo era a bicicleta usada do açougueiro do bairro.... Ela tinha história. Tinha um cesto, um mapa da cidade, uma campainha, um pequeno farol. Não importava o fato de a bicicleta ser grande demais para o menino. Ele queria a bicicleta

velha e usada do açougueiro e a negociação para obtê-la também fazia parte da história da bicicleta. Esse interesse pelos personagens e seus objetos comuns da vida cotidiana permearam a formação da coleção que ele hoje nomeia Museu do Cotidiano.

Voltando ao ano de 1986, ano da virada profissional, ao sair do Banco Progresso e iniciar o trabalho como galerista, Antônio Carlos já possuía os imóveis da Rua Tomé de Souza 860, loja de 50m<sup>2</sup> em que montou a primeira galeria e também a grande loja de aproximadamente 350m<sup>2</sup> da Rua Bernardo Guimarães 1296. Ele já vinha alimentando o desejo de sair do emprego no Banco Progresso e a compra das lojas, além de serem encaradas como investimento, eram parte do plano de mudança de rumo profissional. Ele conta que a princípio não quis montar a Matiz Arte Galeria na loja maior, pois achou pretencioso para um galerista inexperiente. Pensava em ir devagar, primeiro na pequena loja de 50m<sup>2</sup> e depois, dependendo do andamento da galeria, faria a mudança para o endereço maior.

A loja da rua Bernardo Guimarães era usada para guardar quadros e alguns objetos, a essa altura uns 200, dos mais variados tipos, incluindo a bicicleta do açougueiro da infância, entre outros. Havia uma mesa para receber amigos que eventualmente vinham beber com Antônio Carlos em noites de conversa animada. Numa dessas reuniões, estavam presentes Fernando Luchesi, Roberto Vieira, Thaís Helt e Amilcar de Castro, todos artistas plásticos além de Adriana Moura, fotógrafa. Ao ver o interesse e as histórias contadas por Antônio Carlos sobre esses objetos guardados na loja, Amilcar fala para ele:

- Antônio, o que você gosta mesmo é dessa história dos objetos. Vá fundo nisso! Vá até as



últimas consequências! (Relato de Antônio Carlos à pesquisadora em novembro 2016).

Figura 2: foto reunião com artistas na loja da Rua Bernardo Guimarães. Fonte: acervo pessoal de Antônio Carlos Figueiredo. 1990



Figura 3: foto reunião com artistas na loja da Rua Bernardo Guimarães. Em primeiro plano está Fernando Lucchesi e logo ao lado Antônio Carlos. Fonte: acervo pessoal de Antônio Carlos Figueiredo. 1990.

Esse conselho, segundo conta Antônio Carlos, ficou ecoando em sua cabeça - “Ele leu isso antes de mim” e aos poucos foi o que ele fez. Em 1992 ao mudar a galeria para o endereço da Rua Bernardo Guimarães, o acervo já era uma

mescla de artes plásticas e de objetos. Alguns à venda outros não, a maioria disponível para locação para produção de filmes, fotos, comerciais e novelas. Ele muda o nome da galeria para Matiz Arte e Objeto em 1993. Segundo seu relato, até 1995 ela funcionou em horário comercial, com porta de vidro para a rua, com secretária etc. A partir dessa data, a loja começa a funcionar com as portas de aço fechadas e atendimento com hora marcada. Desde meados de 2005 passa a encarar esse trabalho de coleta e guarda como a sua vocação profissional principal e finalmente conceitua seu acervo como uma coleção voltada à vida cotidiana. Começa então a usar o nome “Museu do Cotidiano” evitando cada vez mais a comercialização dos objetos.

### **1.3) A caça aos objetos – técnicas de coleta**

A aquisição dos objetos é um assunto fundamental na composição, conceituação e compreensão do seu acervo. Uma vez dominado pelos objetos – segundo Antônio Carlos conta, são os objetos que o perseguem e não o contrário - as formas de coleta são bem interessantes e diversas. Seguem algumas rotinas, quebradas muitas vezes pelo acaso e pela deriva na cidade. Em geral a coleta conta com o apoio de um grupo de “carrinheiros” – pessoas que andam pela cidade com carrinhos de mão coletando objetos descartados ou em via de descarte. São pessoas que Antônio Carlos conhece de longa data e que o mantém informado sobre desmontes de lojas, de casas, descartes de empresas etc. Há outro grupo

de apoio formado por donos de lojas do tipo “topa tudo”<sup>1</sup>, a maioria amigos e parceiros, pois sabem que Antônio Carlos não representa concorrência para eles. Há uma “conduta padrão” na relação comercial com esses lojistas que consiste em, por exemplo, não perguntar a fonte dos objetos, não barganhar demais e sempre negociar pagamento à vista. Mas também há artimanhas da parte do comprador, como não demonstrar muito interesse pelo objeto desejado - virar de costas e observar outros objetos que a princípio não seriam negociados, mas que no “bolo” das compras são adquiridos para não levantar suspeita de qual seria realmente o objeto almejado, evitando um aumento de preço. As visitas a essas lojas são semanais, às vezes diárias. Um dos locais mais visitados é o Edifício Maleta no centro da cidade, onde Antônio Carlos mantém um grupo de amigos lojistas e onde gosta de passear e adquirir objetos. Visita com frequência a loja do João Relojoeiro, que está no edifício desde os anos 1970, e onde há toda sorte de relógios, de pulso e de parede, além de pequenos objetos relacionados a esse universo. A maior parte de seus relógios de pulso foram adquiridos nesse local.



Figura 4: Foto fachada loja João Relojoeiro – Edifício Maleta. Fonte: acervo pessoal Antônio Carlos Figueiredo.

<sup>1</sup> Lojas Topa-Tudo são lojas que comercializam objetos e móveis usados, de diversas origens, estado de conservação, valor e tipologias. Se diferenciam das lojas de antiguidades pois normalmente praticam preço baixo na comercialização dos itens, valorizando o giro rápido das mercadorias em detrimento ao valor agregado de algum item específico.



Figura 5: Foto João Relojoeiro – Edifício Maleta. Fonte: acervo pessoal Antônio Carlos Figueiredo.

Ao lado da loja do João Relojoeiro fica a loja do Wilson Sapateiro, antigo local do *Armarinho Acapulco* – cujo mobiliário e todo o estoque foi arrematado por Antônio Carlos, exceto pela placa, um dos seus objetos de desejo mais difíceis de conseguir. No segundo piso fica o abarrotado e confuso *Sebo do Tião*, fonte de inúmeras aquisições. Nesse piso também há o *Sebo Rosarium* do Vandeir, considerado por Antônio Carlos como de “bom olho”, sofisticado e com curadoria bem mais seletiva.

As lojas “topa-tudo” do bairro Carlos Prates (leia-se avenida Tereza Cristina) são outros locais de visita constante. Ali, o que ele mais encontra são itens de mobiliário, fruto de leilões para os quais os donos dessas lojas muitas vezes se organizam em cotas com o objetivo de viabilizar a participação e depois dividirem os itens comprados de acordo com as especificidades de seus clientes e lojas. Muitas cadeiras e mesas de seu acervo provém dessas lojas.

Uma outra estratégia de coleta utilizada por Antônio Carlos de forma não sistemática, mas recorrente é o que poderíamos chamar de **deriva**. Ele sai de casa sem saber ao certo onde ir. Caminha até o centro da cidade, perto da região da Santa Casa, região hospitalar onde são encontradas muitas linhas de ônibus que chegam de diversos pontos da cidade. Ele

espera um ônibus no ponto sem saber qual linha vai pegar. Entra e segue viagem. Em determinado momento, segundo conta, ele “sente” que deve descer do ônibus. E deixa o acaso guiar. Sai andando sem rumo, observando, mapeando.

Esse procedimento, merece uma atenção especial, por diversos motivos. Antônio Carlos utiliza dessas estratégias intuitivamente mas, ao analisarmos mais de perto, podemos identificar que elas guardam semelhanças com estratégias de criação usadas pelos artistas do movimento **surrealista**<sup>2</sup> e também pelos ativistas **situacionistas**<sup>3</sup> franceses. Além disso, elas incluem nosso sujeito na categoria poética/política dos **flâneurs** descritos por Walter Benjamin a partir da obra do poeta francês Baudelaire. Suas estratégias de coleta são relevantes ao identificarmos (mais adiante neste texto) o colecionador/objeteiro também como um criador.

Começaremos comentando a figura do *flâneur*, personagem urbano que aparece pela primeira vez no ensaio *Le Peintre de La Vie Moderna* (O Pintor da Vida Moderna) de Charles Baudelaire, publicado em 1863, no qual o escritor descreve sua deambulação sem destino pela cidade de Paris, cidade essa em profunda transformação arquitetônica, urbana e social. Nesse ensaio, o escritor descreve um certo senhor G., um homem culto, movido pela curiosidade e pela convalescença. “Ora, a convalescença é como uma volta à infância. O convalescente goza em mais alto grau, como a criança, da faculdade de se interessar intensamente pelas coisas, mesmo por aquelas que aparentemente se mostram as mais triviais”. (BAUDELAIRE, 2006). Através do olhar desse personagem, ávido e interessado, especialista no exercício da observação, Baudelaire empreende uma crítica ao novo modelo social que emergia da intensa industrialização e concentração urbana. O sr. G, segundo Baudelaire, não poderia ser considerado um *dândi*, apesar de seu estofo intelectual, ele não tinha uma predileção pela indiferença, não era *blasé*. Era afetado pelas coisas do mundo pelas quais tinham grande interesse e paixão. “G tem horror às pessoas entediadas”. (BAUDELAIRE, 2006). Ele é o grande observador, desprovido de julgamentos

---

<sup>2</sup> Movimento de vanguarda artística e literária surgido na França nos anos 1920, que, influenciado pela obra de Sigmund Freud, principalmente no que diz respeito à descrição do inconsciente humano, vai elaborar procedimentos de criação artística e literária que contrapõem a racionalidade e que se utilizam do acaso além do próprio inconsciente.

<sup>3</sup> O movimento Situacionista, ou Internacional Situacionista, movimento político e artístico surgido nos anos 1957, apesar de ter sido criado originalmente na Itália, teve destaque por sua atuação na França, em especial na figura de Guy Debord. O movimento criticava fortemente a separação da arte como atividade especializada, apartada da política e da vida e propunha uma forma de arte revolucionária no sentido de estar atrelada à vida cotidiana.

morais. “Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito”. (BAUDELAIRE, 2006). Benjamin vai acrescentar a esse personagem de Baudelaire outros atributos em relação à vida na cidade. Vai identificar nos interstícios urbanos, conformados pelas galerias, um espaço mais silencioso, uma cidade em miniatura, onde a *flanerie* é possível longe do caos e do barulho das ruas; onde o flâneur pode exercer sua observação.

As calçadas largas eram raridade antes de Haussmann; as estreitas ofereciam pouca proteção contra os veículos. A *flanerie* dificilmente poderia ter-se desenvolvido em toda a plenitude sem as galerias. ‘As galerias, uma nova descoberta do luxo industrial – diz um guia ilustrado de Paris de 1852 – são caminhos cobertos de vidro e revestidos de mármore, através de blocos de casas, cujos proprietários se uniram para tais especulações. De ambos os lados dessas vias se estendem os mais elegantes estabelecimentos comerciais, de modo que uma de tais passagens é como uma cidade, um mundo em miniatura’. Nesse mundo o flâneur está em casa; (...) (BENJAMIN, 1994, p.34,35).

Mas praticar a *flanerie*, mesmo na época descrita por Baudelaire e posteriormente analisada por Benjamin, já era uma atitude de resistência. Resistência ao tempo funcional das atividades do trabalho, à massificação, à recusa ao ócio. Hoje, na velocidade excessiva da metrópole, praticar a *flanerie* soa mesmo como uma forma de resistência. Antônio Carlos tem em comum com o *flâneur* de Baudelaire a grande curiosidade pelo Outro. Tem por estratégia colocar-se à disposição para ser afetado, como procedimento para descobrir histórias cotidianas, seus personagens e objetos. Essa característica é um dos elementos identificados ao longo do período de pesquisa, como um procedimento de criação artística, utilizado informalmente na constituição do acervo-obra.

No caso das estratégias dos artistas surrealistas, o uso recorrente do acaso como técnica era parte do processo criativo e tinha como objetivo enfatizar o uso do inconsciente (descrito por Freud em textos que tiveram grande influência no movimento) na criação, em detrimento ao excessivo uso da razão. Técnicas de escrita e desenho como a do *cadavre exquis*, onde um pedaço de papel era dobrado

(...) em tantas partes quantos os participantes que, sem verem o que o outro desenhava, apenas pegando algumas linhas e formas que chegavam ao limite da dobra, tinham de lhes dar continuidade e realizar no espaço que lhe foi atribuído um desenho liberto de preocupação moral, apenas atendendo ao repertório imagético e onírico que se apresentasse em automatismo. O resultado, fruto do acaso na construção deste discurso ou poema visual, afirmava-se como um ato de liberdade que procurava eliminar o controle exercido pela razão e a aura do domínio autoral. (GINGA, 2001).

Mas os surrealistas valorizavam sobretudo os aspectos oníricos criados pelas técnicas de uso do acaso e do inconsciente. Não propunham sair do campo das artes propriamente dito ou embaralhar arte e vida, como mais tarde viriam a propor os situacionistas. As vanguardas artísticas europeias do início do século XX, das quais o surrealismo fez parte, tiveram em contrapartida, o grande mérito de ampliar as categorias das obras de arte, com mecanismos de criação como o *objet trouvé* ou *readymade*<sup>4</sup> e a *performance*<sup>5</sup>, tirando a criação artística da redoma do academicismo, ampliando também o leque de criadores. Além disso os surrealistas se opunham “contra o gosto, orientado pelas convenções sofisticadas do *bom tom*” (DUROZOI, LECHERBONNIER, 1971). Essa quebra com o “bom gostismo” é comum ao interesse de Antônio Carlos por objetos kitsch do cotidiano, objetos de produção em massa da chamada baixa cultura e também pelo interesse que possui, desde os tempos que atuava como galerista de arte, pelos trabalhos dos artistas conhecidos como “artistas populares” como o pintor Amadeo Lorenzato<sup>6</sup> - artista pelo qual alimenta grande admiração e do qual possui grande acervo e o escultor Artur Pereira<sup>7</sup>.

Já o **situacionismo**, movimento artístico e político iniciado em 1958 na França por Guy Debord, tinha como procedimento de criação e apropriação, a deriva pela cidade, que consistia na estratégia de deixar o caminho guiar, sem um roteiro prévio para depois mapear as ambiências percebidas, o percurso afetivo e atuar sobre ele. A partir da deriva construir uma situação.

---

<sup>4</sup> *Ready-made* foi um termo criado por Marcel Duchamp, artista francês que pertenceu aos movimentos de vanguarda artística Dadaísmo e Surrealismo, no início do século XX, que consistia na criação de objetos artísticos a partir de artigos comuns, cotidianos, aleatoriamente escolhidos, reunidos e deslocados para um museu ou galeria de arte. O *ready-made* questionava a noção de valor de uma obra de arte, ao propor que qualquer objeto cotidiano poderia ser alçado à condição artística, dependendo da validação conferida a ele e da noção de autoria. A diferença entre *ready made* e *objet trouvé* está, segundo o próprio Duchamp na natureza dos objetos utilizados. Os *ready-made* são objetos de produção em massa, repetidos, seriados, que possibilitem a reprodução da mesma obra inúmeras vezes, problematizando ainda mais a noção de autoria. No caso do *objet trouvé*, eram utilizados qualquer tipo de objeto “achado”, podendo ser uma peça única, o que em tese, impossibilitaria sua reprodução.

<sup>5</sup> A performance, como categoria artística independente do teatro, pode ser observada pioneiramente na apropriação pelo movimento de vanguarda artística Futurismo da obra de Alfred Jarry. Mas é durante o movimento Dadaísta que a performance é desenvolvida de forma mais sistemática, principalmente após a inauguração do Cabaret Voltaire, em Zurique em 1916. Como campo artístico mais autônomo a performance consolida-se entre as décadas de 1950 e 1960.

<sup>6</sup> Amadeo Lorenzato, artista mineiro, nascido em Belo Horizonte no ano de 1900, descendente de italianos, viveu durante 22 anos na Europa no período entre as duas grandes guerras mundiais. Foi pintor de paredes até aproximadamente 60 anos de idade, quando começou a exercer a atividade artística. Pintou sobretudo temas do cotidiano, ininterruptamente até a morte, em 1994.

<sup>7</sup> Artur Pereira, escultor mineiro, nascido em Cachoeira do Brumado, próximo a Mariana, é conhecido pelas peças de madeira cedro em que retrata animais e presépios.

Deriva: Modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência. (IVAIN *apud* JACQUES, 2003).

(...) Andar pela cidade não tem graça, é preciso fazer um tremendo esforço para ainda encontrar algo de misterioso nas tabuletas de rua, última expressão do humor e da poesia. (IVAIN *apud* JACQUES, 2003).

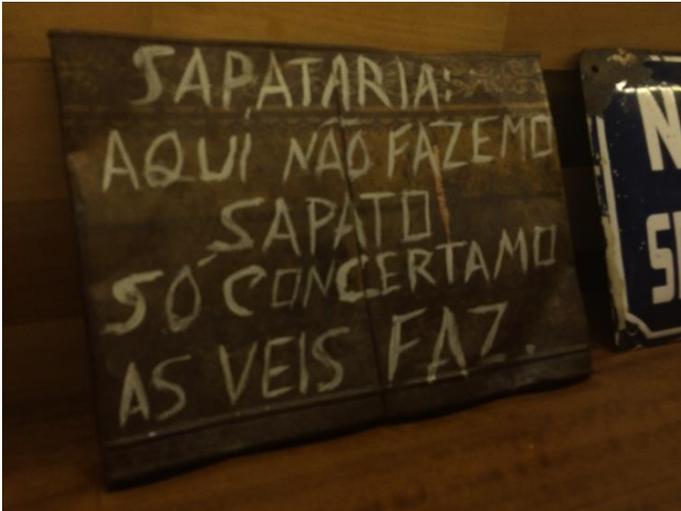


Figura 6: Placa acervo Museu do Cotidiano. Fonte: foto da autora, novembro, 2016.



Figura 7: Placa acervo Museu do Cotidiano. Fonte: foto da autora, novembro 2016.

Consideravam a deriva como desalienação, como experiência física, estética e política. Consideravam que a cidade deveria ser habitada pelo *homo ludens*, e que o jogo deveria ser uma possibilidade de reorganizar a existência e a vida cotidiana. Nas suas andanças, Antônio Carlos joga com as possibilidades para que se transformem em situações. Usa o acaso como ferramenta desse jogo. Frequenta lugares com escalas heterogêneas, frequentados por diversas classes sociais. Busca resíduos e fragmentos. Às vezes encontra uma caçamba que vasculha, às vezes se depara com algum tipo de loja de bairro, uma loja de prestação de serviço como conserto de bicicleta, por exemplo.

Entra e conversa, “assunta”. Conhece pessoas, pergunta sobre a atividade, se interessa por algum objeto. Negocia. Todos esses lugares e procedimentos o fazem entrar em contato com algum tipo de objeto cotidiano, banal no sentido de seu uso e valor. Objetos de produção em massa que foram descartados pela falta de uso ou obsolescência. São raríssimos os objetos de valor encontrados por essas vias. E essa nunca foi a intenção de

Antônio Carlos que, por sinal, não gosta de ser chamado de colecionador. Prefere o uso do termo “objeteiro”. Ele relaciona a palavra colecionador a um tipo de pessoa que procura objetos valiosos, raros e antigos. Ele se interessa principalmente pela história envolvendo a coleta e o objeto. O processo é parte integrante da coleção. Não há uma busca pelo valor material, mas pela intensidade em que o objeto afeta o “objeteiro”.

#### 1.4) Relato de uma deriva



Figura 8: Foto registro dia da deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

Em 06 de Novembro de 2018 acompanhei Antônio Carlos em uma das suas incursões aleatórias pela cidade. Fotografei quando era possível usando meu celular, para evitar chamar muita atenção com uma câmera fotográfica. Pegamos um ônibus ao acaso, na avenida Alfredo Balena e seguimos sem saber o rumo. Fomos parar no bairro Goiânia. Percorremos, durante aproximadamente três horas, algumas ruas do bairro. Observando, conversando, entrando em estabelecimentos comerciais.

Ao finalizar meu dia de acompanhamento a esse tipo de “técnica” de captação de objetos (e de histórias), pude observar que o fato dele se manter em movimento pela cidade, com um olhar aberto a observar as pessoas no seu dia-a-dia, a observar as dinâmicas da cidade e suas constantes mudanças, possibilita uma aproximação com as táticas cotidianas que as pessoas empreendem. Essas táticas, segundo Michel de Certeau, se dão no tempo, na ocasião e não num espaço delimitado.

Denomino (...) “tática” um cálculo que não pode contar com um “próprio”, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (assim, no supermercado, a dona de casa, em face de dados heterogêneos e móveis, como as provisões no *freezer*, os gostos, apetites e disposições de ânimo de seus familiares, os produtos mais baratos e suas possíveis combinações com o que ela já tem em casa etc.), mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião. (CERTEAU, 1994, p.45).

A possibilidade de “esbarrar” com táticas cotidianas se daria pela própria disposição do colecionador, ao se colocar também em movimento, como numa dança onde, de vislumbre, conseguiria captar essas ocasiões temporais cotidianas. É um tipo de coreografia que, à maneira dos surrealistas e situacionistas, se utiliza do artilho do acaso em busca de situações, surpresas, revelações, estranhamentos. Se no caso dos situacionistas a deriva tinha no caminhar uma prática estética, para o colecionador é uma prática existencial, de resistência ao tempo útil e burocrático, uma busca pelo lúdico como estratégia de vida. Ele parece saber, intuitivamente, que essa prática de caminhar pela cidade é a única possibilidade de se ver frente a frente com o cotidiano que tanto preza. Colocando-se

integralmente de forma receptiva para apreender momentos do imprevisível, do imponderável. Fenômenos que não tem lugar na ordem, na racionalidade. Acontecimentos que escapam dos relatos, das histórias. Em alguns casos, quando ocorre um tipo de encontro, ele consegue captar um objeto que carrega na sua materialidade uma forma de imaterialidade cotidiana. Em outros casos, encontra a própria imaterialidade, sob a forma de relatos das suas experiências vividas na deriva.

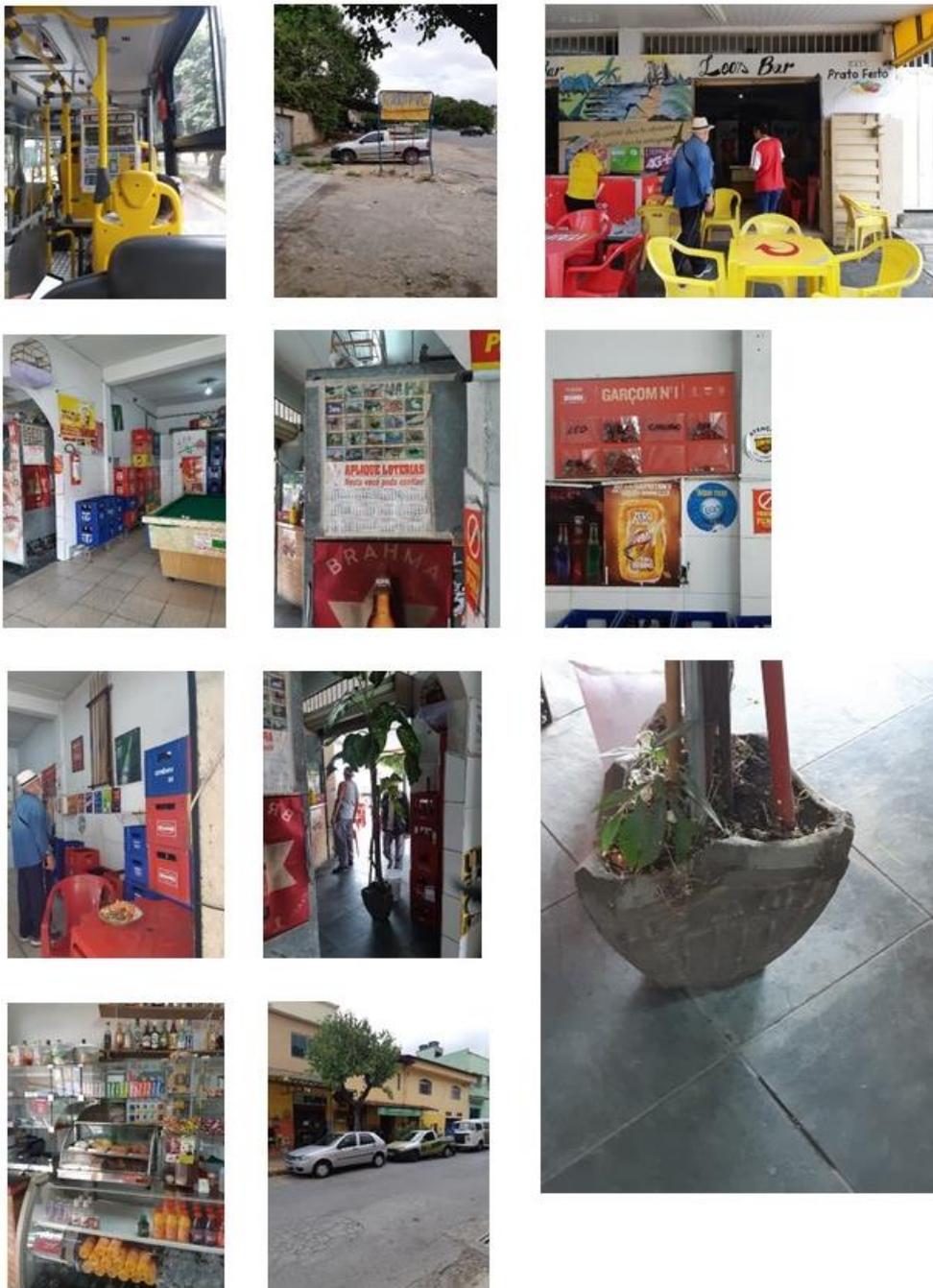


Figura 9: fotos registro dia da deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci. 2018.



Figura 10: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.



Figura 11: Fotos de registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecchi, 2018.

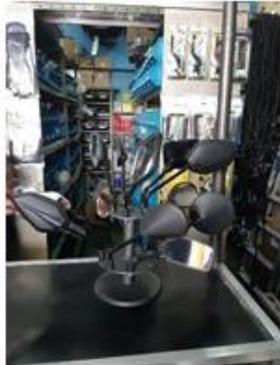


Figura 12: Fotos de registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.



Figura 13: Fotos de registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.



Figura 14: Foto registro dia deriva. Antônio Carlos observando objeto em um ferro-velho no bairro Goiânia. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.



Figura 15: Fotos de registro dia deriva. Via com vários galpões de ferro-velho. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.



Figura 16: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.



Figura 17: Fotos de registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecchi, 2018.



Figura 18: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

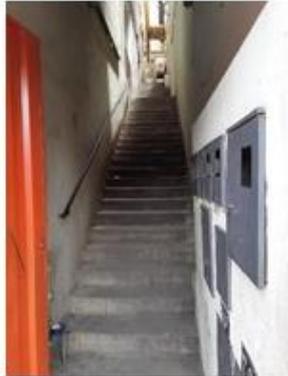


Figura 19: Fotos de registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecchi, 2018.



Figura 20: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.



Figura 21: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.



Figura 22: Fotos de registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.



Figura 23: Foto registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.



Figura 24: Fotos de registro dia deriva. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2018.

### **1.5) A formação do lugar: um gabinete de curiosidade contemporâneo?**

A loja da Rua Bernardo Guimarães é o principal local de guarda do acervo de Antônio Carlos. A cada dia que passa, fica mais abarrotada de objetos. Há alguns anos, em conversas informais, Antônio Carlos me contou sobre as várias possibilidades de transferência do acervo para outros locais. Algumas pessoas ligadas à Universidade Federal de Minas Gerais aventaram a transferência para o edifício da Faculdade de Direito no centro da cidade. Em outra ocasião, pessoas ligadas à Secretaria Estadual de Cultura de Minas Gerais sugeriram e indicaram o edifício do DETRAN, na Avenida João Pinheiro. Todas essas conversas e promessas resultaram em nada e trouxeram uma grande frustração para o colecionador que vivia na expectativa de concretizar uma via institucional para seu acervo. Diante desses acontecimentos e após uma conversa que tivemos sobre esse tema – o espaço de guarda e exibição, ele se convenceu de que o local do Museu deveria ser onde ele já está: na loja da Rua Bernardo Guimarães. Esse endereço é estratégico do ponto de vista de sua inserção no circuito de museus existente na praça da Liberdade, a apenas um quarteirão de distância. Além disso, é um imóvel próprio, que pode fazer parte do futuro instituto que Antônio Carlos pretende fundar com objetivo de institucionalizar sua coleção. Mas para além de tudo isso, podemos enxergar nesse espaço um interessante lugar de fruição, diferente e original em sua apresentação do acervo. Foi a partir desse olhar e de uma certa inquietação conceitual que resolvi abordar o Museu do Cotidiano como tema no curso de mestrado. Essa inquietação dialoga com conceitos do campo da museologia, pois procura entender, entre outras coisas, como poderíamos tirar partido da organização espacial do acervo como elemento importante na fruição, percepção e interação dos visitantes. Além disso podemos perceber que essa organização constitui em certo sentido, uma obra artística em constante elaboração. Um museu-obra, onde, o arranjo dos objetos é parte constitutiva do acervo, como abordaremos mais adiante.

O fenômeno dos “Gabinetes de Curiosidade” dos séculos XVI e XVII observados na Europa e considerados por alguns historiadores como precursor do museu, foi o fenômeno com o qual procurei estabelecer diálogos conceituais possíveis com o acervo e o local de guarda do Museu do Cotidiano. O ato de colecionar, o acúmulo de objetos e a organização particular do acervo foram os indícios para essa aproximação.

## 1.6) Os Gabinetes de Curiosidade



Figura 25: O museu de Ferrante Imperato. De Ferrante Imperato, Dell'istoria naturale (Venice 1672 ed.). Apud FINDLEN, 1996.

Na Europa dos séculos XVI e XVII, colecionar tinha se transformado na atividade preferida entre uma educada elite social.

Aqueles que a partir do fim do século XV serão chamados *Humanistas*, de fato não correspondem a nenhum dos grupos existentes: não se definem pelo exercício de uma mesma profissão, nem pela pertença comum a uma organização, o clero. Mas pelo culto que votam aos *bonne litterae, litterae antiquiores*. As coleções de antiguidades formam-se e propagam-se à medida que este grupo se constitui, primeiro na Itália, depois nos países transalpinos. É só num segundo momento e sob a influência dos humanistas que as coleções deste gênero se formarão nas cortes principescas, dos Medicis, dos Este, de papas e de cardeais, em Itália, de Matias Corvino na Hungria, dos reis de França e de Inglaterra, etc. Na segunda metade do século XVI, a moda de colecionar antiguidades difundiu-se em todos os países europeus, e em ambientes muito diversos; mesmo entre mercadores (...). Entre 1556 e 1560, um gravador e colecionador belga, Hubert Goltz, fez várias viagens pela Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Suíça, Itália e França, durante as quais visitou colecionadores de antiguidades em todas as cidades que passou. A lista que elaborou comporta novecentos e sessenta e oito nomes. (POMIAN, 1997)

Os gabinetes, em sua maioria se caracterizavam como locais de guarda e exibição de objetos curiosos, de antiguidades e raridades da natureza, uma atividade predominantemente masculina, de caráter privado. Localizados nas residências de nobres, aristocratas e cientistas relacionados à classe alta, em espaços internos de transição entre vida pública (salas, bibliotecas e escritórios) e a vida privada (quarto, cozinha, capela). Esse fenômeno também foi conhecido como Gabinetes das Maravilhas e Teatro da Natureza, entre outros nomes. Apesar de guardar algumas semelhanças com a instituição que mais tarde viria a ser chamada de Museu, “os gabinetes operavam diferentes princípios de organização, exibição e interpretação” (BOWRY, 2015). Mas porque tantos europeus se dedicaram ao colecionismo como uma “chave para entender o mundo”? Segundo Paula Findlen, a criação dessas coleções foi uma tentativa de gerenciar a grande quantidade de novos materiais, tanto da natureza, como de artefatos humanos, a difusão de textos antigos, o aumento de viagens a terras nunca visitadas e às trocas entre culturas nunca antes experimentadas. Foi um momento de grandes descobertas e mudanças geopolíticas nas nações europeias (FINDLEN, 1994). Um exemplo do que era o conteúdo de um gabinete do século XVII é o do inglês John Tradescant, um diplomata, viajante aventureiro, colecionador, precursor em cultura agrícola, um polímata - pessoa cujo conhecimento não está restrito a uma única área, alguém que detém um grande conhecimento em diversos assuntos. Viveu na Inglaterra nos séculos XVI e XVII. Em 1638, um viajante alemão chamado Georg Christoph Stirn registrou uma descrição detalhada da coleção de Tradescant e seus conteúdos. A descrição é a seguinte:

No museu do Sr. John Tradescant, há as seguintes coisas: primeiro no pátio há duas costelas de uma baleia, também um pequeno barco de casco muito engenhoso; então, no jardim, todos os tipos de plantas estrangeiras, que se encontram em um pequeno livro especial que o Sr. Tradescant imprimiu sobre eles. No próprio museu, vimos uma salamandra, um camaleão, um pelicano, uma rêmora, um lanhado da África, uma perdiz branca, um ganso que cresceu na Escócia em uma árvore, um esquilo voador, outro esquilo como um peixe, todos os tipos de pássaros coloridos da Índia, uma série de coisas transformadas em pedra, entre outras, um pedaço de carne humana em um osso, cabaças, azeitonas, um pedaço de madeira, uma cabeça de macaco, um queijo, etc. todos os tipos de conchas, uma mão de uma sereia, uma mão de uma múmia, uma mão de cera muito natural sob vidro, todo tipo de pedras preciosas, moedas, uma imagem de penas ferradas, um pequeno pedaço de madeira da cruz de Cristo, imagens em perspectiva de Henry IV e Louis XIII da França, que são mostradas como na natureza em um espelho de aço polido quando isso é realizado contra o meio da imagem, uma pequena caixa em que uma paisagem é vista em perspectiva, fotos de a igreja de S. Sophia em Constantinopla, copiada por um judeu em um livro, duas xícaras de rinoceronte, uma xícara de um alcedo indiano que é uma espécie de unicórnio, muitos sapatos e botas turcas e estrangeiras, um papagaio, peixe-sapo, um casco de alce com três garras, um bastão tão grande como um pombo, um osso humano pesando 42 libras. As flechas indianas usadas pelos

verdugos nas Índias Ocidentais - quando um homem estava condenado à morte eles abriam suas costas com elas e ele então morria, um instrumento usado pelos judeus na circuncisão, uma madeira muito leve da África, a túnica do Rei da Virgínia, alguns cálices de ágata, um cinto como os turcos usam em Jerusalém, a paixão de Cristo esculpida muito delicadamente em uma canela, uma grande pedra magnética, uma imagem de S. Francis em cera sob cúpula de vidro, bem como um S. Jerônimo, o Pater Noster do papa Gregório XV, cachimbos das Índias Orientais e das Índias Ocidentais, uma pedra encontrada nas Índias Ocidentais na água, na qual estão gravados Jesus, Maria e José, um lindo presente de o duque de Buckingham, feito de ouro e diamantes afixados a uma pena na qual os quatro elementos estavam representados, MS de Isidor de *natura hominis*, um flagelo com o qual Charles V foi flagelado, uma faixa de chapéu de ossos de cobra. (STIRN, Apud MACGREGOR, 1983, p. 21)

Nesse relato notamos que há também uma heterogeneidade nos objetos do acervo, descritos minuciosamente. Há objetos naturais, como animais, pedras e plantas quanto artefatos de fabricação do homem, dispostos lado a lado. John Tradescant e seu filho de mesmo nome, trabalharam para uma série de patrões eminentes (entre eles Robert Cecil, o Duque de Buckingham e Charles I), supervisionaram alguns dos grandes jardins da época e foram responsáveis por introduzir muitas novas plantas na Grã-Bretanha. Entre 1618 e 1627, John pai participou de diversas viagens de trabalho para lugares distantes, como Rússia e norte da África, sempre coletando plantas, animais e objetos. Tanto pai quanto filho foram pessoas notáveis na Inglaterra e seu acervo foi adquirido por Elias Ashmole que por sua vez o doou para a Universidade de Oxford onde foi aberto ao público em 1683 dentro um dos primeiros museus da história, o Ashmolean Museum.

O controle da natureza foi o objetivo da prática de coleta inicial e foi a força motriz por trás da ordenação e catalogação de objetos e artefatos. Esta é uma consideração importante que deixa claro o fato de que as coleções resultantes deste processo foram fundadas em um princípio organizacional, que, embora estranho ao colecionador moderno, dependia de considerações filosóficas relevantes na época. Em consonância com este princípio, os colecionadores dos séculos XVI e XVII conceberam estratégias que incluíam a categorização sistemática dos objetos em sua posse. Na maioria dos casos, esses objetos foram guardados e exibidos de maneira organizada, mesmo que os critérios de organização fossem, por vezes, subjetivos; variando ligeiramente de uma coleção para outra.

Independentemente das suas variações potenciais, as estratégias adotadas por esses coletores lhes permitiram impor uma ordem no mundo natural. Sua capacidade de fazer isso era considerada uma forma de poder, que, por sua vez, era entendida como uma característica única da humanidade. Neste contexto, então, a coleta e controle de objetos materiais não era um fim em si, mas era parte integrante de um processo contínuo de autodescoberta, da formação da identidade do homem como parte do universo maior, mas distinto entre os produtos da criação divina. (BERRY, S/D)

(<http://www.ashmolean.museum/ash/amulets/tradescant/tradescant01.html>) - livre tradução da autora), acesso 02/01/2019.



Figura 26: Europa. Jan van Kessel, 1666. Antuérpia. Fonte: [www.commonswikipedia.org](http://www.commonswikipedia.org) . Acesso 02/01/19.

Nesta imagem, Van Kessel descreve o colecionador; ao cercá-lo de objetos, a sua capacidade de exibi-los também foi exposta. O conjunto de objetos delimita não apenas **o que** o colecionador acumulou, mas **como e onde** a coleta foi produzida; assim, a pintura *Europa* exhibe as mesmas propriedades que já atribuímos aos catálogos de museus. A caixa de correio aberta e as moedas espalhadas em primeiro plano aludem aos recursos sociais e financeiros necessários para iniciar um museu - amigos e riqueza. As repetidas referências ao papado Chigi sugerem as redes de clientelismo intrincadas e o princípio da acessibilidade que está por trás de qualquer museu de sucesso. Em vez de representar o museu como um templo de solidão de Petrarca, o quadro *Europa* de van Kessel captura a cultura humanista da Itália renascentista e barroca, uma cacofonia visual e verbal que sauda o colecionador quando ele entra no estúdio. (FINDLEY, 1996, p.46, tradução da autora)

A aproximação conceitual que procuro estabelecer com o fenômeno do “gabinete de curiosidades”, é em relação à forma como a coleção de Antônio Carlos está disposta. Ela teria uma importância fundamental na fruição do conteúdo exposto. A forma teria ressonância desses gabinetes de curiosidades europeus, dos séculos XVI e XVII, onde a disposição dos elementos obedecia a critérios subjetivos dos colecionadores, a estratégias de arranjos visuais bastante particulares. Ainda não havia a racionalidade classificatória do iluminismo. O objetivo do arranjo dos objetos no espaço das salas ou gabinetes era, entre outros, provocar o espanto, o “maravilhamento” nos visitantes. O resumo do mundo numa

sala. A sala/quarto das maravilhas. Mas como estabelecer uma relação entre algo tão distante temporal e fisicamente? Um fenômeno social da Europa nos séculos XVI e XVII guarda que semelhança com uma coleção dos séculos XX e XXI do Brasil? Citando Georges Didi-Huberman:

“É preciso, eu ousaria dizer, um estranhamento a mais para se confirmar a paradoxal fecundidade do anacronismo. Para se chegar aos múltiplos tempos estratificados, às sobrevivências, às longas durações do mais-que-passado mnésico, é preciso o mais-que-presente de um ato reminiscente: um choque, um rasgar de véu, uma irrupção ou aparição do tempo, tudo o que Proust e Benjamin disseram tão bem sobre a memória involuntária”. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p.26)

No livro “Diante do Tempo”, Didi-Huberman constrói a ideia da leitura anacrônica das imagens na história da arte. Descreve uma experiência vivenciada por ele na década de 1980 em Florença diante de uma pintura do século XV de Fra Angelico, no convento de São Marcos, na qual observou, para seu espanto, um procedimento pictórico semelhante ao usado pelo pintor Jackson Pollock no século XX. Nenhum comentário sobre esse detalhe tinha sido elaborado até então, talvez pela tendência dos historiadores a lidarem com interpretações eucrônicas, contextualizadas no tempo das obras. Didi-Huberman vai reconhecer a necessidade do anacronismo, na apreciação dos próprios objetos e imagens. Propõe então, baseado na obra de Walter Benjamin, Aby Warburg e Carl Einstein uma leitura das imagens e objetos a partir de um tempo complexo, uma montagem de tempos heterogêneos formando anacronismos.

Para Benjamin, o crítico literário devia se um militante na batalha dos novos. Sua pesquisa voltava-se para o passado quando este não era mero passado, voltava-se por exemplo, para a obra de Baudelaire quando descobria nela um tique-taque que só podia ser bem ouvido um século depois de produzido, ou seja, na própria época do crítico. (Algo semelhante se deu com a redescoberta de Qorpo Santo através do teatro do absurdo, de Sousândrade pelos concretistas, de Bosch e Breughel pelo Surrealismo.) Para Benjamin, importava compreender melhor o passado não por ele ser passado, mas porque nele já estava contido o presente. Para o crítico, em sua visão, uma obra do passado não é do passado, mas do presente já presente no passado. Daí o conceito de crítica como ressurreição da obra. (KOTHE,1976, p. 46)

Para melhor compreensão do nosso objeto de investigação vale indagar as relações existentes entre a coleção de objetos de Antônio Carlos Figueiredo e os gabinetes de curiosidades europeus dos séculos XVI e XVII. Estamos diante de um anacronismo? Quais os procedimentos e estratégias eles tem em comum?

Algumas pistas para essa compreensão foram apontadas no texto de James Putnan, “Art and Artifact – The Museum as Medium”. O autor é um curador inglês reconhecido

justamente pela criatividade e inovação curatorial na justaposição entre arte contemporânea e acervos históricos de museus de arte. No livro Putman identifica alguns conceitos e estratégias com as quais os artistas modernos e contemporâneos se identificaram com os gabinetes de curiosidades dos séculos XVI e XVII, sendo a primeira estratégia muito próxima ao objeto de estudo aqui descrito: a **assemblage**, ou seja, a colagem com objetos heterogêneos, a justaposição de diversos objetos.

O termo *assemblage* é incorporado às artes em 1953, cunhado pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet (1901-1985) para fazer referência a trabalhos que, segundo ele, "vão além das colagens". O princípio que orienta a feitura de *assemblages* é a "estética da acumulação": todo e qualquer tipo de material pode ser incorporado à obra de arte. (...) A ideia forte que ancora as *assemblages* diz respeito à concepção de que os objetos díspares reunidos na obra, ainda que produzam um novo conjunto, não perdem o sentido original. Menos que síntese, trata-se de justaposição de elementos, em que é possível identificar cada peça no interior do conjunto mais amplo.

(In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em:  
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage>)

O outro conceito observado pelo autor é a exploração de parâmetros entre o natural e o artificial, com uma manipulação imaginativa e transformadora, como no trabalho dos artistas surrealistas. Putnam nota que os gabinetes de curiosidades

“Foram locais privados e de muita devoção, criados por uma crença profunda de que a natureza estava ligada à arte. As coleções ficavam dispostas em móveis (gabinetes) multicompartimentados e vitrines e estavam arranjados de tal maneira a inspirar a surpresa (wonder) e estimular pensamentos criativos” (PUTMAN, 2009, p.10).

O autor descreve também como característica de encantamento dos artistas em relação aos gabinetes de curiosidades a questão da **subversão da ordem natural** encontrada em alguns objetos como espelhos e lentes capazes de distorcer a realidade, em fosseis que cruzam as fronteiras do que seria animal, vegetal ou mineral, em lagartos e demais animais raros, em fenômenos bizarros da natureza como seres com duas cabeças e coisas do gênero. Ele pensa na hipótese de que a invenção do miraculoso na arte está estreitamente ligada aos primeiros gabinetes e cita Hieronymus Bosch<sup>8</sup> e Giuseppe Archimboldo<sup>9</sup> como

---

<sup>8</sup> Hieronymus Bosch foi um pintor e gravador holandês dos séculos XV e XVI, cujo trabalho representava cenas com temas como pecado e tentação e apresentavam simbologias bastante complexas, imaginativas e por vezes caricaturais.

<sup>9</sup> Giuseppe Arcimboldo foi um pintor italiano, nascido em Milão em 1527, conhecido por suas pinturas onde representava de forma maneirista o rosto humano a partir de flores, frutas, plantas e objetos, num procedimento conhecido como anamorfose, resultando em obras paródicas, simbólicas e bizarras.

exemplos de artistas inspirados pelo fantástico, atitude que se estende ao século XX através dos procedimentos artístico dos dadaístas e surrealistas.



Figura 27: O Jardim das Delícias - Hieronymus Bosch (Museu do Prado, Madrid).  
Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hieronymus\\_Bosch](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hieronymus_Bosch).

“A forma do tríptico na obra de arte fornece um exemplo interessante de uma construção que busca tanto segregar como unir os elementos dos quais ela é composta. Esse universo pictórico é literalmente transformado em um armário cujo conteúdo pode ser aberto e examinado. O enquadramento de uma imagem pode assim ser concebido como um tipo de *parergon*, sem o qual uma obra de arte como o Jardim das Delícias perderia uma parte importante de sua estrutura narrativa, do seu significado e contexto. As respostas modernas iniciais para enquadrar imagens incorporaram conceitos similares e estratégias representacionais dos gabinetes de curiosidades (BOWRY, 2015, p.177 ). Tradução da autora.

O ato de enquadrar objetos, ou seja, propor uma organização dentro de determinado ambiente, que pode ser um móvel, uma vitrine por exemplo, onde o colecionador deposita um objeto vizinho a outro, num arranjo particular, num tipo de “afinidade eletiva”, apresenta semelhança com a forma de organização dos antigos gabinetes de curiosidades. A particularidade na escolha e posição dos objetos possibilitou o chamado “enquadramento” que se tornou fundamental na história da arte e encontra importantes reverberações conceituais no campo da arte contemporânea. Um acessório, uma moldura para uma obra que acaba fazendo parte da obra, apesar da sua externalidade a ela.



Figura 28: Vertumno. Skoklosters, Giuseppe Arcimboldo. Fonte: [https://es.wikipedia.org/wiki/Giuseppe\\_Arcimboldo](https://es.wikipedia.org/wiki/Giuseppe_Arcimboldo)

Nessa obra podemos ver uma forma de organização de uma coleção de objetos, aqui, elementos naturais como flores, cereais e frutas, dispostos sob uma lógica particular, numa organização que beira ao bizarro, mas que também guarda um mistério e o uso do fantástico na sua concepção. Uma lista com forma, ao ver de Eco:

“ Mas há maneiras mais sutis de transformar uma lista em forma, e seu exemplo mais típico é Arcimboldo. Ele toma os elementos de uma lista possível (todos os frutos e legumes existentes ou todos aqueles representados em forma de lista em boa parte das naturezas mortas) e compõe com eles uma forma que não é, porém, aquela devida ou esperada. Com aquele seu modo barroco, ele nos diz que é possível passar artificialmente de um elenco para uma forma”. (ECO, 2010).

Outra característica de inspiração para a prática artística seria o processo de formação de um **microcosmos**, de um mundo paralelo que poderia estar contido em uma sala ou gabinete. A mistura de diversos elementos e materiais num processo de colecionismo como princípio artístico, “o artista frequentemente tem uma atitude mental similar à do *bricoleur*, motivada por um instintivo e misterioso amor por coisas as quais não tem nenhuma relação umas com as outras” diria Putnam (PUTMAN, 2009, p.12). Em sua tese “Re-thinking the Curiosity Cabinet” Stephanie Bowry (BOWRY, 2015) analisa como os arranjos dos gabinetes de curiosidades foram moldados com dispositivos interpretativos emprestados de campos tão diversos com os da arte, da literatura, da ciência natural, filosofia e cosmologia e em que medida esses arranjos e estratégias de representação visual dos séculos XVI e XVII estão presentes nos trabalhos dos artistas contemporâneos nossos, como Mark Dion, Peter Blake e Damian Hirst. As práticas de representação dos gabinetes como enquadramento, montagem, os trípticos e caixas de perspectivas por exemplo, são encontradas em vários trabalhos artísticos. Essa ressonância continua até os dias de hoje, o que o torna muito interessante como fenômeno cultural, muito profundamente arraigado e bastante complexo. Arthur MacGregor, arqueólogo e curador do Ashmolean Museum em Oxford, argumentou que era a "infra-estrutura filosófica elaborada" do gabinete que determinava sua forma física (BOWRY, 2015, p.31). Talvez daí venha a grande variedade formal, de conteúdos, arranjos e conceitos que podemos observar nas decorações

dos gabinetes dos séculos XVI e XVII, uma vez que um problema particular apresentado pelo gabinete de curiosidade como objeto de estudo é a falta de sobrevivência física restringindo-se o pesquisador ao uso apenas de evidências documentais, normalmente sob a forma de planos, imagens, catálogos e inventários.

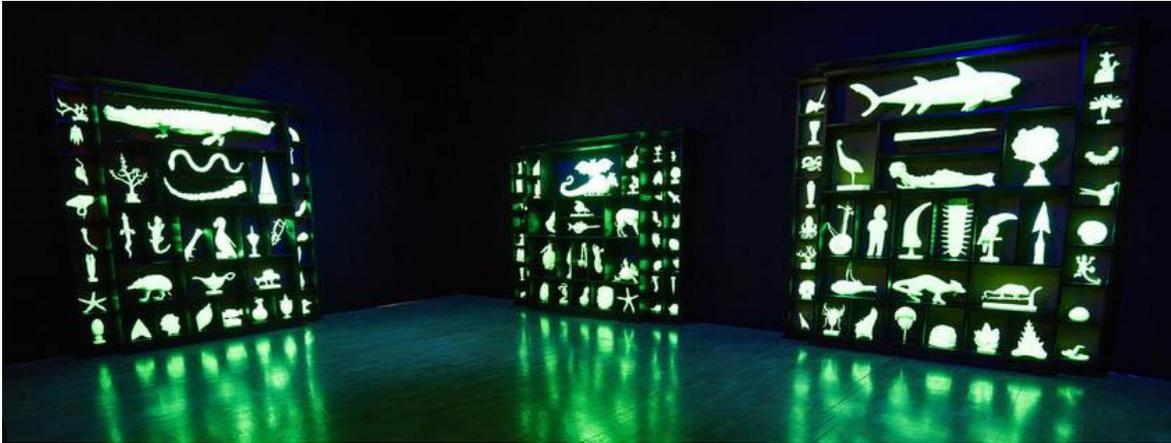


Figura 29: Foto da exposição “*Theatre of the Natural World*” do artista Mark Dion na galeria White Chapel em Londres, 2018. Fonte: (<https://londonist.com/london/art-and-photography/birds-fly-around-our-heads-in-this-immersive-exhibition>)

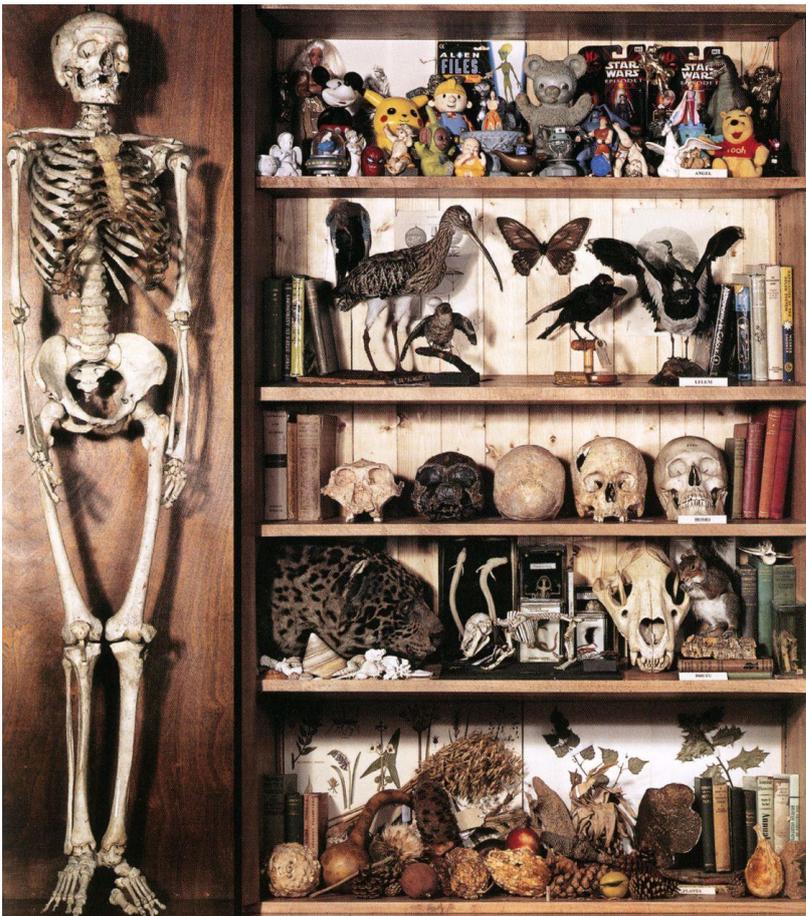


Figura 30: Obra de Mark Dion e Robert Williams, “*Theatrum Mund: Armarium*”, 2001 Cambridge, University of Cambridge, Jesus College Chapel. Fonte: livro “*A vertigem das listas*”, Umberto Eco, 2010.



Figura 31: Obra “Trinity - Pharmacology, Physiology, Pathology” de Damien Hirst. Fonte: site Tate Modern. <https://www.tate.org.uk/art/artworks/hirst-trinity-pharmacology-physiology-pathology-ar00500>

Mas estamos falando de trabalhos artísticos e nosso objeto de estudo é uma coleção de objetos heterogêneos. Como classificar essa coleção? Podemos manejar o conceito de museu obra, ou coleção obra, um híbrido. O colecionador Antônio Carlos Figueiredo tem formação acadêmica em economia, mas durante muito tempo trabalhou como marchand de obras de arte. Portanto não é estranho ao campo artístico. Mesmo sem intenção parece ter construído em sua coleção estratégias que se aproximam das artes plásticas, como por exemplo a *assemblage*, o uso do acaso na coleta e constituição do acervo, a criação de uma atmosfera no local de guarda da coleção cuja interioridade produz no público um efeito de espanto, maravilhamento e mistério. Por isso, uma das vocações identificadas para o Museu do Cotidiano é o diálogo com a arte contemporânea.

“A filosofia básica que me instiga: eu não trabalho com objetos decorativos, eu trabalho com objetos ‘decolativos’, que cada um se apropria dele, seja numa exposição, num vídeo ou numa foto. Eu quero propiciar com o Museu esses saltos, essas decolagens, imaginação. O Tunga disse um negócio muito importante para mim: ‘arte é juntar objetos, Antônio. Só se torna arte pela

maneira como você junta, seu foco, seu projeto'. Ele disse isso. A definição de arte para ele é isso". (Entrevista com Antônio Carlos Figueiredo, dia 23/06/2016).

Um exemplo de “decolagem” que podemos identificar foi uma obra realizada pelo artista Marcelo Silveira, na galeria de arte Celma Albuquerque (Belo Horizonte, 2004). Antônio Carlos era muito amigo da galerista, que sempre levava artistas para visitarem o seu acervo. Assim foi o caso do artista Marcelo Silveira, levado por ela à loja da Rua Bernardo Guimarães. Sua obra consistia em um arranjo de mesas sobrepostas em altura com alguns objetos dispostos sobre elas. Todo esse conjunto de objetos e móveis foi retirado da loja de Antônio Carlos pelo artista, foi praticamente transferido *ipsis litteris* de um contexto a outro, remontando procedimentos e estratégias típicas das vanguardas históricas.



Figura 32.: À esquerda o artista Marcelo Silveira ao lado da sua obra em processo de montagem, na galeria de arte Celma Albuquerque. Fonte: acervo Antônio Carlos Figueiredo, 2004.



Figura 33.: À direita a obra concluída, dentro da galeria Celma Albuquerque. Fonte: acervo Antônio Carlos Figueiredo, 2004.



Figura 34: Interior Museu do Cotidiano. Observar conjunto de mesas empilhadas, mesmo layout utilizado e reapropriado por Marcelo Silveira em sua obra de 2004. Fonte: Foto Arthur Senra, 2018, acervo da autora.

Há muito exemplos desse tipo de estratégia artística no Museu do cotidiano. Citando o poeta surrealista: “Belo como o encontro fortuito de um guarda-chuva com uma máquina de costura numa mesa de dissecação”. (LAUTRÉAMONT,2005, p.252).



Figura 35: Tipo de assemblage produzido por Antônio Carlos Figueiredo. Baú de seminarista do colégio Caraça, associado a coleção de óculos e livro de Pedro Nava. Em 2017, por ocasião de sua vinda a Belo Horizonte para montagem de exposição no Palácio das Artes o artista Alex Fleming quis adquirir a obra como um todo, segundo relato de Antônio Carlos Figueiredo. Fonte: Foto Arthur Senra, 2018.

Muitas obras são feitas ao acaso, produzidas por encontros fortuitos, outras obedecem um tipo de taxonomia que Antônio Carlos foi produzindo no espaço ao longo dos anos, organizando os objetos por tipologia, por funções, por estranhamentos. Para esse trabalho, conta com a ajuda do potiguar Expedito, seu único funcionário há mais de 25 anos que, possuidor de uma memória excepcional e ambidestro por insistência de sua mãe, pacientemente arranja e organiza os objetos nas prateleiras e ganchos, pendura placas e bicicletas no grande pé direito da loja, aparta objetos que serão emprestados ou locados para exposições etc. Além de produzir seus próprios assemblages, Antônio Carlos é muito procurado por outros artistas em busca de objetos para compor suas obras, como é o caso do artista mineiro José Bento, assíduo frequentador do Museu do Cotidiano.

Recentemente ele produziu uma série de esculturas utilizando balanças compradas do acervo do mUc, onde apoia peças de madeira na forma de feijões.



Figura 36: Balança escolhida do acervo do museu do cotidiano pelo artista José Bento. Fonte: Foto acervo Antônio Carlos Figueiredo, 2018



Figura 37: Obra acabada de José Bento, exposta em galeria de arte. Fonte: foto acervo Antônio Carlos Figueiredo, 2018.

Outros dois tipos de atividades realizadas por Antônio Carlos são a curadoria para exposições e a locação de objetos para eventos diversos, como exposições, feiras, filmagens e fotos, sendo muito procurado pelos produtores da cidade em busca de peças e objetos específicos para seus trabalhos. Como curador, atuando em torno de seu acervo, já promoveu algumas exposições, como a “Lorenzato, Amadeo – Celebração do Cotidiano” realizada em 2014 no CAP (Centro de Arte Popular de Belo Horizonte) sobre Lorenzato, onde todo o acervo exibido pertencia à sua coleção, inclusive os objetos pessoais do artista, comprados de seu filho no momento do descarte.



Figura 38: Exposição Lorenzato, Amadeo, CAP, 2014. Fonte: Acervo Isabela Vecci, foto Daniel Mansur.



Figura 39: Exposição Lorenzato, Amadeo, CAP, 2014. Armário acervo Antônio Carlos pertencente à antiga loja das rendas de Belo Horizonte, onde estavam expostos objetos pessoais do artista, adquiridos por Antônio Carlos. Fonte: Acervo Isabela Vecci, foto Daniel Mansur, 2014

Em dezembro de 2018 foi aberta a exposição sobre Artur Pereira, também no CAP, da qual participa como co-curador, emprestando também muitas peças de sua coleção. No restaurante Café com Letras, Antônio Carlos tem uma longa parceria com seu proprietário, Bruno Golgher que, além de administrar o restaurante, exerce o trabalho de produtor artístico e promove de festival de jazz a algumas mostras de design e artes plásticas. Antônio Carlos expõe de forma sistemática algumas peças de sua coleção, nas duas unidades do Café com Letras, sempre idealizando o recorte curatorial das mostras. No ano de 2018, por exemplo, ele promoveu a exposição “Lataiada” na unidade do Café com Letras do CCBB (Centro Cultural banco do Brasil).



Figura 40: Anúncio exposição Lataiada na unidade Café com Letras CCBB. Fonte: site Café com Letras, acesso 28/11/2018. [www.cafecomletras.com.br](http://www.cafecomletras.com.br)



Figura 41: Exposição "Lataiada" na unidade Café com Letras do CCBB., 2018. Fonte: foto e acervo Isabela Vecci.



capítulo 2 - materialidade

## 2) Materialidade

### 2.1) Cultura Material: algumas abordagens

Ao abordar uma coleção de objetos em uma pesquisa nos depararmos necessariamente com estudos sobre cultura material. Esses estudos estão presentes em muitas disciplinas, dentre elas a arqueologia, a antropologia, a sociologia, a história social, a geografia, a semiótica, a ciência da cognição, a psicologia, a museologia, a história do design, da arte e da arquitetura entre outras e demonstram a relevância que os objetos representam na vida social. Esta pesquisa não tem como objetivo aprofundar nestes conceitos, mas fazer um panorama de algumas das abordagens disciplinares que mais se aproximam conceitualmente do nosso objeto de estudo.

Começando pela arqueologia, disciplina que sempre teve como fonte primária de pesquisa a materialidade, pela sua especificidade no entendimento e estudo das transformações sociais ocorridas onde os atores sociais não estão mais presentes.

Por essa razão, mais que as demais, a disciplina teve forçosamente que se aparelhar – teórica, metodológica e tecnicamente – para lidar em maior profundidade com os aspectos concretos, tangíveis, da produção humana (LIMA, 2011, p.12).

A condição material humana, diga-se de passagem, está presente desde os mais remotos registros de vida do gênero humano e, portanto, indissociável a ele. Em “A cultura material no estudo das sociedades antigas”, Ulpiano Bezerra de Menezes (1983) nos chama atenção para o fato de que os estudos sobre a materialidade deveriam permear todos os campos da história, não só da história antiga, e que deveríamos prestar atenção no alcance desse tipo de documento como “campo de fenômenos históricos”, sem os quais talvez a compreensão de uma sociedade fique comprometida. O autor salienta que ao estabelecer uma dicotomia entre os aspectos materiais e imateriais de uma cultura, corremos o risco de desfigurar o próprio conceito de cultura, onde estão “embutidas e indissociáveis a prática e a representação”. Segundo ele, “essa cisão é ignorar a ubiquidade das coisas materiais que penetram todos os poros da ação humana” (MENEZES, 1983, p.107) e que não podem ser marginalizados como documentos em relação à, por exemplo, documentos escritos. Inclusive não deveriam ser vistos de maneira meramente instrumental para o estudo das sociedades, muito menos de uso didático, ilustrativo de determinado texto. As coisas ou artefatos fornecem informações não só sobre a própria natureza da sua

materialidade (matéria prima, seu processamento, tecnologia, morfologia, funções etc.), mas também informações de natureza relacional, sobre as formas de organização da sociedade que os produziu. Além disso, representam aspectos de um domínio muito valorizado pelos historiadores contemporâneos: a vida cotidiana - “o domínio do banal, da purificação do evento, das tendências quase em estado natural” (MENEZES, p.112) - que raramente são contemplados em registros escritos.

A antropologia e a sociologia também se constituem como disciplinas importantes no estudo da cultura material das sociedades. Importantes teóricos desses campos dedicaram-se aos aspectos específicos da vida material. De Claude Lévi-Strauss a Pierre Bourdieu, de Daniel Miller a Alfred Gell, Tim Ingold e Bruno Latour, todos construíram reflexões importantes a respeito da relação entre coisas e pessoas. Alguns questionando justamente a dicotomia entre animado e inanimado, sujeito e objeto (ou coisa). Como dito acima, essa dissertação não tem como objetivo discutir profundamente as teorias antropológicas e sociológicas sobre os objetos e as pessoas, mas procura dialogar com algumas reflexões que nos afetam ao pensar um museu com objetos da vida cotidiana.

Importante citar alguns conceitos sobre cultura material formulados por Pierre Bourdieu, sociólogo francês, nos quais propõe uma volta metodológica chamada “estruturalismo”<sup>1</sup>, principalmente na abordagem do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. A ideia central é que não podemos analisar as entidades isoladamente, por exemplo, uma mesa, uma mesa de jantar, uma mesa de cozinha – deveríamos pensar sempre na relação que existe entre as coisas. O estruturalismo como teoria, põe o foco dos estudos sociais na relação entre as coisas e não nas próprias coisas. Algo que aceitamos como mesa de jantar está relacionado com outro algo que aceitamos como mesa de cozinha, um pouco menor. Suas definições são pelo contraste, pela relação de comparação.

Bourdieu estudou durante muito tempo a sociedade Cabila no norte da África, em especial as crianças. Ao estudá-las observou que essas crianças aprendiam conceitos em relação a outros conceitos, como por exemplo o conceito de escuro em relação ao claro, o que era

---

<sup>1</sup> O **estruturalismo** é uma corrente de pensamento nas ciências humanas que se inspirou no modelo da linguística formulado por Ferdinand de Saussure e que depreende a realidade social a partir de um conjunto considerado elementar (ou formal) de relações. Para a sociologia, antropologia e linguística, o estruturalismo é a metodologia pela qual elementos da cultura humana devem ser entendidos em face a sua relação com um sistema ou estrutura maior, mais abrangente. (ESTRUTURALISMO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Estruturalismo&oldid=53584656>>. Acesso em: 13 nov. 2018.)

alto em relação ao baixo e assim por diante. Seu aprendizado era dado em práticas cotidianas, por rotinas de interações com as coisas, ou como formulou posteriormente Bourdieu, através do conceito de teoria da prática.

Essa teoria também dá contorno e forma à ideia de que os objetos fazem as pessoas. Antes de realizarmos coisas, nós mesmos crescemos e amadurecemos à luz de coisas que nos foram transmitidas pelas gerações anteriores. (...). Eles dirigem inconscientemente nossos passos, assim como o ambiente cultural ao qual nos adaptamos. Bourdieu chamou a ordem subjacente inconsciente de nosso *habitus*. Há a natureza, mas a cultura nos dá a segunda natureza, aquela que geralmente pomos em operação sem pensar. Coisas, veja bem, não coisas individuais, mas todo o sistema de coisas, com sua ordem interna, faz de nós as pessoas que somos (MILLER, 2013, p.83).

Bourdieu, ao buscar o conhecimento da prática de forma a criar um contraponto com as chamadas teorias da “coerção” nas quais uma macroestrutura de certa forma domina e determina o indivíduo, pensou essa relação de forma dialética na qual a ação do sujeito, a prática, está em relação com a construção da estrutura, ou seja, com as condições materiais. Bourdieu via a estrutura como resultado de processos históricos denominados por ele como conjuntura. Mas essa teoria ainda tem foco na agência do indivíduo, em sua capacidade ou não de modificar a estrutura social, com intencionalidade. Somente a partir dos textos de Alfred Gell, Bruno Latour e Tim Ingold<sup>2</sup> teóricos que se dedicaram às perspectivas teóricas preocupadas com o papel dos elementos materiais na rede de relações, houve a mudança de foco para o estudo da agência dos objetos. Uma guinada na perspectiva antropocêntrica, na qual só os humanos teriam agência, a chamada virada não-humana, levou parte dos teóricos a estudar o papel de entidades não humanas dentro da teoria social. Cada um desses estudiosos via de forma diferente essa relação entre coisas e pessoas, mas todos eles ampliaram a concepção de agência. Um objeto religioso seria um exemplo de agência de um objeto já que pode induzir a uma ação, motivar condutas, como dar banhos e ofertar alimentos a estatuetas de entidades espirituais. Outro exemplo, mais atual, seria o aparelho celular e suas inúmeras interações com sujeitos em suas múltiplas funções na vida social. Muitas das funcionalidades embutidas atualmente nos aparelhos foram construídas dialeticamente na interação ser humano - máquina. Interessante observar e citar aqui nesse ponto do texto, que o colecionador Antônio Carlos, sujeito dessa

---

<sup>2</sup> Para maior aprofundamento nesse tema da agência não humana, ver “Arte e agência” de Alfred Gell, “Nunca Fomos Modernos” de Bruno Latour e “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais” de Tim Ingold.

pesquisa, utiliza recorrentemente uma frase: “são os objetos que me perseguem” de certo modo atribuindo agência aos objetos embasado em experiências como colecionador e em suas observações informais.

Segundo Alfred Gell, antropólogo inglês, a agência é atribuível a coisas e pessoas, ambas compreendidas como iniciantes de eventos. Mas essa agência seria distribuída de forma diferente: uma agência ativa para as pessoas e uma agência passiva para os objetos.

Mesmo tendo como objetivo eliminar as dicotomias entre objetividade x subjetividade e materialidade x imaterialidade, Gell apresenta uma teoria de agência de objetos que, ao final, não dissolve totalmente essas dicotomias pois, mesmo afirmando que a agência está distribuída na rede de relações, esta agência distribuída refere-se à da pessoa: é ela quem atribuiu a agência a um objeto ao produzi-lo, usá-lo e/ou significá-lo, ou seja, a intencionalidade do agente humano é central.(MERÊNCIO, 2012, p.192).

Já Bruno Latour, sociólogo e filósofo francês, propõe uma metodologia a qual denominou teoria do ator-rede na qual desenvolve uma crítica em relação às diferenças entre objetividade e subjetividade na teoria social. A partir do trabalho do sociólogo Gabriel Tarde estabelece dois parâmetros: o primeiro é que a oposição entre natureza e sociedade não é necessária para a compreensão das interações humanas e utiliza, assim como Tarde, o termo “associação” ao invés de “sociedade”, possibilitando a ideia de associação em rede entre elementos heterogêneos, sujeitos e objetos. O segundo parâmetro seria em relação à escala. Latour defende não se distinguir entre micro e macro escala para o estudo dessas relações. Para ele, o ator pode ser pessoa ou objeto, lugar, empresas, animais, máquinas, textos, dinheiro, sites ou países, em posição de relação dentro de uma cadeia sócio técnica.

Portanto o argumento é que o que compõe o social não é simplesmente humano. O social é composto por todos esses materiais também. Na verdade, o argumento é que nós não teríamos uma sociedade, de modo algum, se não fosse pela heterogeneidade das redes do social. Portanto, nesta visão, a tarefa da sociologia é caracterizar estas redes em sua heterogeneidade, e explorar como é que elas são ordenadas segundo padrões para gerar efeitos tais como organizações, desigualdades e poder. (LAW, online). Acesso em 02/01/2019.

Para um futuro museu que se propõe a agrupar objetos do cotidiano, essa perspectiva é fundamental ao apontar a relevância da materialidade do ponto de vista social, cultural e educacional. A coleção de Antônio Carlos possui muitos elementos que se relacionam com a vida cotidiana na cidade de Belo Horizonte e no estado de Minas Gerais. São testemunhos materiais e imateriais, fragmentos que, inseridos numa instituição com propostas abertas de interpretação do acervo, podem provocar aproximações, pesquisas e interações importantes com o público visitante.

Tim Ingold, antropólogo inglês, é mais radical em sua visão da agência dos objetos e propõe uma revisão no modelo Aristotélico conhecido como hilemórfico.

Para criar algo, refletiu Aristóteles, deve-se juntar forma (*morphé*) e matéria (*hyle*). Na história subsequente do pensamento ocidental, esse modelo hilemórfico da criação arraigou-se ainda mais, mas também se desequilibrou. A forma passou a ser vista como imposta por um agente com um determinado fim ou objetivo em mente sobre uma matéria passiva e inerte. Quero argumentar aqui que os debates contemporâneos em campos os mais diversos - da antropologia e arqueologia à história da arte e estudos da cultura material - continuam a reproduzir os pressupostos que subjazem ao modelo hilemórfico, ainda que tentem restaurar o equilíbrio entre seus termos. Meu objetivo final, por outro lado, é derrubar o próprio modelo, e substituí-lo por uma ontologia que dê primazia aos processos de formação ao invés do produto final, e aos fluxos e transformações dos materiais ao invés dos estados da matéria. Relembrando Klee, forma é morte; dar forma é vida. (INGOLD, 2012, p.26).

Ingold vai entender que estamos cercados por coisas, não objetos. Ele faz essa distinção justamente para fugir do modelo hilemórfico aristotélico. Em “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”, Ingold se pergunta se uma árvore pode ser considerada um objeto. Ele se aproxima da árvore, observa. Vê as texturas, as camadas, os animais que vivem no tronco e nas folhas, vê os musgos e líquens sobre os galhos: eles são parte da árvore? Se os insetos fazem parte da árvore, o que dizer então dos esquilos e pássaros? E do balanço dos galhos no vento? Poderíamos dizer que se trata de uma árvore-no-ar... “Essas considerações me levaram a concluir que a árvore não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais. É isso que entendo por coisa”. (INGOLD, 2012, p.29). Um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. É interessante notar uma postura completamente diferente de percepção do mundo material, não como um fato dado, mas com um processo, um acontecimento. “As coisas vazam” diria Ingold. Outro exemplo que Ingold aciona é o da pipa. Uma pipa de papel inanimada é um objeto, ao vento, uma coisa. Ela existe como pipa-no-ar. “Colocando de outro modo, a partir do momento em que foi levada para fora, a pipa deixou de figurar em nossa percepção como um objeto que pode ser colocado em movimento para tornar-se um movimento que se resolve na forma de uma coisa”. (INGOLD, 2012, p. 33). A ideia de linhas que se entrelaçam como uma malha, como uma teia de aranha, é muito interessante como conceito. Essa malha, segundo Ingold, tem fios que não se conectam, necessariamente. Difere da rede, na qual os pontos de encontro são conexões.

Diferente das redes de comunicação, por exemplo, os fios de uma teia de aranha não conectam pontos ou ligam coisas. Eles são tecidos a partir de materiais exsudados pelo corpo da aranha, e são dispostos segundo seus movimentos.

Nesse sentido, eles são extensões do próprio ser da aranha à medida que ela vai trilhando o ambiente. (INGOLD,2012, p. 40).

Sua aproximação teórica nos leva a entender que o conhecimento é produzido numa forma de engajamento sujeito e objeto (ou coisa) sem distinção hierárquica entre eles, e pela imersão no mundo material imediato, à semelhança de uma abordagem fenomenológica. Essa concepção embasou de certa forma, um segmento do projeto museológico para a coleção de Antônio Carlos Figueiredo, proposto nessa dissertação. Buscando a interação entre as pessoas e os objetos através de apropriações artísticas e entendendo arte como uma forma de pensamento e pensamento sempre como criação. Não só as interações planejadas por futuros editais a serem engendrados pelo museu, mas também as espontâneas que podem ocorrer durante as visitas do público, transformando, como Ingold identifica, objetos em coisas a partir dessas interações. Essa concepção guarda aproximações com a noção de rizoma criado por Gilles Deleuze e Felix Guattari, que será apresentada mais adiante.

Outra disciplina do campo de estudos da cultura material é a semiótica, ou seja, o estudo dos signos. Segundo essa disciplina todos os objetos são dotados de uma linguagem, de um discurso. Um dos teóricos mais citados nesse campo é Jean Baudrillard, sociólogo e filósofo francês, principalmente pelo livro “O sistema dos objetos” (1968), no qual sistematiza o discurso sobre os objetos sob o ponto de vista social e semiótico e empreende uma classificação de seus sistemas. Baudrillard identifica primeiramente um sistema de objetos funcional ou objetivo, depois um segundo sistema não funcional ou de discurso subjetivo e por último um terceiro sistema meta e disfuncional. O segundo sistema, trata do objeto marginal, do objeto de coleção, abstraído de suas funções originais e pode indicar algumas abordagens para interpretação dos objetos da coleção estudada. Objetos extraídos de seu contexto, abstratos no sentido funcional, cujos sentidos transbordam ao uso, que “parecem contradizer as exigências do cálculo funcional para responder a um propósito de outra ordem: testemunho, lembrança, nostalgia, evasão” (BAUDRILLARD, 1973). A semiótica é uma chave de leitura ao pensar na função sígnica dos objetos, como parte de um sistema de discursos, apesar de haver o risco de subtrair a materialidade com esse método de especulação abstrata. Roland Barthes, sociólogo e filósofo francês, afirma em “A Aventura Semiológica” que “todo objeto é sempre um signo, definido por duas coordenadas, uma coordenada profunda, simbólica, e uma coordenada extensa, de

classificação, taxonômica”. (BARTHES, 2001, pág. 211). Gilles Deleuze em “Proust e os signos” (DELEUZE, 1987) acrescenta que o que nos força a pensar é o signo. A contingência do encontro com um signo é o que provoca o pensamento.

À ideia filosófica de “método” Proust opõe a dupla ideia de “coação” e “acaso”. A verdade depende de um encontro com alguma coisa que nos força a pensar e a procurar o que é verdadeiro. O acaso dos encontros, a pressão das coações são os dois temas fundamentais de Proust. Pois é precisamente o signo que é objeto de um encontro e é ele que exerce sobre nós a violência. O acaso do encontro é que garante a necessidade daquilo que é pensado. Fortuito e inevitável, como diz Proust. (DELEUZE, 1987, p.16)

O design também é uma disciplina que trabalha a questão simbólica na concepção e criação de objetos, além do aspecto funcional. Como atividade historicamente voltada para solução de problemas o design sempre teve a tarefa de criar objetos de uso. Para essa disciplina, os objetos têm duas dimensões, como identifica Rafael Cardoso em “Design para um mundo Complexo”: sua materialidade e “sua capacidade de mediar relações, ou seja, grosso modo, a dimensão formal e a informacional”. (CARDOSO, 2011). Acontece que, à medida que esses objetos de uso viram dejetos, ou seja, perdem sua funcionalidade para a qual foram projetados, eles viram ruínas. Mas eles podem se abrir a uma outra dimensão e sobreviver, se de certa forma resistirem ao seu projeto inicial, ou seja, se seu projeto original não privilegiar mais a dimensão formal que a informacional. “O design é a linguagem que uma sociedade usa para criar objetos que reflitam seus objetivos e seus valores”. (SUDJIC, 2010, p. 49). A coleção de objetos de Antônio Carlos compreende vários desses discursos, representa muitas linguagens. A abertura da coleção ao público tem como objetivo promover essas “conversas”, ao deixá-los falar.

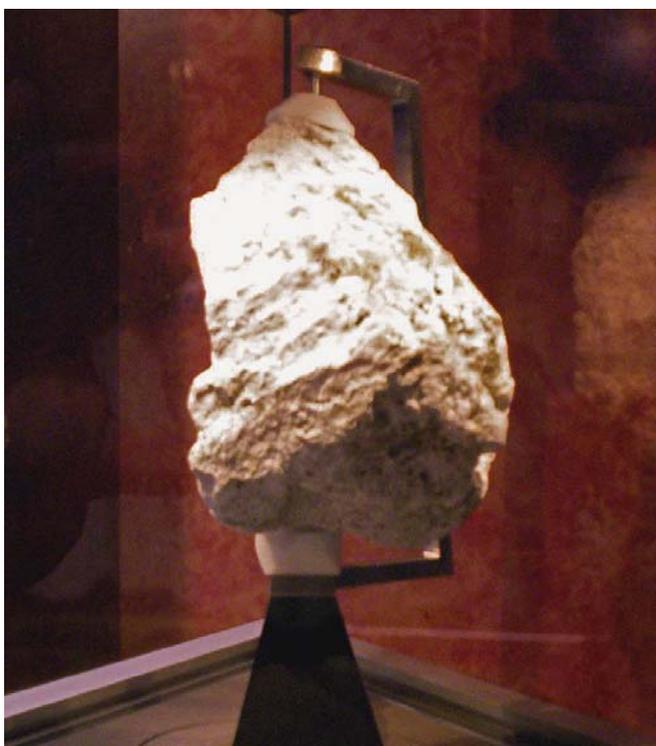
## 2.2) Coleção

De modo geral, uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais e imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público, mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.32).

A coleção abordada neste trabalho abrange uma grande quantidade de objetos reunidos por uma só pessoa, durante um longo período de tempo que se estende até os dias de hoje), de forma contínua e sistemática e que se encontra agrupada em vários endereços, sendo o principal uma loja de aproximadamente 350m<sup>2</sup> - espaço que se pretende transformar em um “Museu”, o Museu do Cotidiano. Essa é uma descrição sucinta do

objeto de pesquisa a que se refere essa dissertação. Mas poderíamos pensar em outros objetos, outras coleções. Dar sentido a um conjunto de coisas, ou melhor dizendo, criar um recorte, uma narrativa. Museografar.

Objeto, coisa, bem, artefato. Qual termo usar? Segundo Susan Pearce, todos estes termos compartilham a mesma base, pois todos eles se referem a um segmento selecionado do mundo físico ao qual é atribuído um valor cultural. No caso de uma coleção de objetos estamos fazendo um recorte caracterizado pelos bens móveis, artefatos capazes de serem movidos de um lugar para outro. “O que diferencia os segmentos distintos do resto – o que representa um bem móvel em nosso entendimento do termo – é o valor cultural que é dado a ele e não a tecnologia originalmente usada para dar sua forma ou conteúdo, apesar de isto ser um importante modo de criação de valor. A ideia crucial é de que a seleção ou o ato de selecionar é que torna uma parte do mundo natural em um objeto ou fragmento museal”. (PEARCE, 2003). Um bom exemplo desse conceito é a história da primeira exposição de uma pedra proveniente da lua. Ao ser coletada por uma missão de astronautas da Apollo 16 e trazida ao público no Museu Nacional Aeroespacial de Washington, essa pedra adquiriu um valor cultural que vai muito além do valor físico de um basalto de 4 milhões de anos. Além disso a forma como foi exposta, em um suporte



semelhante a um altar, monitorado 24 horas por dia demonstrava seu valor como objeto dotado de um significado para além do seu aspecto físico.

Figura 42: Pedra trazida da lua pela missão Apolo 16, hoje em exposição no Museu de História natural de Washington.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rocha\\_lunar&oldid=54513611](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rocha_lunar&oldid=54513611). Acesso em: 20/01/19

Ao analisarmos uma coleção, precisamos primeiramente nos debruçar sobre as características conceituais do conjunto de objetos e na maneira como eles foram coletados e agrupados. Segundo Krzysztof Pomian, os objetos de coleção têm em comum o fato de que foram retirados de seu local de origem, portanto estão fora do circuito econômico e em geral estão protegidos em um local especialmente destinado para tal uso, expostos ao olhar do público. Essa ideia é por si mesma um paradoxo instigante, uma vez que determina serem objetos de coleção aqueles que estão fora da vida econômica, mas são considerados preciosos, pois se encontram protegidos em local especial – ou seja têm um valor de troca sem terem um valor de uso. Na verdade, o seu valor de troca está no seu significado, no que o objeto carrega da cultura de uma sociedade. Ele classifica esses objetos como semióforos, ou seja, “objetos que não tem utilidade, mas que representam o invisível, são dotados de significado”. (POMIAN, 1997). É importante destacar, também segundo Pomian, a necessidade de distinguir os diversos usos que podemos fazer de um objeto, do ato de exibi-lo. “O modo absolutamente específico de comportar-se em relação a um objeto que consiste em não fazer nada dele, e limitar-se a olhá-lo”.

Um semióforo acede à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração. (...) A utilidade e o significado são reciprocamente exclusivos: quanto mais carga de significado tem um objeto, menos utilidade tem e vice e versa. (POMIAN, 1997, p.72)

Portanto para além de analisarmos as características dos objetos de forma descritiva, devemos tentar compreender em que medida esses objetos são semióforos e que narrativa invisível eles representam. Que tipo de prestígio social está envolvido no engendramento dessa coleção, a que grupo social ela serve como legitimação. Esse seria um dos primeiros recortes a se fazer diante de uma coleção.

Como pensar então as histórias contadas pelos museus? As narrativas museográficas são produzidas a partir de escolhas, disputas de poder e silêncios. Nelas estão contidos os usos de determinados passados, materializados nos objetos de acervo e circunstanciados pelos interesses do presente e daqueles que os narram. Tal seleção produz ausências e esquecimentos; é o que chamamos de “não dito”, típico das operações que configuram as escritas de histórias. Por tempos, foi recorrente nos museus a seleção e a guarda de objetos representativos das memórias das chamadas classes dominantes, ocasionando esquecimentos e uma lacuna no acervo de peças que expressam os feitos daqueles que a escrita oficial da História e a narrativa tradicional da Museologia optaram por silenciar. Como exemplo, podemos citar a recorrente escolha em expor peças representativas da riqueza e do “bom gosto” em detrimento de objetos utilizados pelas chamadas classes populares, mesmo quando ambos estão ligados ao tema da instituição. Assim, o museu, que é um espaço de legitimação e valorização sociocultural, elenca e discrimina ao mesmo tempo,

produz vozes e silêncios e define o que será colocado à vista.  
([https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Texto\\_SemanaMuseus2017.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Texto_SemanaMuseus2017.pdf))

Outra questão importante de uma coleção de objetos é a valorização de outro tipo de documento histórico, social, antropológico e artístico: as coisas físicas. Não apenas como ilustração de um texto documental, mas pensando de forma integrada - cultura material e não material indissociadas. Afora o caráter de ubiquidade que o objeto apresenta que não encontra paralelo no documento textual. O objeto em série, repetido, é um veículo importante para o estudo do cotidiano, do banal. O banal não costuma integrar as prioridades do registro escrito. No universo do cotidiano é impossível a análise sem a intervenção das coisas banais. Daniel Miller, antropólogo inglês argumenta que a melhor maneira de entender, transmitir e apreciar nossa humanidade é dar atenção à nossa materialidade (MILLER, 2013).

Problematizando um pouco mais, se pensarmos que, para ser uma coleção de museu ela teria que ter sido formada, ou coletada com um “propósito científico”, como aponta Serge Chaumier (2010), ao identificar a “diferença essencial entre o objeto coletado com um propósito científico, que é documentado, e o objeto adquirido pelo colecionador, frequentemente pelo objeto em si. (...). Os museus profissionais e os museus de amadores se diferem sempre em função desse critério. A seleção de objetos é o primeiro passo da abordagem científica” (p.7). Pelo menos no que tange às abordagens técnicas museológicas de caráter **analítico**, como veremos adiante.

“O museólogo tcheco, Zbynek Stransky, desde a metade dos anos 1960, distingue por “museália”, os objetos que entram nas coleções do museu, dos outros objetos. (...)A ideia não é apenas colocar na frente o objeto selecionado ao acaso, mas o resultado de um recorte consciente e voluntário da realidade, um testemunho do real, de musealização da realidade”. (CHAUMIER, 2010, p.2)

No caso aqui estudado, em relação à seleção empreendida pelo colecionador, podemos dizer não se caracterizar como aleatória, imposta pelo fetiche do objeto pelo objeto. Ela tem um propósito, um objetivo, serve a algumas narrativas. Na coleção não há objetos raros, no sentido mais tradicional. Há objetos que o colecionador identifica como cotidianos. Objetos de produção de massa, da alta e da baixa cultura. Esse é o viés da sua coleta. Segundo conta, seu interesse pelos objetos não se restringe ao valor estilístico, mas ao que o objeto carrega de histórias do cotidiano. Ao focar sua coleta para as histórias

banais, ele procura dar voz a sujeitos invisibilizados, anônimos, semelhantes aos que Michel Foucault analisa em “A vida dos homens infames” (FOUCAULT, 2003). Nesse texto ele criou o termo antologia de existências para designar sua pesquisa nos arquivos do século XVIII do Hospital Geral e da Bastilha, na França. Nesses arquivos, Foucault encontrou pequenos relatos, de poucas linhas, descrevendo de forma rápida a história do encontro de um personagem desprovido de poder com alguma espécie de lei estabelecida, uma “dramaturgia do real”:

É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventura e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos. (...) O termo “notícia” me conviria bastante para designá-los, pela dupla referência que ele indica: a rapidez do relato e a realidade dos acontecimentos relatados. (...) Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário. (FOUCAULT, 2003, p. 203)

O acervo que Antônio Carlos amou nesses anos todos, possui vários objetos relacionados a esses “homens infames”: indivíduos em situação limite com a lei ou com a moral estabelecida, e que guardam histórias não contadas em livros oficiais de história. Relatos não oficiais sempre foram objeto de interesse do colecionador, que se vê mais como um colecionador de histórias do que de objetos.



Figura 43: foto de objeto usado por assaltante de carros, acervo Museu do Cotidiano. Fonte: foto da autora, 2018.

Na figura acima (figura 43) podemos ver um exemplo de objeto infame pertencente ao seu acervo - na extremidade direita do objeto, um tubo metálico de aproximadamente oito centímetros, há uma moeda encravada e na extremidade esquerda há uma bola de gude. A extremidade da moeda é usada para riscar um círculo no vidro do carro a ser arrombado. A outra ponta da bolinha de vidro é usada para bater no centro do círculo até romper e quebrar a janela. O dono do objeto estava preso na penitenciária “Nelson Hungria” em Contagem. Seu advogado ficou com o artefato e deu para um amigo também advogado. Esse segundo advogado por sua vez era amigo de Antônio Carlos e sabia que ele iria achar o objeto curioso. Esse tipo de objeto, um indício, um representante material de uma atividade que se dá no tempo, que se dá na improvisação, que aciona relações (como Latour e os outros apontaram) é o tipo de objeto que o colecionador almeja encontrar e colecionar. Um representante das brechas, dos interstícios. Atualmente ele se dedica a procurar objetos que fracassaram em seus objetivos funcionais, e pretende criar uma ala desses “fracassos” no Museu do Cotidiano.

Para Heidegger, é o Pensamento em suas mais altas manifestações filosóficas e poéticas que testemunha o acontecimento do Ser, sua “declosão” e sua retirada. Para Foucault, é nas práticas e nos *baixos* dispositivos do poder que se produzem os acontecimentos que desarrumam os sistemas de pensamento de uma época. (...) Em Heidegger é a partir de pressupostos onteoteológicos dos quais a filosofia é de bom ou mau grado, a herdeira e a guardiã suprema que a verdade e as visibilidades de uma época se manifestam. Em Foucault, por sua vez, é do lado completamente oposto ao do discurso filosófico oficial, nos sofrimentos de homens infames e sem história e em discursos dispersos e sem autores que se podem ler os sinais desses sistemas de ordem e desses despedaçamentos temporais que condicionam os destinos de uma época (GUALANDI. 2003, p. 122).

Outro objeto que compartilha a característica de dar visibilidade a sujeitos invisíveis é o tabuleiro de balas que pertenceu a um baleiro de cinema de Belo Horizonte dos anos 1960. Antônio Carlos identificou o tabuleiro ao passar em frente ao antigo cine Odeon na Floresta, onde um ambulante, vendedor de balas, havia montado sua estrutura de venda temporária. Essa estrutura era formada por uma prancha grande de madeira, de aproximadamente 200cmx 80cm, onde o ambulante expunha sua mercadoria. No centro dessa prancha estava o tabuleiro dos anos 1960 que, segundo conta Antônio Carlos, pertenceu ao tio do vendedor de balas. Por muitos meses Antônio Carlos tentou negociar o objeto com o vendedor, sem resultado. Ele conhecia a história da greve dos baleiros que trabalhavam nos cinemas do conhecido empresário mineiro, Antônio Luciano, dono da maioria das salas de cinema da cidade de Belo Horizonte e sabia que muitos tabuleiros

havam sido queimados em represália à greve. Depois de muito negociar ele conseguiu um acordo baseado em uma troca de objetos e finalmente leva o tabuleiro para sua coleção. A partir de então se dedica a descobrir a matéria de jornal que descreve a greve dos baleiros. Acabou por localizá-la no arquivo público de Belo Horizonte e mantém uma cópia dentro do tabuleiro, exposto no local de guarda da coleção.



Figura 44: cópia do jornal " Diário de Minas" de 29 /06/1963.Fonte: acervo Antônio Carlos Figueiredo

### 250 baleiros lutam contra monopólio de trabalho e vão voltar aos cinemas "Diário de Minas" em 29/06/63

Para deixar que voltem ao trabalho os 250 baleiros que foram impedidos de trabalhar nas portas dos cinemas de BH, o vereador Meroveu da Rosa e Silva, o "Grilo", apresentou um projeto de lei à Câmara, revogando a lei do ex-vereador Antônio Neves Teixeira que, ao reduzir para três o número de baleiros, "acabou com a liberdade de comércio e o direito do trabalho".

O vereador Meroveu Rosa e Silva, disse que a lei do sr. Antônio neves Teixeira é inconstitucional porque limita a liberdade de profissão, além de ser abusiva no sentido político – econômico, pois cria privilégios e estabelece monopólio, acabando com a concorrência, sendo antissocial, porque impede de trabalhar muitos menores.

#### Interesse

O vereador Meroveu da Rosa e Silva disse que BH tem diversos atacadistas no comércio de balas, mas que só três firmas exploram o serviço, por causa da lei do sr. Antônio neves Teixeira, que é interessado direta ou indiretamente em todas elas, recebendo, inclusive, comissões.

O projeto do Grilo defende o direito dos baleiros de venderem mercadorias por livre iniciativa e revoga uma lei ridícula que manda os baleiros ficarem a dois metros da bilheteria dos cinemas para não prejudicar o movimento do público. “Dois metros não resolve o problema eles têm que ficar pelo menos cinco metros longe das bilheterias”.

Com o objetivo de adiar a segunda discussão do projeto e criar dificuldades para aprovação da nova lei, o ex-vereador Antônio Neves Teixeira foi, terça-feira, à câmara e obrigou o vereador Ruy da Costa Val a apresentar emendas.

#### **Baleiro**

Enquanto isso, um baleiro que trabalha há um ano no cinema Brasil, Rivalino Miguel, disse que ganha comissão de 30 por cento sobre os preços que o depósito para onde trabalha. Seu ordenado varia, dependendo até mesmo dos filmes, “porque as pessoas compram mais balas quando assistem a uma comédia ou um musical”. Há meses em que consegue ganhar Cr\$ 25 mil.

Rivalino Miguel disse que antes era ele próprio que comprava os produtos para revender e que isso reduzia o preço das balas, pois o comprador podia especular e, assim, obter diferença. Agora os preços são marcados pelos três depósitos – Kátia, Los Angeles, Le Noir – e não é permitido fazer diferença. Mostrou um “drops” que custa Cr\$ 40 e podia ser vendido por Cr\$30, fosse o baleiro quem fixasse os preços.

Outro baleiro, Elias dos Santos que trabalha no cinema Acaiaca, disse que não ganha mais do que Cr\$10 mil por mês. É favorável à volta dos baleiros porque não é possível deixar mais de 250 colegas, que tem os mesmos problemas de cada um, sem trabalho e sem esperança de trabalho (Transcrição matéria jornal “Diário de Minas” de 29 de junho de 1963).

Podemos identificar pelos objetos outros indícios de “antologias de existências” - todos possuem como característica comum serem objetos de usos cotidianos. Mas a que tipo de cotidiano estamos nos referindo? Ao nos aproximarmos dos objetos dessa coleção podemos notar que a seleção tem alguns critérios que se repetem. Há uma busca por objetos que representem algum tipo de criatividade prática cotidiana. Adaptações e montagens, objetos de trabalho de profissões marginalizadas como ambulantes, carrinheiros<sup>3</sup>, letristas<sup>4</sup>, amoladores de faca. Criatividade que envolve um tipo de apropriação, de ação a que Michel de Certeau chamaria de tática “vitória do fraco sobre o mais forte, pequenos sucessos, arte de dar golpes, astúcia de caçadores” (CERTEAU, 1994, p.45), uma combinação de elementos heterogêneos. Mesmo os objetos industrializados, de consumo, são escolhidos por peculiaridades criativas e estranhamentos: uma galocha

---

<sup>3</sup> Carrinheiros: atividade exercida por profissionais ambulantes que trabalham recolhendo objetos descartados nos bairros, ruas e áreas residenciais e comerciais das cidades. Possuem carrinho adaptado transporte onde depositam os objetos até conseguirem vender em algum ferro velho, brechó ou lojas do tipo “topa-tudo”.

<sup>4</sup> Letristas: profissionais que confeccionam placas artesanais para estabelecimentos comerciais, com palavras escritas a mão, em geral com grande habilidade técnica.

para sapato de salto alto, um chuveiro a álcool, um “descalçador” de botas em formato de caranguejo. Encontramos também inúmeras manifestações do universo *kitsch*, objetos considerados vulgares, baratos, de gosto duvidosos e com apelo ao sentimentalismo.

A coleção de Antônio Carlos, compreendida pelos objetos e suas histórias pode também ser importante fonte de pesquisa para um campo da história conhecido como micro história. Esse gênero historiográfico teve seu desenvolvimento inicialmente na Itália na década de 1980, com historiadores como Carlo Ginzburg e Giovanni Levi e tem como metodologia a análise histórica com uma delimitação bem recortada no tempo e no espaço, com temáticas ligadas ao cotidiano e a pessoas anônimas, numa abordagem que mescla antropologia e literatura.

Dessa forma, o objeto de estudo dessa dissertação pode ser descrito como uma coleção de objetos de uso cotidiano e suas histórias. Estão relacionados temporalmente ao século XX e XXI e espacialmente a Minas Gerais, mais especificamente Belo Horizonte. Além das histórias relacionadas ao uso e apropriações dos objetos também temos como parte do acervo, as histórias relacionadas à coleta e guarda desses objetos.

### **2.3) Vertentes da museologia contemporânea.**

Definido o tipo de acervo, o tipo de coleção e com que tipos de objetos semióforos estamos lidando, chega a hora de estabelecer critérios para institucionalização da coleção, sob a forma de museu. De que museu estamos falando? O que chamamos de museu? Essa definição é difícil e complexa até para o ICOM (International Council of Museums - Conselho Internacional de Museus).

A origem etimológica da palavra museu é precisamente “o lugar onde as musas habitam”, um cenário mitológico, habitado pelas nove deusas gregas da poesia, da música e das artes liberais. Essa palavra, *mouséion* aparece no século III AC em Alexandria para designar um local que era uma espécie de centro de pesquisa, com hospedagem para professores e alunos discutirem o ensino e também local de memorização de todos os conhecimentos. Ao longo da história ocidental essa instituição conhecida por museu passou por inúmeras transformações conceituais. De gabinetes de estudos franceses e italianos do século XIV a locais de visão enciclopédica, no século XVIII, até a compreensão de que tudo podia ser musealizado, mesmo deixando os objetos *in situ*, como na concepção original de Quatremère de Quincy do final do século XVIII, mas que demorou dois séculos de

amadurecimento até a enunciação dos modelos de museus comunitários e eco museus do século XX, dentre outros. Hoje com os novos meios de comunicação e de virtualidade, a ideia do museu universal, que pode ser consultado na tela de um dispositivo, nos remete às primeiras concepções de museu e as diferenças de natureza material e imaterial estão sendo reduzidas até desaparecerem (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2007).

O Museu continua sendo um termo que tem a capacidade de ser inserido numa ampla variedade de práticas discursivas sendo na maioria das vezes, como comenta Paula Findlen, “uma ponte entre a vida social e intelectual, movendo-se entre essas esferas com uma peculiar expansividade” (FINDLEN, 2004, p.23). Um local não só de guarda de objetos, mas também onde as relações sociais são formadas. Um cenário peculiarmente suscetível às estratégias culturais de seus criadores. Um local com vocação pública, institucional e com função de identificação (dar nome para as coisas), de pesquisa (classificar, estudar o contexto, documentar), de preservação (do que foi acumulado para ser transmitido), interpretação (através da comunicação das coleções, das exposições) e ensino (como lugar de troca, de relações com a comunidade).

Em resumo, uma instituição que contribui para a exploração e compreensão do mundo, através do estudo, preservação, disseminação e transmissão do patrimônio tangível e intangível da humanidade, acessível ao público e que pode assumir a forma dos lugares onde estão inseridos (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2007). Um tipo de instituição onde o conhecimento se dá na experiência, um conhecimento fisicamente adquirido. Portanto um local de grande importância na formação, do ponto de vista da educação propriamente dita. Interdisciplinar por natureza, o museu se apresenta como o local onde temos acesso a um tipo de “realidade”.

“(...)a realidade, seja em objetos ou em fenômenos, é um aspecto insubstituível de um museu, uma necessidade. A realidade é até “a palavra museológica”. Eu iria até mais longe: um museu é realidade concentrada. Talvez essa seja a única coisa que distingue a museologia de qualquer outra forma de comunicação científica.

(...)qual é a verdadeira função do museu? Qual a sua função ideal, o que é que ele faz melhor do que qualquer outro sistema? A resposta para essa pergunta está na definição com que inicie: estímulo. Criar uma distinção entre o antes e o depois. Em um bom museu ou uma boa exposição, você acaba saindo com mais perguntas do que quando entrou. O museu é uma ferramenta para a mudança, para a mudança individual e, portanto, para a mudança social também. O museu é insubstituível no estágio mais importante do processo cognitivo: o início. Saindo da indiferença para a vontade de aprender. E não há nada como a realidade para fornecer o estímulo. A realidade estimula mais que qualquer uma de suas representações” (WAGENSBERG, 2005).

Nessa instituição que chamamos de museu, seja ela pública ou privada, podemos identificar hoje, ao menos três tipos de cultura museológica. Segundo Carla Padró o primeiro tipo seria uma cultura museológica tradicional, que entende o museu como um lugar de saber disciplinar e enciclopédico, da alta cultura. Entende os visitantes como passivos aos conteúdos expostos no museu, considerado o emissor. É o museu visto como local de ritual, onde o silêncio emana do objeto exposto à contemplação dos visitantes. O relato do objeto é pretensamente neutro, descritivo, identificativo e informativo. (PADRÓ, 2003). Essa descrição subentende uma certa estagnação de sentidos, como se ao visitante não fosse permitido a intervenção e a própria significação. Mas segundo Andreas Huyssen, mesmo em instituições tradicionais, o museu tem caráter dialético:

Fundamentalmente dialético, o museu serve tanto como uma câmara mortuária do passado – com tudo que acarreta em termos de decadência, erosão e esquecimento – quanto como um lugar de possíveis ressurreições, embora mediadas e contaminadas pelos olhos do espectador. Não importa o quanto o museu, consciente ou inconscientemente, produz e afirma a ordem simbólica, pois sempre haverá uma sobra de significados que excedem o conjunto das fronteiras ideológicas, abrindo assim um espaço para reflexão e a memória contra hegemônica. (HUYSSSEN, 1994, p.37)

O segundo tipo de cultura institucional, também segundo Carla Padró, seria a cultura museológica analítica, que entende o museu como lugar da democratização do saber disciplinar, e para isso trabalha no sentido de prover acesso físico e cognitivo às coleções do museu. Essa cultura ainda mantém traços de uma visão técnica, pragmática e funcional do museu. Para atrair o maior número de visitantes promove o que poderíamos chamar de exposições espetáculo, e conseqüentemente encaram os visitantes como consumidores. São museus em que há preponderância das imagens em relação às palavras, promovendo uma imersão do visitante convidado à recreação e ao entretenimento. Em geral possuem um espaço expositivo com profusão de cenografias, manequins e justaposições de imagens, transformando-o em local altamente estetizado (PADRÓ,2003). Apesar de buscar ser um reflexo da sociedade, nesse tipo de instituição museológica não há, muitas vezes, espaço para reflexão crítica por parte dos visitantes, nem uma escuta de outras narrativas. Mais uma vez podemos contrapor a essa descrição, uma outra reflexão de Andreas Huyssen no que diz respeito à cultura de espetáculos a que pertence esse tipo de museu. A pergunta chave que coloca é se, nesses tipos de museus, há a “liquidação do sentido da história e a morte do sujeito” (HUYSSSEN, 1994, p.38), se há “a sobreposição da superficialidade contra a profundidade, da velocidade contra a vagarosidade” (HUYSSSEN, 1994, p.38). E ao

problematizar a crítica que se faz a esse tipo de instituição, propõe complementá-la com uma “perspectiva às avessas, que investigue o desejo do espectador e as inscrições do sujeito, a resposta do público, o interesse dos grupos e a segmentação das esferas públicas sobrepostas” (HUYSEN,1994, p.38). Ou seja, propõe não reduzir a uma única linha política, algo tão complexo. Ao analisar a sociedade denominada pós-moderna, Huysen entende que o sucesso desse tipo de cultura museística do espetáculo, pode ser entendida como uma demanda por objetos auráticos, pela “experiência do fora de série”. Comenta o fato de que o *boom* dos museus aconteceu na Europa simultaneamente à implantação das redes de tevês a cabo, fato que ocasionou uma grande oferta de canais de tevê, de programas e filmes, até então de difícil acesso. Pondera que essa grande oferta de produtos culturais suscitou um “desejo irrealizável de experiência e acontecimentos, de autenticidade e identidade que a televisão não consegue satisfazer”. (HUYSEN,1994, p.52). Ele expõe a lógica do novo capitalismo cultural. Quanto mais oferta, mais desejo de outros tipos de experiência.

Mas qual é a diferença encontrada nos museus? Será a sua realidade, a materialidade física dos objetos museicos, o artefato exibido, que inibe a autêntica experiência ao contrário da irrealidade sempre fugaz da imagem da tela? A resposta a essas perguntas não pode ser inequívoca, porque na cultura humana não existe nada parecido com o objeto imaculado, anterior à representação (HUYSEN,1994, p.52).

O terceiro tipo de cultura museológica identificado por Padró seria o que hoje é denominada museologia crítica, onde o foco está no conhecimento relacional, interdisciplinar e indagador (PADRÓ, 2003). Nesse tipo de instituição há uma clara noção de que o conhecimento é resultado, ou melhor, processo, de luta e conflito. Então o questionamento e a autorreflexão são fundamentais nos processos expositivos e educativos desses museus, que procuram se identificar como centros de investigação e que incorporam as narrativas e interpretações dos visitantes, não mais passivos, mas encarados como parte de construção do conhecimento. Essa vertente de museus é mais recente e pode ser encontrada em instituições menores, comunitárias ou nos eco museus.

O Museu do Cotidiano, deverá se aproximar de qual tipo de instituição? Penso que sua vocação está mais próxima de uma instituição de museologia crítica, de caráter mais aberto conceitualmente. Um museu híbrido, no sentido que ele, como conjunto, se caracteriza como obra. O conteúdo material construído por Antônio Carlos formado por objetos heterogêneos, objetos de produção de massa, objetos artísticos, da alta e da baixa cultura,

que se destacam pela relação entre eles, pela sua exibição em conjunto, pela ambiência produzida no espaço de exposição e guarda. Essa montagem dos objetos, essa *assemblage* criada pelo colecionador poderia ser considerada um conjunto não normal, sendo ela própria elemento e conjunto de si mesmo, como comenta Umberto Eco a respeito do texto sobre a espantosa lista de animais de Borges, que deixou estarecido Foucault e levou-o a escrever “As Palavras e as Coisas”:

Este livro nasceu de um texto de Borges. Do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento — do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia —, abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a profusão dos seres, fazendo vacilar e inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro. Esse texto cita “uma certa enciclopédia chinesa” onde será escrito que “os animais se dividem em:

- a) pertencentes ao imperador,
- b) embalsamados,
- c) domesticados,
- d) leitões,
- e) sereias,
- f) fabulosos,
- g) cães em liberdade,
- h) incluídos na presente classificação,
- i) que se agitam como loucos,
- j) inumeráveis,
- k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo,
- l) et cetera,
- m) que acabam de quebrar a bilha,
- n) que de longe parecem moscas”.

No deslumbramento dessa taxinomia, o que de súbito atingimos, o que, graças ao apólogo, nos é indicado como o encanto exótico de um outro pensamento, é o limite do nosso: a impossibilidade patente de pensar isso. (FOUCAULT, 1999, p.IX).

Essa lista inclui, no item **h**, a própria coisa, um paradoxo que deixa pista para a análise do acervo: ele é elemento e conjunto ao mesmo tempo. Ele é constituído pelos elementos do acervo sendo ele próprio parte desse acervo, um conjunto especial, conhecido na matemática como não normal<sup>5</sup>. Eco comenta, a respeito da enciclopédia que “com essa

---

<sup>5</sup> O conceito dos conjuntos não normais foi formulado por Bertrand Russel em 1901 ao perceber um paradoxo na teoria de conjuntos de Frege descrita no livro “Leis Fundamentais da Aritmética” e se baseava no fato de que um conjunto M, definido como “conjunto de todos os conjuntos que não possuem a si próprios como elementos” é uma contradição. O conjunto M contém a si mesmo? “Se sim, não é membro de M de acordo com a definição. Por outro lado, supondo que M não se contém a si mesmo, tem de ser membro de M, de acordo com a definição de M. Assim, as afirmações “M é membro de M” e “M não é membro de M” conduzem ambas a contradições”.

classificação de Borges, a poética da lista atinge seu ponto de máxima heresia e blasfema". (2010, p.396).

Podemos dizer que esse conjunto de objetos que compõem a coleção de Antônio Carlos, em constante movimento, desafia a lógica museológica tradicional e convida os visitantes à reflexão sobre os importantes aspectos da cultura material a que estamos inseridos, tendo um potencial de estabelecer diálogos artísticos de vários níveis, seja como espaço para apropriações do tipo *site specific*<sup>6</sup>, seja como fonte de objetos para trabalhos artísticos, seja como fonte de histórias para projetos relacionados à literatura e ao cinema. Ao mesmo tempo, representando com seu acervo, fragmentos da história da cidade e de seus habitantes, também pode ser apropriado como espaço museal em restrito senso. As propostas de roteiro de visita devem incluir a participação dos visitantes na interpretação do acervo sob a forma de captação de áudios com histórias das pessoas relacionadas aos objetos e a posterior disponibilização dos áudios e imagens de forma virtual, através de um site a ser construído para o museu. Também a promoção de editais de ocupação artística e de criação literária e cinematográfica, são alguns pontos a serem trabalhados como sugestão do caráter museológico dessa coleção, produto dessa dissertação.

## **2.4) Exemplos de Museu-Obra**

### **2.4.1) Museu da Inocência**

Um caso emblemático de instituição museológica híbrida que poderia ser encarada como uma obra que traz aproximações ao objeto de estudo deste trabalho é o caso do Museu da Inocência em Istambul.

---

(PARADOXO DE RUSSELL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Paradoxo\\_de\\_Russell&oldid=48860456](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Paradoxo_de_Russell&oldid=48860456)>. Acesso em: 22 dez. 2018.)

<sup>6</sup> O termo *site specific* ou sítio específico faz menção a obras criadas de acordo com o ambiente e com um espaço determinado. Trata-se, em geral, de trabalhos planejados - muitas vezes fruto de convites - em local certo, em que os elementos esculturais dialogam com o meio circundante, para o qual a obra é elaborada. (SITE Specific. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5419/site-specific>>. Acesso em: 23 de dez 2018.



Figura 45: Orhan Pamuk no interior do Museu da inocência em Istambul. Fonte: <https://masumiyetmuzesi-en.myshopio.com/>

Esse museu está localizado em uma casa de pequeno porte na região central de Istambul e foi concebido pelo escritor Orhan Pamuk, prêmio Nobel de Literatura em 2006, utilizando o dinheiro recebido na ocasião do prêmio para comprar o imóvel onde montaria esse museu. A particularidade do Museu da Inocência é que Pamuk o criou como a um romance. Museu e livro foram criados simultaneamente a partir dos objetos que Orhan Pamuk já vinha colecionando havia alguns anos. Então é possível “ler o museu”. Cada capítulo do livro está representado em uma vitrine. São oitenta e três capítulos e oitenta e três vitrines. A partir do encontro do escritor com os objetos a narrativa foi se formando. O livro e o museu, somados ao catálogo do museu, contam a história de dois amantes que se encontram na Istambul entre os anos 1970 e 1980, e através dessa história de amor somos levados a conhecer a cidade, também personagem do romance. É um museu muito impressionante também do ponto de vista visual e teve todo seu processo de formação e construção documentado por Pamuk catálogo do museu, chamado “A inocência dos Objetos”. Nesse catálogo/livro Pamuk a certa altura propõe um manifesto aos pequenos museus.

#### **Um Modesto Manifesto para os Museus – Orhan Pamuk**

Eu amo museus e não estou sozinho em achar que eles me fazem mais felizes a cada dia que passa. Eu levo os museus a sério e isso me deixa às vezes bem

furioso, com fortes pensamentos. Mas não o suficiente para falar dos museus com raiva. Na minha infância havia pouquíssimos museus em Istambul. A maioria deles eram monumentos históricos ou, como é bastante raro fora do mundo oriental, lugares com certo ar de escritório governamental. Mais tarde, os **pequenos museus nas ruas secundárias das cidades europeias, me ajudaram a entender que os museus, assim como as novelas, também poderiam falar pelos indivíduos.** Isso não é minimizar a importância do Louvre, do Museu Metropolitano de Arte, do Palácio Topkapi, do Museu Britânico, do Prado, dos museus do Vaticano – todos eles verdadeiros tesouros da humanidade. Mas eu sou contra o uso dessas preciosas e monumentais instituições como modelo para futuros museus. Museus deveriam explorar e descobrir o universo e a humanidade para o novo e moderno homem que emerge das nações não ocidentais, cada vez mais ricas. **Os objetivos dos grandes museus patrocinados pelo estado, por outro lado, são muito representativos desse mesmo estado. E isso não é nem bom, nem inocente.**

Eu gostaria de listar meus pensamentos em ordem:

1. Museus grandes e nacionais como o Louvre ou o Hermitage tomaram forma e se tornaram destinos turísticos essenciais e por outro lado abriram os palácios reais e imperiais ao público. Essas instituições, agora símbolos nacionais, apresentam a história da nação, história em uma palavra como sendo mais importante que as histórias dos indivíduos. Isso é uma pena **porque as histórias dos indivíduos são mais adequadas para a visualização das profundezas da nossa humanidade.**
2. Nós podemos ver as transformações dos palácios em museus nacionais e dos épicos em novelas como processos paralelos. Épicos são como palácios e falam da heroica exploração dos velhos reis que viviam neles. Museus nacionais, então, poderiam ser como novelas; mas não são.
3. Nós não precisamos mais de museus que tentam construir narrativas históricas da sociedade, da comunidade, da nação, do estado, da tribo, da companhia ou da espécie. Nós todos sabemos que o ordinário, que as histórias diárias dos indivíduos são mais ricas, mais humanas e muito mais alegres.
4. Demonstrar a riqueza histórica e cultural dos chineses, dos indianos, dos mexicanos, iraquianos ou turcos não é um problema, isso tem que ser feito, é claro, mas não é difícil de fazer. **O real desafio é usar os museus para contar com o mesmo brilho, profundidade e poder, as histórias dos seres humanos individualmente, que vivem nesses países.**
5. A medida do sucesso de um museu não deveria ser a sua habilidade de representar um estado, uma nação ou companhia ou uma história particular. Deveria ser **a sua capacidade de revelar a humanidade dos indivíduos.**
6. **É imperativo que os museus se tornem menores, mais individualistas e mais baratos. Esse é a única maneira deles contarem histórias na escala humana.** Grandes museus com suas enormes portas nos clamam a esquecer nossa humanidade e abraçar o estado e sua massa humana. Isso é o porquê de milhões de pessoas fora do mundo ocidental tem medo de ir aos museus.
7. O objetivo dos museus existentes e dos futuros **não deve ser representar o estado, mas recriar o mundo singular do ser humano** – o mesmo ser humano que trabalhou sob cruel opressão por centenas de anos.
8. Os recursos que são canalizados para os museus monumentais e simbólicos deveriam ser desviados para os pequenos museus que contam

estórias dos indivíduos. **Esses recursos deveriam também ser usados para encorajar e patrocinar pessoas para tornar suas próprias casas e estórias em espaços de exibição.**

9. Se os objetos não estão enraizados em seus arredores e suas ruas, mas estão situados com cuidado e criatividade em suas casas naturais, eles ainda vão retratar suas próprias histórias.

10. Edifícios monumentais que dominam a vizinhança e cidades inteiras não trazem nossa humanidade, ao contrário, eles a anulam. Ao invés **nós precisamos de museus modestos que honrem a vizinhança, as ruas, as casas e lojas da redondeza e as tornem elementos de suas exposições.**

11. **O futuro dos museus é dentro de nossas próprias casas.**

<b>Nós Temos</b>	<b>Nós Precisamos ter</b>
Épico	Novelas
Representação	Expressão
Monumentos	Lares
Histórias	Estórias
Nações	Pessoas
Grupos e times	Indivíduos
Grande e caro	Pequeno e barato

(PAMUK, 2012, p.54 -Tradução e grifos da autora)

O manifesto acima encontra ressonância no trabalho empreendido pelo colecionador pesquisado nessa dissertação e sua pretensão museológica de criação do Museu do Cotidiano.

Ao pensarmos no tipo de instituição museológica possível para abrigar essa coleção é possível aproximar da concepção humanista de Pamuk. Ele propõe o “museu novela”, das pequenas narrativas cotidianas, para a compreensão mais ampla do humano. Ao conceber o projeto do Museu da Inocência ele considera ser esse um caso de **obra multimídia**, um triplo projeto, no qual museu, catálogo e novela são complementares, mas são também obras independentes. O que podemos perceber subliminarmente em todas as obras é a visão que Pamuk tem da cidade com um repositório da memória coletiva. Os objetos seriam o suporte dessa memória.

É interessante notar que Pamuk caracteriza seu livro como uma novela e sendo desse gênero literário, ele está incorporado à tradição do romance. A história do livro não teve sua origem em relatos, em narrativas orais. Ela é ficção e não patrimônio da narrativa oral. Como Benjamin, analisa em seu ensaio “O Narrador”, o que separaria o romance da narrativa é que ele estaria vinculado ao livro e não às tradições orais, e assim sendo, o romance poderia ser considerado como a morte da narrativa.

A tradição oral, patrimônio da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance (...) ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. (BENJAMIN, 1994, p.201).

Como já indicava Benjamin, no mesmo ensaio, haveria dois tipos ideais de narradores: a figura do camponês como homem que viu a história de sua própria terra, que procurava “buscar no espacialmente próximo (no caso, sua cidade), aquilo que então já lhe era temporalmente distante: a sua infância, o passado” (KOTHE, p.40) e a figura do marinheiro, aquele que viu terras distantes, ao descrever cidades estrangeiras, “procurava tornar próximo o espacialmente afastado”. Em ambos os casos ocorreria a “categoria da aura: a aparição única de algo distante” (KOTHE, 1976, p.39).

Benjamin postula a tese de que a aura estaria sendo destruída nos tempos modernos por causa do desaparecimento de atividades favoráveis ao contar histórias, bem como devido à perda da categoria da experiência com a massificação. (KOTHE, 1976, p.39).

Para tornar essa distinção menos rígida, borrar os limites dessa divisão, Pamuk vai empreender uma obra de três partes que se conectam e que confundem os limites entre romance/novela e narrativa real. Vai compor sua obra multimídia composta pelo livro, pelo museu e pelo catálogo e provocar uma discussão sobre autenticidade, pois todas as três obras citam personagens ficcionais como pessoas reais e tratam os objetos como peças que pertenceriam a essas pessoas/personagens. Será uma busca de Pamuk pela aura perdida? Uma provocação? O fato é que, com essa obra, ele abriu espaço para discutir várias categorias em literatura e em museologia.

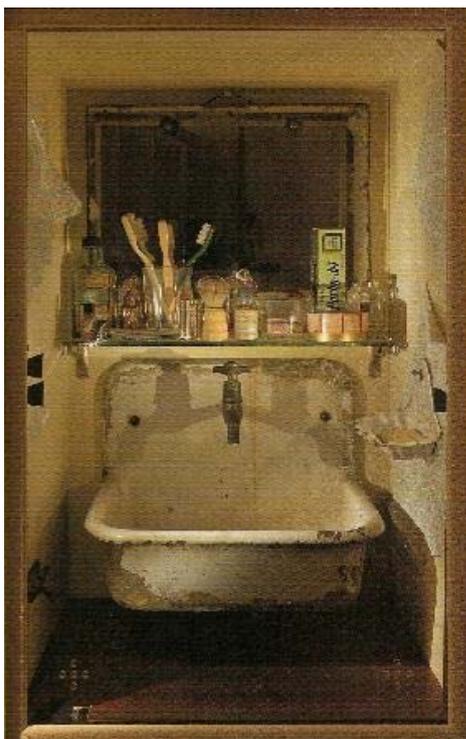


Figura 46: Foto da Vitrine 49 do Museu da Inocência – “Eu estava indo pedi-la em casamento”. Fonte: *The innocence of objects*, (PAMUK, 2012, p. 189).

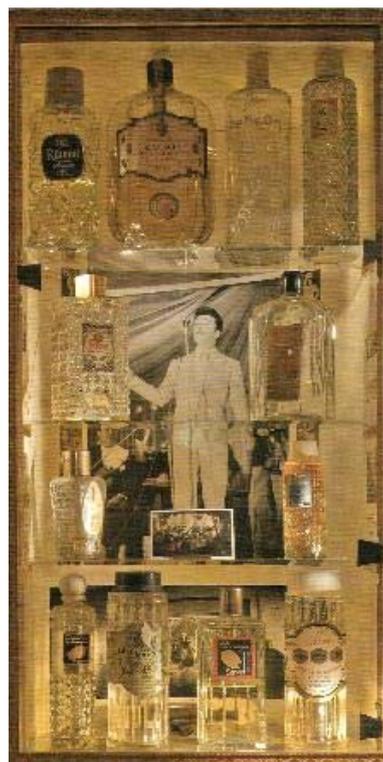


Figura 47: Foto da Vitrine 67 do Museu da Inocência – “Colônia”. Fonte: *The innocence of objects*. (PAMUK, 2012, p. 221).

No documentário *Innocence of Memories* (2015) realizado pelo cineasta inglês Grant Gee sobre o Museu da Inocência e sua concepção, com texto narrativo escrito por Orhan Pamuk, logo no início do filme o escritor descreve o que seria o fio condutor da obra museu–novela:

Há uma história para contar toda vez que uma pessoa e um objeto se encontram.  
Histórias que existem no tempo.  
O tempo em que comprei **esta bolsa de mão branca**.  
O tempo em que eu peguei **este saleiro**.  
O tempo em que perdi **este brinco**.  
O tempo em que vi **este jornal**.  
O tempo em que guardei **esta bola vermelha**.  
O tempo em que destruí **este relógio**.  
O tempo em que olhei para **esta paisagem**.  
Há sempre uma história para contar.  
Eu estava olhando através **desta janela quando eu vi esse corvo**.  
Eu estava chorando quando **eu lavei minhas mãos nesta pia**.  
Eu estava descendo pela rua quando **escutei este rádio**.  
Eu estava pensando nela enquanto **olhava para este barco**.  
Eu estava amando quando eu peguei **esse cigarro**.  
(<https://www.theguardian.com/film/2015/sep/10/innocence-of-memories-review-orhan-pamuk-istanbul-grant-gee-venice-festival>. Tradução da autora

Em uma entrevista de vídeo divulgada em fevereiro de 2015, Ohran Pamuk ao ser questionado sobre como o Museu da Inocência influenciaria as pessoas, responde:

Eu me preocupo com as memórias. Para mim como um romancista, não há um presente absoluto, todo momento tem uma “natureza escorregadia”. Nós vivemos o presente combinado com uma mistura do passado. Como não há presente absoluto é bom viver em cidades onde o passado nos é lembrado pelos elementos que vemos nessa cidade. Essa é a razão pela qual devemos ter o cuidado de preservar nossas praças, monumentos, edifícios, porque cada uma dessas coisas nos remetem às nossas memórias. Eu me preocupo com a preservação porque isso é uma forte demanda do ser humano. Reunir nossas memórias. Quando nós dizemos: estamos terrivelmente furiosos ou estamos amando e nesses momentos estamos em certos lugares das nossas cidades e quando voltamos a essa praça, quando nós vemos de novo esse edifício, na próxima vez que vemos de novo a paisagem do Bosphorus de certo monte alto, então nos lembramos justamente porque nós vemos a mesma coisa das nossas memórias. Mas se essa praça e se edifício for demolido, talvez perdêssemos a conexão com nossas memórias. Nesse sentido, edifícios, praças, árvores, fontes, o que quer que vejamos na nossa cidade, o que quer que eu me preocupe em descrever nos meus livros, refere-se a nos levar atrás das nossas memórias. Uma vez que a cidade é destruída, nós também perdemos nossas memórias. Objetos também tem o mesmo poder de evocar o passado e isso é o porquê de que quando nós vamos ficando velhos, nós nos apegamos aos objetos da nossa vida cotidiana. Eu defendo que tenhamos mais museus pequenos, celebrando os objetos da nossa vida diária. Museus deveriam focar em histórias pessoais ao invés de histórias de nações, de companhias, porque museus, eu defendo, como eu fiz no museu da inocência, deveriam explorar, dramatizar para encontrar o sentido dos objetos na nossa vida cotidiana.

[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=730&v=MqxGPTMbwF4](https://www.youtube.com/watch?time_continue=730&v=MqxGPTMbwF4)

Tradução da autora.

É inegável que todos os três projetos de Pamuk podem ser considerados como obras artísticas. Mesmo sua provocação ao criar um museu físico e outro literário, que se intercomunicam sob a forma de obra multimídia, pode também ser considerada um tipo de literatura expandida.

No caso do objeto de estudo dessa pesquisa, essa operação artística é mais complexa e ao mesmo tempo mais sutil. Ela abrange as ações que o colecionador vem desenvolvendo ao longo dos anos em que empreende a coleta e guarda desses objetos. A aproximação com o procedimento artístico da *assemblage* é apenas uma das possíveis leituras a se fazer. Ao contrário do museu de Pamuk, onde conteúdo e acervo estão definidos, levados pelo fio condutor da história de amor dos personagens da novela, no Museu do Cotidiano tudo é devir, ainda está por acontecer, conceitualmente as relações estão abertas para serem montadas. O mUc pode ser encarado como um conjunto potencial de obras a serem engendradas, pode estimular a participação do público na concepção e realização das obras a partir do acervo. Para tanto sua concepção como instituição deve ser desenhada tendo

em mente suas peculiaridades em relação a esse objetivo. Um museu cujo acervo se presta a um contínuo movimento de apropriação, um vaivém entre proximidade e distância e a várias narrativas.

Outra pesquisa em andamento, de autoria de Marcela Teófilo, mestranda do mesmo programa e linha de pesquisa ao qual estou inserida, ou seja, Educação em Museus e cuja pesquisa também aborda ao Museu do Cotidiano, propõe a produção de narrativas em formato de podcasts, com histórias dos objetos, da coleta dos objetos, da fruição objeto/visitante. Essas histórias captadas e posteriormente disponibilizadas, seja no site, seja através de captação via celular, começarão com relatos do próprio colecionador, mas depois irão abranger visitantes, internautas, etc. Relatos a partir dos objetos do museu ou sob o ponto de vista da agência dos objetos, relatos engendrados pelos objetos.

#### **2.4.2) Museu Guatelli**

Outro exemplo de museu-obra é o Museu Guatelli na região de Ozzano Taro di Collecchio na província de Parma, na Itália. Formado pela coleção constituída por Ettore Guatelli (1921-2000), um professor do ensino fundamental oriundo de uma família de agricultores, que nunca pode trabalhar no campo devido a problemas de saúde e que começou a colecionar objetos ainda nos anos 1940. Sua coleção tem como foco objetos da vida rural de sua região. Recolheu milhares de objetos de uso cotidiano, mas para além da coleção ele também coletou histórias das pessoas relacionadas aos objetos. Principalmente histórias dos camponeses da sua região. Essa coleção foi organizada meticulosamente por Guatelli, ocupando vários edifícios da fazenda pertencente à sua família. Hoje essa coleção está sob a guarda e é administrada por uma fundação, pois a filha de Guatelli doou o acervo para a província de Parma, logo após sua morte.

Em meados dos anos setenta a coleção Guatelli começou a atrair a atenção dos habitantes da região, órgãos públicos e estudiosos. Ao mesmo tempo, depois que os primeiros artigos apareceram nos jornais locais, Guatelli ganhou uma maior consciência de seu trabalho como colecionador e pesquisador local.

De fato, ele se viu envolvido involuntariamente no movimento de redescoberta da cultura material que caracterizou os anos setenta e oitenta. (<http://www.museoguatelli.it/ettore-guatelli> - acesso em 02/01/2019).



Figura 48: Sala no interior do Museu Guatelli em Ozzano Taro, município de Collecchio, a 20 km de Parma, Itália. Fonte: [www.inexhibit.com/case-studies/ettore-guatelli-museum](http://www.inexhibit.com/case-studies/ettore-guatelli-museum). Acesso 02/01/2019.



Figura 49: Sala no interior do Museu Guatelli em Ozzano Taro, município de Collecchio, a 20 km de Parma, Itália. Fonte: [www.inexhibit.com/case-studies/ettore-guatelli-museum](http://www.inexhibit.com/case-studies/ettore-guatelli-museum). Acesso 02/01/2019.

A Fundação Guatelli possui um programa chamado “Guatelli Contemporaneo” onde diversas atividades e eventos relacionando o acervo com trabalhos de artistas contemporâneos são promovidos no Museu. Em seu site<sup>7</sup>, podemos ver os diversos eventos já promovidos pelo Museu Guatelli, entre eles um edital para residência de jovens artistas, chamado OWIO, que distribuiu em 2016 três bolsas de estudo totalizando o montante de 3000 Euros. O Museu Guatelli, é também chamado de Museo dell'Ovvio, Museu do Óbvio. Muitos artistas já visitaram o local e podemos ver alguns depoimentos no mesmo site da instituição, como o do artista francês Christian Boltanski<sup>8</sup>:

As semelhanças entre minha poética e a de Guatelli, um brilhante professor elementar apaixonado por tudo, são muitas. Eu vi semelhanças não só com o meu trabalho, mas também com o de Duchamp e Spoerri. Porque Guatelli extrapola os objetos (neste caso, ferramentas de trabalho) de seu contexto, reinveste e transforma-os tornando-os mausoléus do passado. Rasga o esquecimento de pessoas pertencentes a um mundo menor que ninguém jamais colecionaria. (<http://www.museoguatelli.it/museo-del-quotidiano/cosa-si-dice-del-museo> - acesso 02/01/2019).



Figura 50: Detalhe da obra de Christian Boltanski, 'Réserve de Suisses morts' de 1991. Fonte: ([www.macba.cat/en/reserve-de-suisse-morts-0088](http://www.macba.cat/en/reserve-de-suisse-morts-0088)). Acesso em 02/01/2019.

<sup>7</sup> <http://www.museoguatelli.it/category/guatelli-contemporaneo>

<sup>8</sup> Christian Boltanski é um artista plástico francês cujo trabalho tem diversas plataformas de expressão, como escultura, pintura e fotografia. Sua temática tem como fio condutor a questão da identidade e da trajetória de vida diante de momentos históricos complexos como o Holocausto, temática que pode ser vista em seu trabalho chamado *Les Archives* apresentado na Documenta de Kassel em 1987. Os objetos pessoais representam um importante papel na construção de suas obras.

A coleção do Museu Guatelli se assemelha à coleção estudada nessa dissertação em diversos pontos, tais como o fato de ser empreendida por um único colecionador, a temática relacionada a objetos do cotidiano, a peculiaridade da organização do acervo no espaço de guarda da coleção, o fato da própria coleção ser uma obra em si, a relação próxima com o universo artístico que a instituição de Guatelli promove até os dias de hoje. Ela também pode ser tomada como exemplo institucional quando da confecção da fundação do Museu do Cotidiano.

Essas propostas de uso do acervo para criação de obras, com a possibilidade de intervenções no local ou não, podem ser encontradas em outras instituições museais, onde o acervo e a ambiência do local de guarda também possuem características importantes na fruição, como é o caso do Museu Pitt Rivers em Oxford e no museu Soane de Londres.

O Museu Pitt Rivers foi fundado em 1884, quando o general Augustus Pitt Rivers, etnólogo e arqueólogo inglês, doou sua coleção à Universidade de Oxford, com a condição de que fosse construído um edifício para abrigar essa coleção e de que fosse nomeado um antropólogo para direção do futuro museu. Na época da doação, sua coleção contabilizava 22.000 artefatos arqueológicos e antropológicos e hoje a coleção do museu ultrapassa 500.000 objetos, sendo considerada a maior coleção do gênero do Reino Unido. A forma como a coleção está disposta dentro do museu é resultado da proposta inicial de Pitt Rivers, pois apresenta os objetos separados por tipologia, não por data ou local de origem, sendo diferente da maioria dos museus de antropologia. Essa ambiência promovida pela exposição, associada ao grande número de artefatos possibilitou ao promover um tipo de apropriação diferente ao tema antropologia e desenvolver programas de intervenções artísticas no seu acervo e no espaço museal.



Figura 51: Vista vão central do Museu Pitt Rivers, sem intervenção artística. Fonte: site instituição. (<https://www.prm.ox.ac.uk/>). Acesso em 02/01/2019.

Em um catálogo produzido pelo Museu Pitt Rivers, onde podemos ver um panorama das intervenções feitas no período entre 2004 e 2014, por artistas a partir do acervo e do local de guarda, podemos ler o seguinte texto:

“Museums are not old buildings housing dusty objects, viewed by passive visitors: far from it. They are dynamic spaces where artists generate challenging artworks and present them for debate. This section is an introduction to some of the contemporary visual artists who have interacted with both the collection and the space that is the Pitt Rivers Museum.”

([https://www.prm.ox.ac.uk/sites/default/files/prm\\_artists.pdf](https://www.prm.ox.ac.uk/sites/default/files/prm_artists.pdf) - acesso em 20 de janeiro de 2018).



Figura 52: Obra da artista Naoko Myazaki no vão central do Museu Pitt Rivers, em Londres. 2006/2007. Fonte: site instituição. <https://www.prm.ox.ac.uk/sites/default/files/uploads/education/PRM%20artists.pdf>.

Já o Soane Museum em Londres, edifício projetado no século XIX pelo arquiteto e colecionador John Soane, para ser sua residência e local de guarda de sua extensa coleção de objetos da antiguidade clássica, foi transformado em local museu poucos anos antes de sua morte. Sua coleção tem aproximadamente 5900 objetos egípcios, gregos e romanos.



Figura 53: Sala expositiva Soane Museum. Fonte: site Museu Soane – Londres. (<https://www.soane.org/collections-research/key-stories/opening-soane>).

No site do museu podemos observar algumas exposições feitas a partir do acervo do Museu Soane. Algumas dessas exposições foram concebidas especialmente para o Museu, propondo intervenções no seu espaço expositivo.



Figura 54: Vista da cozinha do Museu Soane em Londres, com diferentes configurações. A foto da direita mostra intervenção no espaço a partir de objetos do acervo revisitados pelo artista Adam Nathaniel Furman. Fonte: Site museu: [www.soane.org](http://www.soane.org)

## 2.5) Diante do espaço

Quem sabe não estamos nós aqui para dizer: casa, ponte, fonte, portal, jarra, fruta, árvore, janela – no máximo, coluna, torre (...).  
(RILKE, *apud* NORBERG-SCHULZ, 2006)

A atual organização espacial do acervo de Antônio Carlos Figueiredo é um importante dado na conceituação museológica para o Museu do Cotidiano, como já foi citado anteriormente. Para além do paralelo que procuramos estabelecer com o fenômeno dos gabinetes de curiosidades europeus dos séculos XVI e XVII é importante definir a base conceitual para pensarmos essa analogia e quais os mecanismos de interpretação do espaço utilizaremos. As estratégias conceituais vislumbradas para este caso específico teriam como base o conceito de heterotopia formulado por Michel Foucault, a abordagem fenomenológica do espaço empreendida pelo arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz em sua obra *“Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture”*, e, no que diz respeito ao roteiro de visita, o conceito de rizoma, desenvolvido por Gilles Deleuze e Felix Guattari.

### 2.5.1) Heterotopia

Michel Foucault em um texto escrito no ano de 1967 e só publicado em 1984, vai problematizar a questão do espaço social contemporâneo e propor o conceito de heterotopia, uma espécie de contraponto ao conceito de utopia.

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2003, p.411).

Considerando utopia como um tipo de posicionamento sem lugar real, define heterotopia como uma espécie de lugar real “fora de todos os lugares, embora efetivamente localizáveis”. (FOUCAULT, 2003, p.415). Ele vai identificar alguns tipos de heterotopias e denominá-las em espécies de categorias: heterotopias de crise, como os lugares sagrados para culturas ditas primitivas; heterotopias de desvios, como as casas de repouso, as prisões e clínicas psiquiátricas; heterotopias temporais, como os museus e bibliotecas; heterotopias de compensação como jardins botânicos e zoológicos, heterotopias de purificação, como templos ou saunas; heterotopias de ilusão, como espelhos. No caso dessa pesquisa especificamente, podemos entender que o espaço de guarda da coleção faz parte da categoria **heterotopia temporal**.

A ideia de tudo acumular, a ideia de constituir uma espécie de arquivo geral, a vontade de encerrar em um lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a ideia de constituir um lugar de todos os tempos que esteja ele próprio fora do tempo, e inacessível à sua agressão, o projeto de organizar assim uma espécie de acumulação perpétua e infinita do tempo em um lugar que não mudaria, pois bem, tudo isso pertence à nossa modernidade. O museu e a biblioteca são heterotopias próprias à cultura ocidental do século XIX. (FOUCAULT, 2003, p.419).

O acúmulo dos objetos que podemos observar no espaço de guarda da coleção, pode nos remeter a essa espécie de desejo de encerrar o mundo ideal em um só lugar - nesse caso o mundo da vida cotidiana. Nas entrevistas realizadas com Antônio Carlos, uma frase recorrente é: “Dá pra viver sem isso”?

Foucault identifica também o correspondente temporal a esse princípio da heterotopia e o denomina **heterocronia**, ou seja, uma outra percepção do tempo, de justaposições e dilatamentos, rupturas com o tempo tradicional que pode ser proporcionado, por exemplo, pela experiência com o espaço da coleção.

### **2.5.2) Olhar fenomenológico**

Para Norberg-Schulz a fenomenologia é um método de retorno às coisas, em contraponto às construções mentais abstratas. Apesar dele tratar na sua obra principalmente da paisagem e de espaços urbanos e arquitetônicos, poderíamos aplicar sua análise para esse ambiente interno, ou seja, o espaço onde está abrigada a coleção. O termo grego *genius*

*loci*, recuperado da antiga noção romana, quer dizer literalmente “gênio do lugar” (ou espírito do lugar). Para os gregos, todo espaço tinha seu espírito, ou seja, sua **essência**. Norberg-Schulz introduz o conceito de “espaço existencial” no qual considera o espaço não como um termo “lógico-matemático, mas compreendendo as relações básicas entre o homem e o seu meio” (REIS-ALVES, 2007), com um olhar especial para as qualidades sensoriais dos materiais, da luz, da cor e das conexões entre materiais.

Sendo totalidades qualitativas de natureza complexa, os lugares não podem ser definidos por meio de conceitos analíticos, “científicos”. Por uma questão de princípios, a ciência “abstrai” o que é dado para chegar a um conhecimento neutro e “objetivo”. No entanto, isso perde de vista o mundo-da-vida-cotidiana, que deveria ser a verdadeira preocupação do homem em geral e dos planejadores e arquitetos em particular (...) na realidade, a poesia é capaz de concretizar as totalidades que escapam à ciência e, por isso, é capaz de sugerir como se deveria proceder para obter a necessária compreensão.  
(NORBERG-SCHULZ, 2006)

Para analisar um lugar ele propõe as categorias espaço e caráter. “Enquanto “espaço” indica a organização tridimensional dos elementos que formam um lugar, o “caráter” denota a atmosfera geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar”. (NORBERG-SCHULZ, 2006). Enquanto o espaço está relacionado à terra, o caráter está relacionado ao céu, numa abordagem que tem eco no conceito de Heidegger de habitar - “sobre a terra já significa sob o céu” (Heidegger, apud REIS- ALVES, 2007). Ao retornar à coisa em si, ao adentrar no lugar de guarda da coleção, podemos dispor dessa maneira de compreender fenomenologicamente o seu espaço e seu caráter. Ao invés de simplesmente propor uma nova organização espacial museológica, devemos parar para ver, para analisar. Entrar em contato com. Perceber a natureza da organização, dos materiais, das cores, da luz e sombra, das escalas, das sensações, da atmosfera. Podemos falar que o espaço tem caráter de interioridade, é claro, pois se trata de um espaço interior, de uma loja, mas para além do óbvio, ao adentrarmos percebemos fortemente uma ruptura com o lado exterior, uma ruptura que envolve o tempo também. Há um mergulho na sua interioridade, suas paredes são densamente povoadas por objetos, há apenas um local onde janelas se abrem para um fosso de ventilação interno ao edifício, reforçando ainda mais seu caráter interior. Também podemos afirmar a percepção da direção vertical na nossa noção espacial, pois o pé direito da loja é alto e permite sua ocupação. Isso dialoga com nossas noções de céu e terra, invoca uma certa solenidade que os grandes vãos comunicam, mesmo ocupados, como é o caso do espaço aéreo do Museu. Seria muito diferente a fruição dessa coleção se o pé direito

fosse baixo. Relacionamos simbolicamente locais altos a uma dimensão divina. Locais de pé direito alto nos colocam em posição relacional com nossa pequenez, com nossa finitude. Outro ponto interessante a ser notado é o formato da loja, que possui uma entrada extremamente estreita em relação ao seu grande espaço central, mais interior. Esse corredor de entrada, funciona como um espaço introdutório ao museu, um percurso preparatório até se chegar a uma espécie de “clareira” central. Esse espaço pode ser usado como um importante recurso museológico na fruição do acervo. Ao chegarmos no vão central, mais largo e de tamanho generoso, podemos perceber duas portas de entradas simétricas que nos conduzem respectivamente a duas salas, separadas pelo fosso central de ventilação. As duas salas são entrecortadas por um mezanino de madeira construído pelo proprietário. O mezanino reforça nossa percepção de altura da sala, dividindo-as em dois pavimentos e criando dois espaços distintos em qualidade: o de cima e o de baixo do mezanino. Cada uma das salas tem uma organização e temática diferente, propostas pelo colecionador. O mezanino atravessa de uma sala a outra cobrindo parcialmente o espaço central da loja, serpenteando de um lado a outro do fosso central de iluminação. Sua porção superior funciona à semelhança de um mirante e nos permite avistar o acervo de uma perspectiva diferente.



Figura 55: vista a partir do piso superior do mezanino. Fonte: acervo da autora, 2018.

É um local de grande peculiaridade e estranhamento. Muito especial no que diz respeito à ambiência proporcionada a quem visita (habita). Manter parte dessa ambiência é coerente com o tipo de museu proposto nesse trabalho. É claro que adaptações técnicas precisam ser feitas para contribuir para a acessibilidade, segurança das pessoas e do acervo, para uma melhor fruição. Mas, manter o caráter atual do lugar é uma estratégia importante (e de certa forma ousada), para promover o que poderíamos chamar de experiência estética.

A experiência estética traz consigo uma negatividade fundamental: fazer uma experiência não significa nem simplesmente recorrer ao já sabido nem adotar, imediatamente, o que é desconhecido: a experiência procura integrar o que é estranho ao familiar (isto é, ao quadro de referências que era familiar), mas alargado e enriquecendo aquilo que até então constituía o limite de todo real possível. Como resposta a uma “coerção acontecimental”, a experiência estética é uma mobilização multidimensional (cognitiva, volitiva e emotiva), produzida no confronto com um objeto problemático que é experimentado em uma situação não familiar. (GUIMARÃES, LEAL e MENDONÇA, 2006)

Alguns historiadores da arte descrevem os espaços onde se constituíram os gabinetes de curiosidades europeus como parte importante na fruição e difusão das descobertas científicas e também no que diz respeito à sensibilização do público que adentrava esses ambientes. Tudo levava à construção de uma ambiência: a organização proposta pelo colecionador, o mobiliário feito sob medida para o local, a quantidade de itens expostos, o enquadramento dado a certos objetos. Podemos considerar que nosso objeto de estudo também possui características interessantes para sensibilização do público, como a estranheza provocada pela quantidade de objetos sobrepostos verticalmente, pela natureza dos objetos expostos, pela proximidade possível na manipulação de certos objetos, pela aparente desordem dos objetos no ambiente. Como diria Antônio Carlos: uma “desordem cronológica”. A fruição possível em tal ambiente é da ordem do rizoma<sup>9</sup>.

### **2.5.3) Roteiro Rizoma**

Gilles Deleuze e Felix Guattari descreveram o conceito filosófico do rizoma no livro chamado “Mil Platôs” escrito em coautoria e editado na França em 1976, como uma nova forma de pensamento que difere da estrutura racional representada pela árvore, ordem hierárquica usada por toda a filosofia ocidental até então.

---

<sup>9</sup> O termo rizoma vem da botânica e diz respeito a extensão de caules que une vários brotos, abaixo da terra e tem crescimento horizontal, sendo a grama um exemplo muito conhecido de planta rizomática. Gilles Deleuze e Felix Guattari utilizaram esse termo em 1980, no livro Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia, para identificar “as passagens subterrâneas do pensamento, um sistema filosófico aberto.

No pensamento rizomático não há começo nem fim, tudo se dá no “entre”, como um labirinto sem entrada ou saída. “Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas” (DELEUZE, 2011 p.30). O termo foi emprestado da biologia e diz respeito a um tipo de caule, que pode florescer em qualquer ponto de sua estrutura e se transformar em bulbo ou tubérculo. Ela é uma parte subterrânea da planta e tem crescimento horizontal, no que difere das estruturas das árvores de crescimento vertical. Essa imagem de horizontalidade em contraponto à verticalidade pode ser uma das entradas para entender o rizoma. A verticalidade impõe fenomenologicamente a ideia de hierarquia. O vertical une a terra e o céu. Se o vertical começa a partir da terra, há uma base, uma raiz de onde se desenvolvem as ramificações. Há uma hierarquia. Há um começo e um fim. Já o rizoma é pura horizontalidade. Não tem começo nem fim, portanto não há hierarquia, ele pode conectar-se de um ponto qualquer a outro ponto qualquer. A imagem possível de um rizoma são as linhas. Deleuze e Guattari falaram das linhas de fuga.

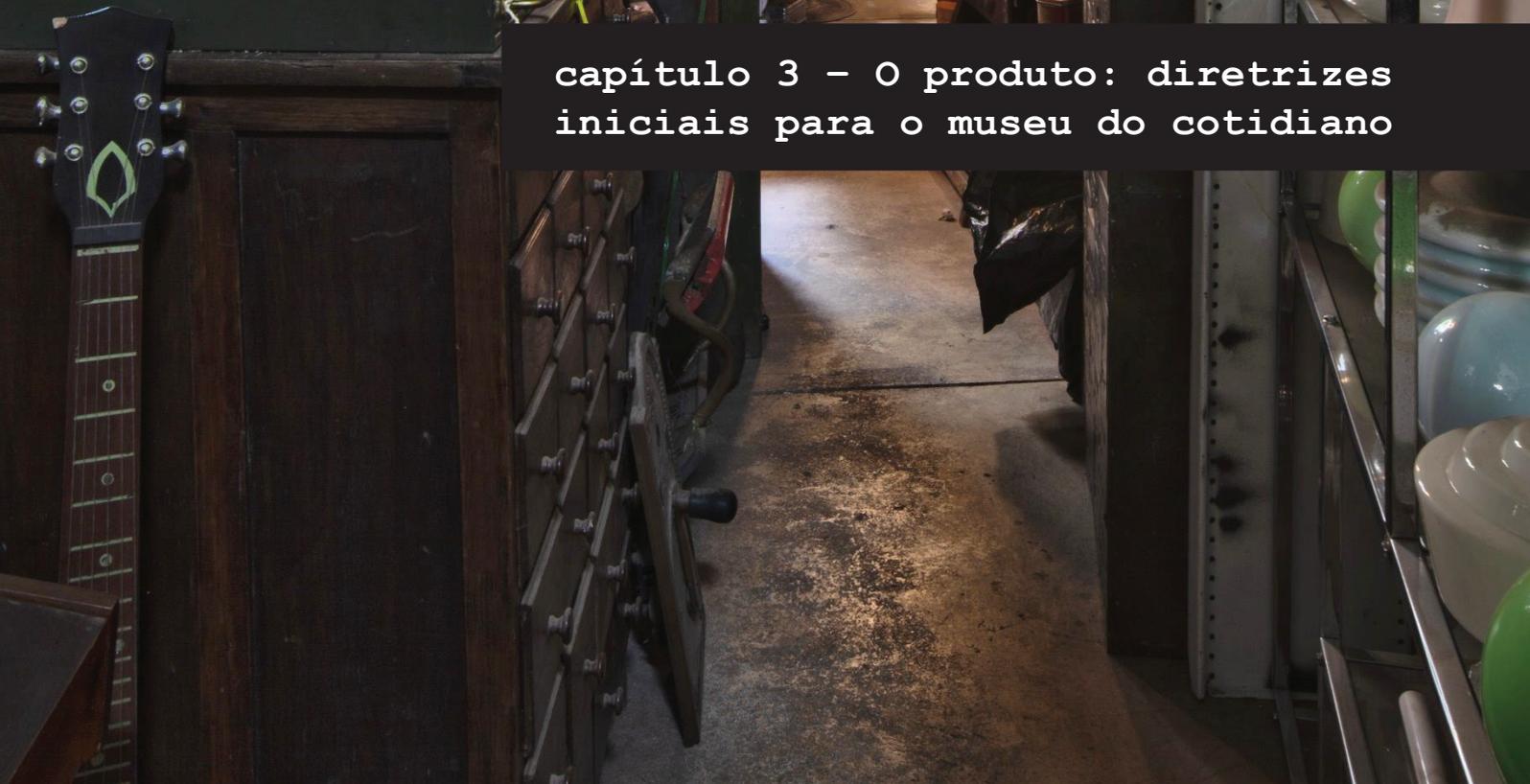
Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. Quando Glenn Gould acelera a execução de uma passagem não age exclusivamente como virtuose; transforma os pontos musicais em linhas, faz proliferar o conjunto. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p.17)

Quando pensamos num possível roteiro de visita que oriente o público em sua visita ao Museu do Cotidiano, nos deparamos com um tipo de paradoxo. Como orientar a visita se conceitualmente estamos propondo uma apropriação livre do público? Como dirigir uma visita se o próprio museu se apresenta como um local sem direção? Como museografar? Não estamos propondo nessa pesquisa um tipo de taxonomia organizacional para a coleção, estamos entendendo que a própria organização engendrada pelo colecionador-criador deve ser a incorporada pela futura instituição museal. O público será parte dos agenciamentos possíveis entre pessoas e objetos. Estamos propondo um pensamento rizoma. Considerando as linhas de fuga a serem constituídas pelo público a partir das visitas aos corredores multifacetados e lotados de objetos, que por estarem sem uma hierarquia organizacional explícita, podem proporcionar algum um tipo de contingência, um tipo de acaso, de “acidente” entre público e acervo. Objetos heterogêneos fazendo rizoma como uma vespa e uma orquídea... objetos e pessoas fazendo rizoma pela memória, mapeando, com uma “experimentação ancorada no real” (DELEUZE, 2011 p. 30).

A proposta museológica aqui sugerida como produto dessa pesquisa deixará livre o percurso a ser feito pelo público, indicando alguns objetos-chave como iscas, como linhas de fuga para a possível teia a ser tecida pelos visitantes. Nessa proposta, a indicação será feita por meio de etiquetas de papelão (ver descrição mais detalhada no capítulo 3), onde haverá uma descrição do objeto a partir das narrativas do colecionador, uma numeração que remeterá ao site do mUc, a ser construído. No site o público encontrará um conteúdo expandido: entrevistas com o colecionador, material complementar ao objeto, como fotos da coleta, matérias de jornal, áudios etc. E também haverá o local de possível interação com o público, local para upload de fotos e áudios, além de mensagens e depoimentos que o público vier a compartilhar no site. O capítulo 3 descreverá com mais detalhes tais propostas.



capítulo 3 – O produto: diretrizes  
iniciais para o museu do cotidiano



### **3) O produto: diretrizes iniciais para o museu do cotidiano**

#### **3.1) Plano Museológico**

A política brasileira em relação aos museus, tem história recente e pode-se identificar, no âmbito do Ministério da Cultura, alguns marcos importantes para inclusão institucional e desenvolvimento. Nessa história mais recente destaca-se a grande reestruturação empreendida em 2003, no governo de Luís Inácio Lula da Silva, com o então ministro da cultura Gilberto Gil.

“O Ministério voltou-se nesse momento para a inclusão social e a democratização da Cultura no país. É nesse contexto que é lançada a Política Nacional de Museus (PNM), em maio de 2003, e que também nasce, na estrutura do Iphan, o Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu), responsável pela gerência e condução da PNM” (IBRAM, 2016).

A Política Nacional de Museus, planejada de forma participativa e inclusiva, havendo consulta de grande parte da sociedade brasileira atuante nessa área para sua elaboração, propunha em seu caderno de políticas:

Promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização e memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país (IBRAM, 2016).

A proposta do PNM indicava que para alcançar esses objetivos seria adequado propor alguns eixos de atuação, como Gestão e Configuração do Campo Museológico; Democratização de Acesso aos Bens Culturais; Formação e Capacitação de Recursos Humanos; Informatização de Museus; Modernização de Infraestruturas Museológicas; Financiamento e Fomento para Museus; Aquisição e Gerenciamento de Acervos Culturais. Ao longo desses anos, essas políticas ajudaram a fortalecer e qualificar as instituições museais brasileiras, chegando ao ponto de amadurecimento para a criação do Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM, em 2009 e para sancionar, também em 2009, o texto do Estatuto de Museus, criado entre 2004 e 2005<sup>1</sup>.

(...) por meio da Lei Federal nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, o Ibram, autarquia do MinC, foi criado para dar prosseguimento à Política Nacional de Museus e contribuir com o desenvolvimento das instituições museológicas brasileiras, amparado na também já citada Lei Federal nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, marco regulatório para o setor.

---

<sup>1</sup> Atualmente, a extinção do Ministério da Cultura promovida pelo presidente Jair Bolsonaro, causa grande incerteza em relação à continuidade e expansão das políticas públicas de incentivo e promoção da cultura no Brasil.

Ambas as Leis foram regulamentadas pelo Decreto Federal nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. (IBRAM, 2016).

A importante questão da construção das identidades que o museu, de alguma forma, pode empreender junto à sociedade é um dos pontos fundamentais nas políticas públicas até então elaboradas no âmbito do Ministério da Cultura e posteriormente no âmbito do IBRAM. Esse é um grande desafio na elaboração conceitual de um novo museu.

Tratamos anteriormente, do desejo do colecionador Antônio Carlos Figueiredo de transformar a sua coleção particular em uma instituição museal. O nome por ele dado à coleção e local de guarda, ou seja, Museu do Cotidiano, ou **mUc**, como gosta de se referir à feitura da sigla, segundo conta, representa bem o empreendimento feito “no muque”, ou seja, às próprias custas. O caráter privado de sua formação é um fator importante na compreensão dessa futura instituição. O colecionador tem conhecimento da necessidade de criar um instituto cultural para que ele possa doar sua coleção de objetos e assim de certa forma garantir a sua continuidade e integridade mesmo sem sua presença. Segundo relata, já começou esse processo com um advogado e já negociou com sua esposa, a posse do imóvel da Rua Bernardo Guimarães como elemento importante do acervo do Museu, além de todo o seu conteúdo. O imóvel seria pertencente ao futuro instituto. Essa parte patrimonial, diz respeito ao empreendedor da coleção. O que trataremos aqui subentende que a coleção já está sob a guarda de um instituto. Segundo o Estatuto de Museus, aprovado em 2009, o conceito de museu seria:

Artigo 1º. Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades (IBRAM, 2016).

Esse estatuto compreende que as instituições podem ter caráter público ou privado, mas com as características de promover coleções de valor histórico e que conduzam ao processo de identidade das comunidades em que estão inseridas. Nesse sentido podemos trabalhar a coleção em questão e formatar uma futura instituição que promova as questões ligadas à identidade e à memória.

A primeira ação a ser empreendida para a consolidação do Museu do Cotidiano como instituição seria a elaboração de um plano museológico:

O Plano Museológico deve ser elaborado com a finalidade de orientar a gestão do museu e estimular a articulação entre os diversos setores de funcionamento, tanto no aprimoramento das instituições museológicas já existentes, quanto na criação de novos museus. Essa ferramenta de planejamento estratégico deve ordenar e priorizar as ações a serem desenvolvidas pelo museu para o cumprimento da sua função social e constituir-se como um documento museológico que baliza a trajetória do museu. O entendimento da importância do Plano Museológico para o desenvolvimento da gestão dos museus levou à sua inclusão no texto do Estatuto de Museus. Na Lei nº 11.904/2009, o Plano Museológico é tratado em seção específica e pode ser considerado bem detalhado, em relação a outros aspectos técnicos igualmente presentes na legislação, no Decreto nº 8.124/2013, ficando claro aos museus a sua obrigação de elaboração e implementação. (IBRAM, 2016)

O plano museológico pode ser visto como “ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador” (IBRAM, 2016), em sua dimensão estratégica encontramos a definição da missão, o diagnóstico e a identificação dos públicos e tem como objetivo estabelecer o planejamento “relativo ao nível gerencial da organização” (IBRAM, 2016). Serve para organizar ações dos programas institucionais, da gestão de pessoas, de acervos, de exposições, do setor educativo, de pesquisa, de segurança, financiamento e fomento, comunicação, do setor socioambiental e promover acessibilidade universal. Segundo documento elaborado pelo Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM, o plano museológico deve ser elaborado por profissional formado em museologia, devidamente registrado em conselho próprio:

O Conselho Federal de Museologia (Cofem), por meio da Resolução nº 03/2013, indica:

Art. 1º Determinar que os Corems enviem correspondência aos Museus Públicos e Privados, Fundações, Secretarias Estaduais e Municipais, Universidades e Ministérios, ao Ibram, ao IPHAN e demais instituições que possuem e administrem instituições museológicas de acordo com o artigo 1º da Lei 11.904, informando da obrigatoriedade de ter um museólogo devidamente registrado em seu Conselho de Classe compondo a equipe ou elaborando o Plano Museológico das instituições. (IBRAM, 2016).

O documento do IBRAM, propõe três etapas para elaboração do plano museológico. A primeira consiste na caracterização, no planejamento conceitual, no diagnóstico e na formatação dos objetivos estratégicos da Instituição. A segunda etapa consiste na elaboração dos programas de atuação do museu e a terceira, a elaboração de projetos no plano museológico.

A proposta de produto dessa dissertação contempla as diretrizes iniciais da primeira etapa na formatação do plano museológico, ou seja, a **caracterização** e o **planejamento conceitual** e entende que mesmo propondo alguns alicerces para a instituição, essa construção deve contar com participação de outros setores da sociedade e do colecionador ou seja, deve ser pensada de forma mais ampla e coletiva.

### **3.1.1) Caracterização do Museu**

Nesse tópico proposto pelo documento do IBRAM, primeiramente há a descrição do histórico da instituição, ou no nosso caso, o histórico da formação da coleção. Em seguida é proposta uma descrição da instituição, a partir de sua inserção local e de seu próprio espaço físico. O terceiro item seria a atuação do museu, que estabelece a linha de atividades que o museu desenvolve, ou no nosso caso viria a desenvolver.

O aspecto da história de formação da coleção já foi trabalhado anteriormente nesse texto, assim como a descrição e análise do local de guarda da coleção. Em anexo há um documento intitulado “Diretrizes iniciais para o Museu do Cotidiano” com um texto resumo do histórico da coleção e seus aspectos físicos, além dos outros itens de caracterização da instituição. Portanto a seguir apresento uma descrição da futura atuação do museu, assim como as linhas de atividade que poderá empreender como instituição.

A leitura do acervo e do lugar de guarda propostos nessa pesquisa, entendem há uma organização levada a cabo pelo colecionador que deve ser entendida como obra, indo além dos objetos colecionados. Essa organização produz uma ambiência no local de guarda que analisamos aqui como fator importante na interpretação e fruição do acervo e que poderia ser caracterizada como uma obra em si. Essa ambiência deve ser preservada observando as questões técnicas de acessibilidade universal, combate a incêndio e segurança de público e do acervo, além da higienização periódica do local e do próprio acervo. Além dessa questão de preservação da ambiência do local de guarda, usada como ponto de interesse na visita pública, a linha de atuação da instituição deverá abranger algumas propostas de intervenção criativa no local prevendo o uso do acervo de objetos. Essa vocação para fomento de obras artísticas poderá ser uma das principais atividade dessa instituição dos “objetos decolativos”<sup>2</sup>. A proposta é que as intervenções sejam criadas

---

<sup>2</sup> Sobre os objetos “decolativos”, ver depoimentos de Antônio Carlos no capítulo 1, página 55.

através de editais curatoriais promovidos pelo mUc. Como sugestão poderíamos propor uma divisão em três linhas:

- 1) Arte Contemporânea: para projetos de intervenção no local ou a partir de objetos do acervo.
- 2) Cinema ou vídeo: para curtas metragem e outros formatos concebidos a partir dos objetos da coleção e suas histórias.
- 3) Literatura: para contos a partir de histórias dos objetos e de sua coleta para integrar a coleção.

### **3.1.2) Planejamento Conceitual**

O segundo ponto dessa primeira etapa de um plano museológico é o Planejamento Conceitual da instituição, definindo sua missão, visão e valores. A missão tem como objetivo definir o papel da instituição na sociedade, qual é sua razão de ser e de existir. Deve ser coerente com sua atuação e com o público externo e periodicamente deve ser revista e checada em sua honestidade de propósitos. A visão tem a ver com a imagem da instituição no futuro, como deseja ser vista e compreendida, cujos objetivos e missão orientam esse sentido. Deve também ser coerente com sua atuação, apesar de poder ser ambiciosa. Os valores são o conjunto de filosofias, crenças e virtudes que a instituição prega e que também pratica. Não são as ações cotidianas, mas ações que indicam o comportamento da instituição em todas as suas atividades.

Após essa etapa de pesquisa junto ao colecionador e seus objetos e espaço de guarda, chego a seguinte proposta inicial para os tópicos acima descritos:

**Missão:** preservar, valorizar e dar visibilidade aos sujeitos e seus objetos, propiciando a valorização do fazer cotidiano bem como suas histórias, incentivando a criação artística contemporânea a partir do seu acervo.

**Visão:** ser referência nacional em termos de apropriação e uso do acervo para criação artística, do ponto de vista de uma nova proposta museológica de museu/obra, participativa e interativa, com foco na criação artística, seja nos campos da literatura, artes visuais, fotografia ou cinema.

**Valores:** Lutar contra a obsolescência dos objetos, ressignificar memórias, dar ênfase aos saberes populares, valorizar a participação do público e respeitar a diversidade.

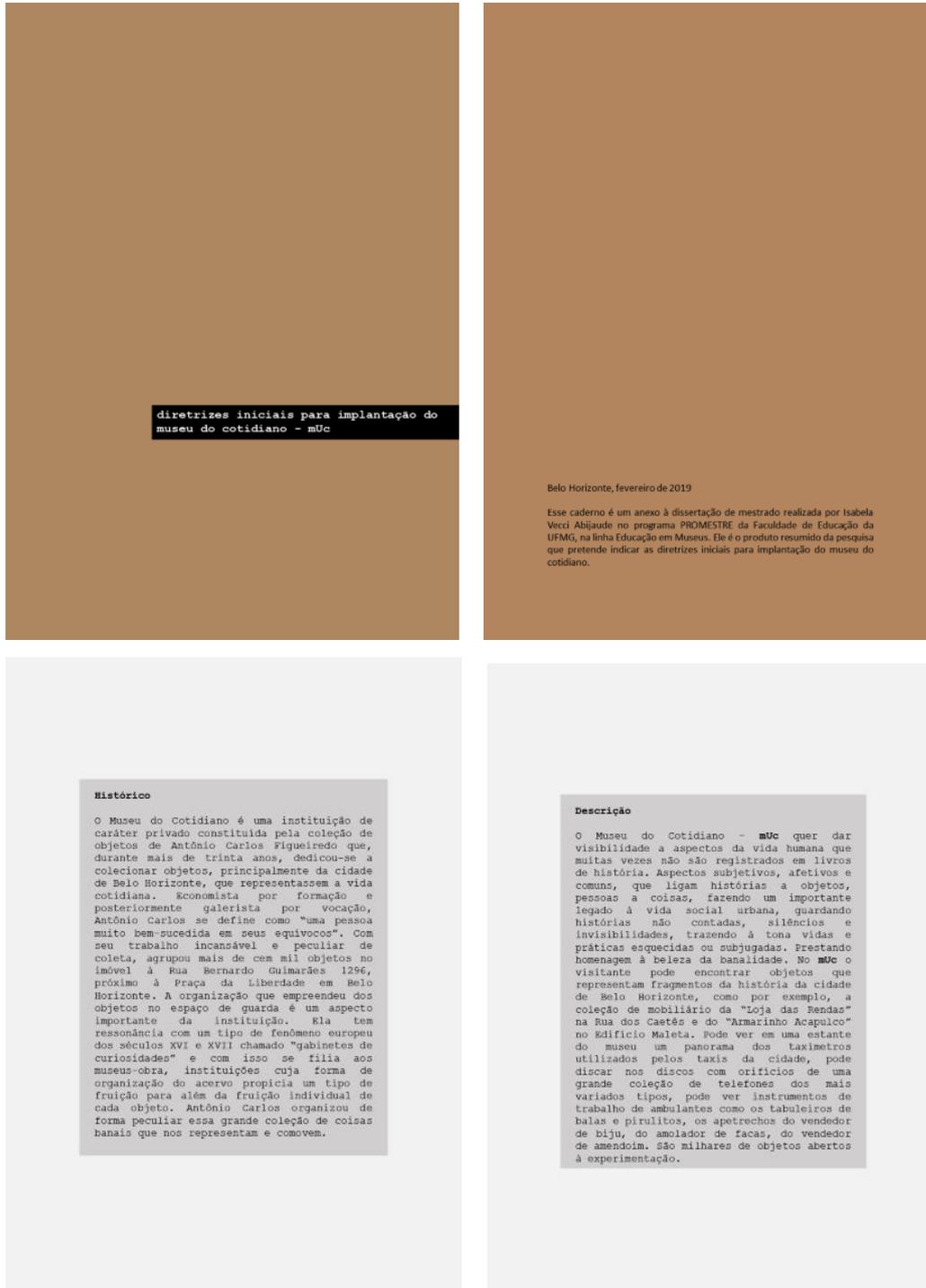


Figura 56: capa e miolos do folheto resumo do produto dessa dissertação: um planejamento conceitual museológico para a coleção de objetos de Antônio Carlos Figueiredo. Fonte: folheto anexo à essa dissertação.

### 3.2) Desafios de adaptação do espaço

A forma peculiar como um colecionador organiza sua coleção é tratada por Benjamin no livro ‘Passagens’ e parece feita sob medida para nosso caso de estudo:

Organizado, porém segundo um arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana. Este arranjo está para o ordenamento e a esquematização comum das coisas mais ou menos como a ordem num dicionário está para uma ordem natural. Basta que nos lembremos quão importante é para cada colecionador não só o seu objeto, mas também todo o passado deste, tanto aquele que faz parte de sua gênese e qualificação objetiva, quanto os detalhes de sua história aparentemente exterior: proprietários anteriores, preço de aquisição, valor etc. Tudo isso, os dados “objetivos”, assim como os outros, forma para o autêntico colecionador em relação a cada uma de suas possessões uma completa enciclopédia mágica, uma ordem do mundo, cujo esboço é o destino de seu objeto. (BENJAMIN, 2007, p.241)

A proposta museológica para o Museu do Cotidiano levará em conta a manutenção de sua atual disposição e organização do acervo, como já foi tratado anteriormente, entendendo que essa organização empreendida pelo colecionador é um aspecto central constituição e sobretudo na fruição da coleção.

Porém serão necessárias algumas adaptações técnicas no espaço para a abertura à visitação pública. Normas de acessibilidade e de combate a incêndio deverão ser observadas, além de procedimentos necessários para manutenção do acervo: diagnóstico, inventário, higienização e identificação. Durante a pesquisa pudemos observar alguns problemas em relação à conservação dos objetos e das obras de arte, como contaminação por cupins e traças, umidade e poeira. Todos esses procedimentos de preservação do acervo são defendidos como necessários nessa dissertação e vistos como fundamentais para a transformação da coleção em instituição aberta ao público. Tais procedimentos deverão preservar a ambiência em que o acervo está disposto e de certa forma destacá-la. Ações a serem empreendidas pelo Instituto mUc e equipe especializada.

A conservação – elemento essencial para a salvaguarda do patrimônio – é um conjunto de medidas e procedimentos que visa à proteção dos acervos contra esses agentes de deterioração. Pode ser preventiva ou corretiva. A conservação preventiva enfoca o acervo em sua integralidade, configurando-se em ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação. Inclui práticas rotineiras de controle de condições ambientais nas reservas técnicas e nos locais de exposições; limpeza e armazenamento adequados; estabelecimento de procedimentos de manuseio, empréstimo e exposição; entre outros. (FABBRI, Angélica; MACHADO, Cecília; RAMOS, Claudinéli; MEIRELLES, Heloisa; MONTEIRO, Juliana; BOTTALLO, Marilúcia. 2010.)

Nessa pesquisa estamos propondo a confecção de pelo menos o projeto de acessibilidade universal e de combate a incêndio, devido não só ao caráter legal que esses projetos representam, mas pela segurança do público e do acervo, uma vez aberta à visitação. Para a concepção desses projetos primeiramente foi necessário fazer um levantamento arquitetônico do imóvel, uma vez que o proprietário não possuía nenhuma planta da loja onde está alocada a coleção. Esse levantamento foi feito em novembro de 2017, durante visitas ao local que integram a pesquisa de mestrado. Foi necessário usar uma trena eletrônica a laser para fazer as medições devido à dificuldade de acesso às paredes limítrofes da loja, pelo excesso de objetos acumulados. A ilustração abaixo, reproduz o croqui inicial feito pela pesquisadora para servir de base às anotações de levantamento um desenho sem escala e fora de proporção.

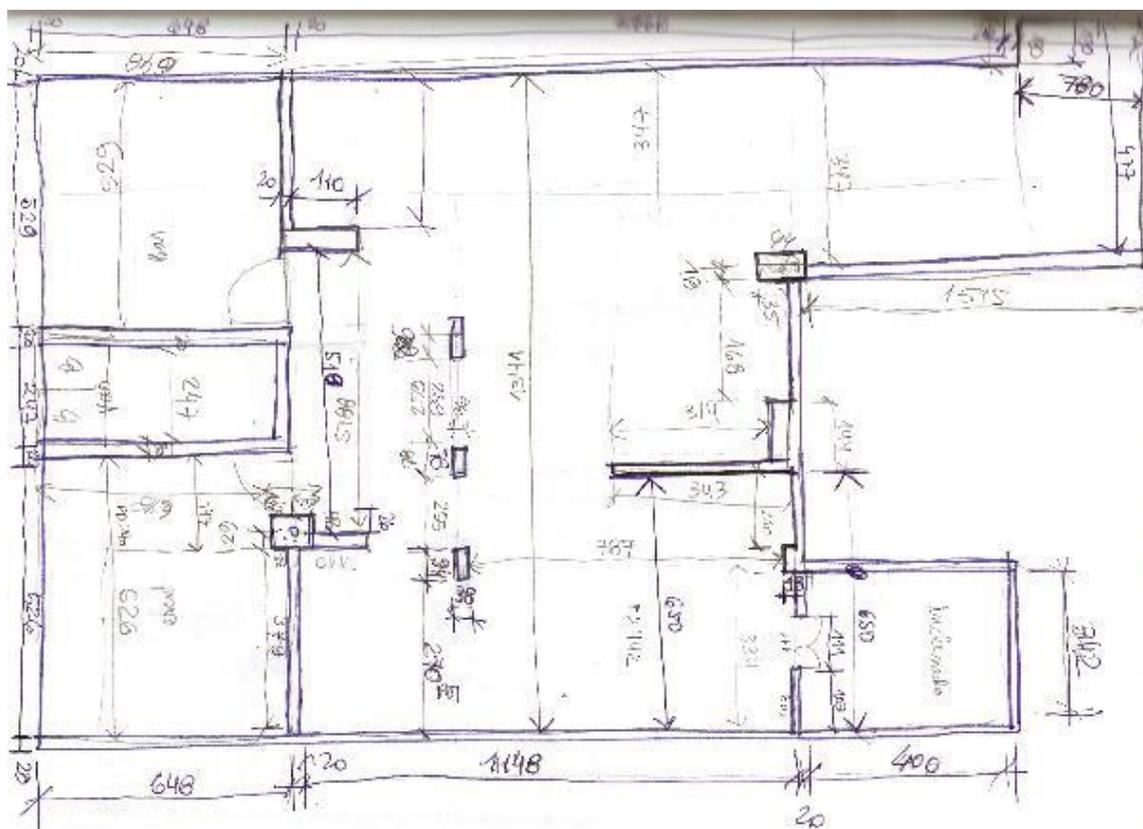


Figura 57: Croqui sem escala representando a planta de levantamento da loja da Rua Bernardo Guimarães. Fonte: Desenho da autora, 2017.

Em seguida, o procedimento foi “passar a limpo” ou transcrever o levantamento para uma escala reduzida e representar corretamente as proporções da loja. Nesse segundo desenho foi possível estudar uma circulação maior que atendesse às normas de acessibilidade universal, ABNT NBR 9050 “Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos”, que desde 2018 se transformou em decreto lei. O corredor de

circulação deve ser liberado e possuir no mínimo 1,10m de largura e espaços de “giro” para cadeiras de rodas. Nesse desenho há também a definição de um hall de recepção, onde o público receberá informações sobre a visita e poderá guardar bolsas, sacolas e demais objetos em um escaninho que funcionará como guarda-volumes. Também há um ensaio do que poderia ser uma sinalização dos objetos do acervo, seja num mapa em um folder ou no site do Museu, pois a ideia é que junto a alguns dos objetos selecionados do acervo haverá uma etiqueta de identificação do objeto, com numeração que remeterá ao site da instituição onde o público poderá obter informações complementares do acervo.

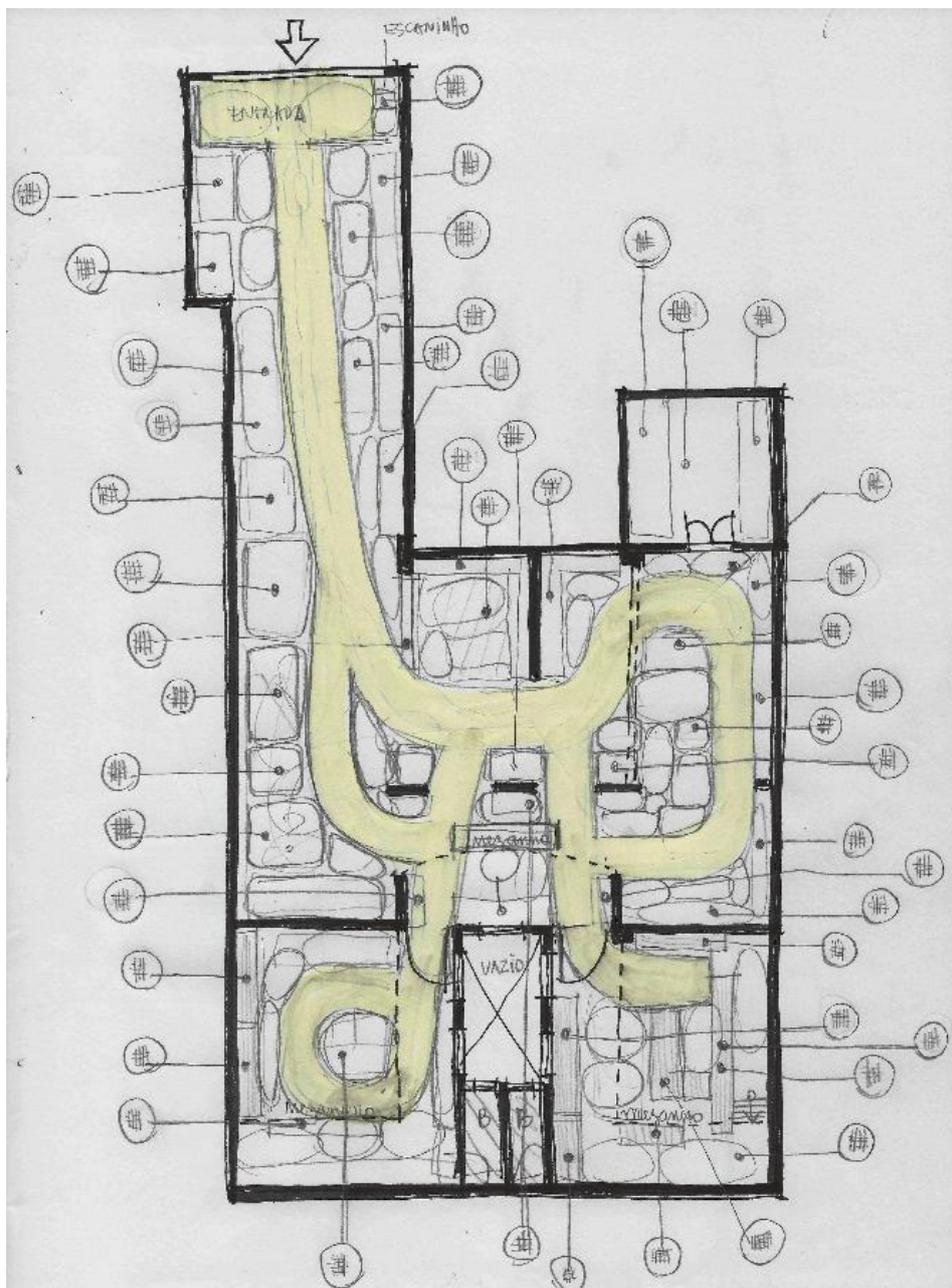


Figura 58: Segundo croqui, desenho em escala para estudo de acessibilidade – desenho da autora, 2017.

Um terceiro desenho, já transcrito para o aplicativo AUTOCAD foi elaborado para estudo, em escala, das normas de acessibilidade.

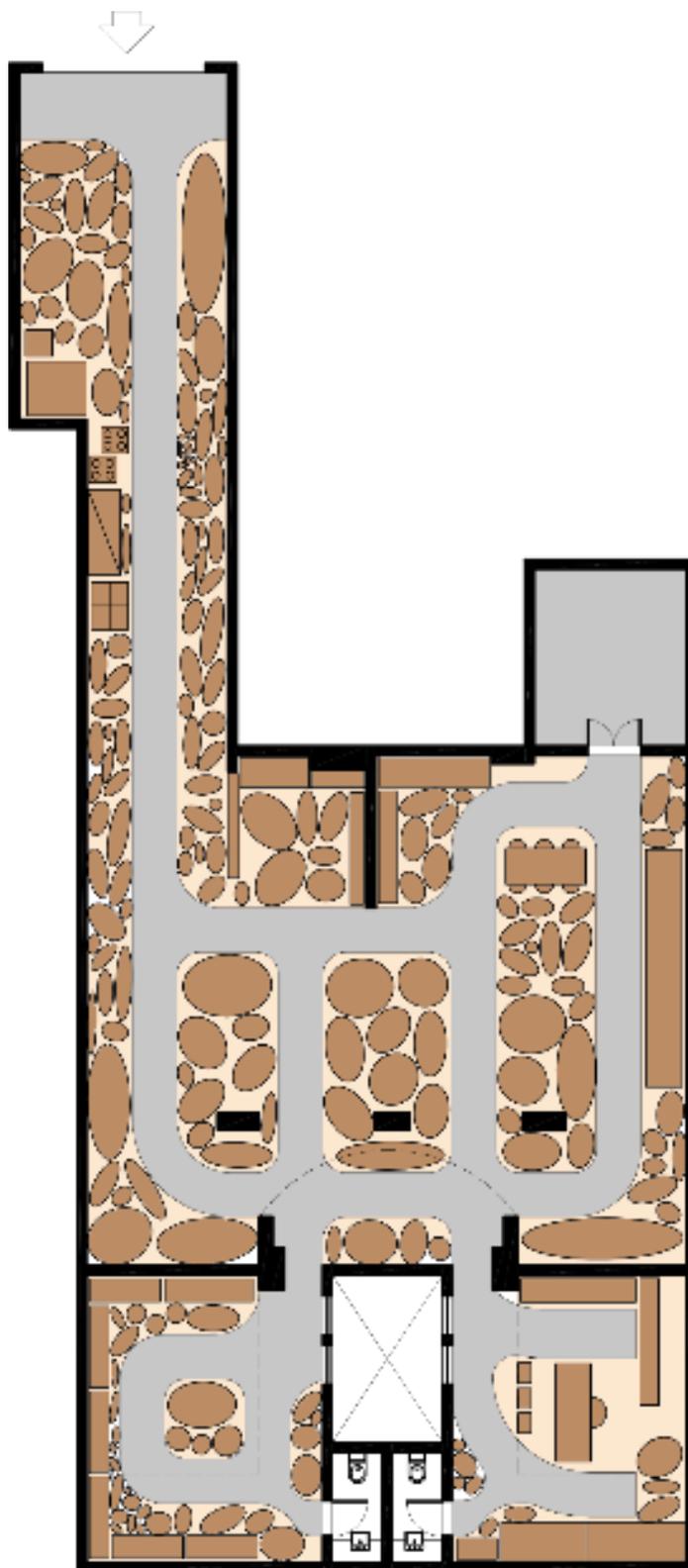


Figura 59: Estudo Preliminar, desenho realizado no aplicativo CAD, importado para o aplicativo Photoshop e colorizado. Estudo de acessibilidade aplicado à planta que servirá de suporte ao mapa do roteiro de visitação. Fonte: acervo Isabela Vecci, 2017.

Após o estudo preliminar foi elaborado o projeto executivo, na escala de desenho 1:100 com as cotas e informações necessárias à execução e implantação do projeto. Nesse projeto podemos observar os desenhos de “giro” para as cadeiras de rodas e a adaptação de um dos banheiros ao tamanho para PNE. Em seguida, desenho de projeto de combate a incêndio.

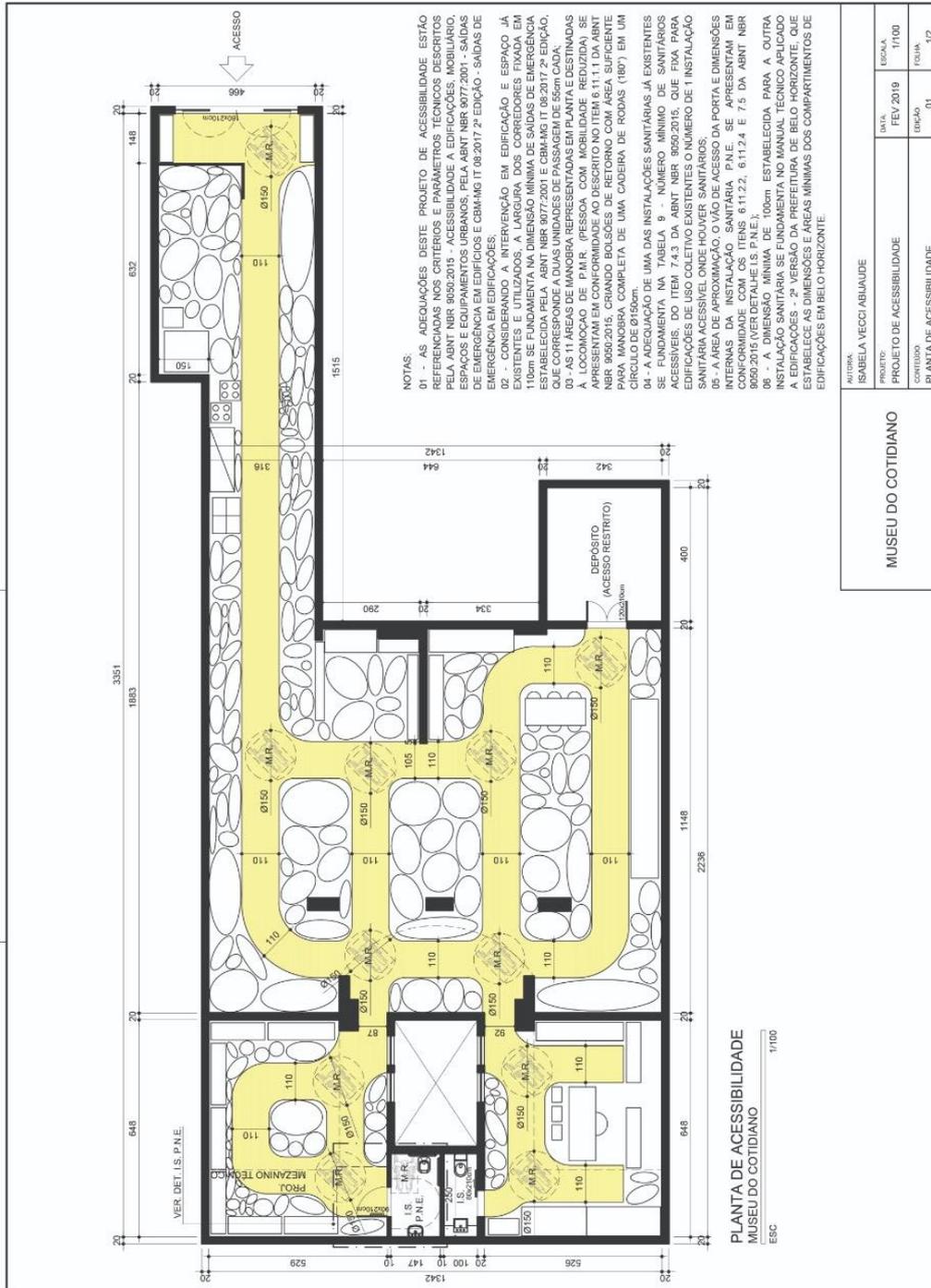


Figura 60: Projeto de acessibilidade universal segundo a norma da ABNT 9050. Projeto de Isabela Vecci Abijaude, com a colaboração de Marlon da Silva Junior. Para melhor visualização, ver desenho em formato A3 em anexo a essa dissertação.

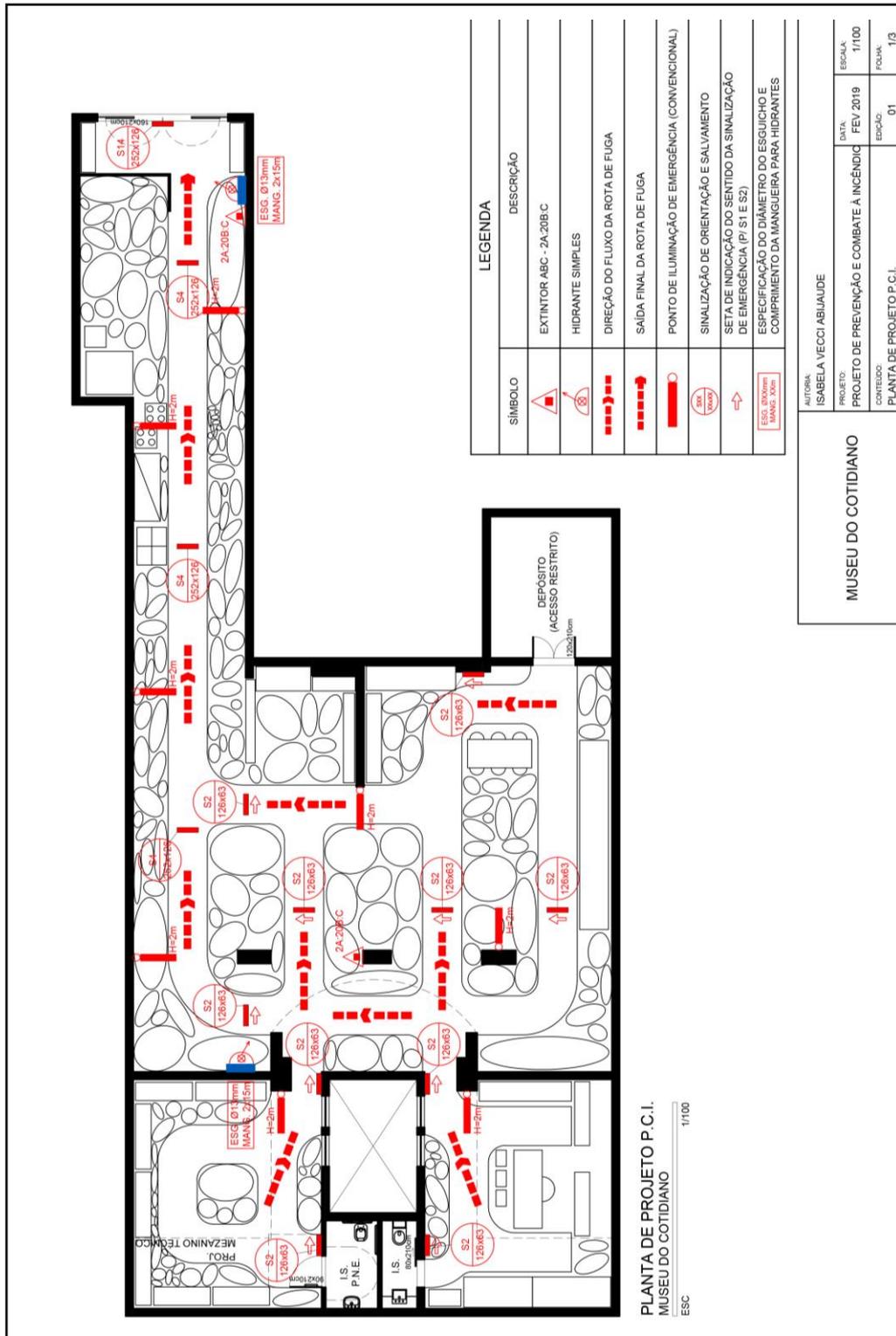


Figura 61: Projeto de combate a incêndio segundo legislação estadual. Projeto de Isabela Vecci Abijaude, com a colaboração de Marlon da Silva Junior. Para melhor visualização, ver desenho em formato A3 em anexo a essa dissertação.

### 3.3) O convite à interação – formas de engajamento

O ser dos objetos existe na relação com o ser dos outros objetos e o ser humano. Falar sobre objetos é falar necessariamente acerca de nossa própria historicidade. (RAMOS, 2014).

A visita ao **mUc** pode ser pensada como um roteiro de inúmeras entradas, um rizoma. A conformação da coleção, sua particularidade de exibição e sua ambiência são fatores importantes na construção de um roteiro de visita. Ao indicar que o acervo deve permanecer na forma como o colecionador organizou, guardadas as devidas intervenções técnicas citadas, assumimos um tipo rizomático de visitação. Com isso indicamos a construção de roteiros que podem ser percorridos de inúmeras maneiras, apesar de uma indicação inicial, que pode ser temática. Alguns exemplos de temas para os roteiros:

- Fragmentos do comércio de Belo Horizonte
- Os ambulantes da cidade
- Os objetos dos homens infames
- O kitsch no cotidiano
- Gambiarras
- Memórias na cozinha
- O universo de Lorenzato
- As placas cotidianas
- Os objetos fracassados

Esses roteiros deverão ser desenvolvidos ao longo do tempo e poderão contar com apoio de texto impresso e do próprio site do museu, dando continuidade, virtualmente, à visita. Além disso, ao apontar objetos de destaque no acervo, produziremos um tipo de etiqueta de sinalização com numeração, onde o visitante poderá encontrar, ao acessar o site do museu, informações complementares, fotos e áudios sobre os objetos. A possibilidade dada aos visitantes de fazer suas próprias etiquetas de sinalização, construindo seus próprios significados, também será estimulada tanto no website como *in loco*, no programa educativo do **mUc**. No site o visitante também será convidado a postar fotos e áudios narrativos sobre seus próprios objetos, e com isso compartilhar suas próprias coleções e narrativas. Como parte das propostas elencadas nessa pesquisa, elaboramos um layout para as páginas iniciais do site, já pensando em um menu inicial de navegação.

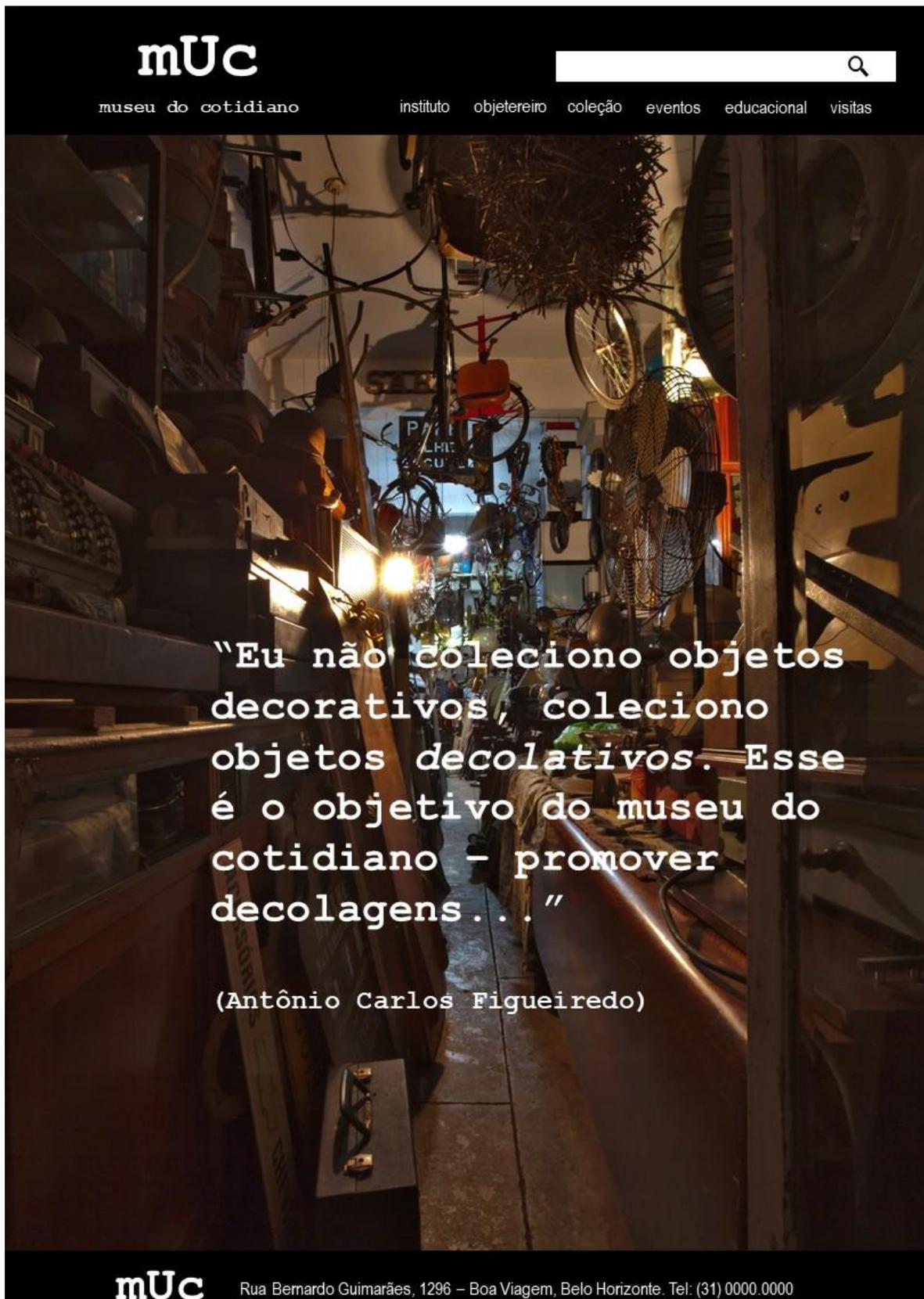


Figura 62: Estudo de layout inicial para página de abertura do site. Projeto da autora. Fonte: acervo Isabela Vecci Abijaude



Figura 63: Estudo de layout inicial para página de abertura do site, com simulação de barra de rolagem. Projeto da autora. Fonte: acervo Isabela Vecci Abijaude.



Figura 64: Estudo de layout inicial para página de abertura do site, com simulação de barra de rolagem do item coleção. Nela podemos ver as seções: “meu objeto” e “minha etiqueta”, onde o visitante poderá fazer upload de fotos e textos. Projeto da autora. Fonte: acervo Isabela Vecci Abijaude.

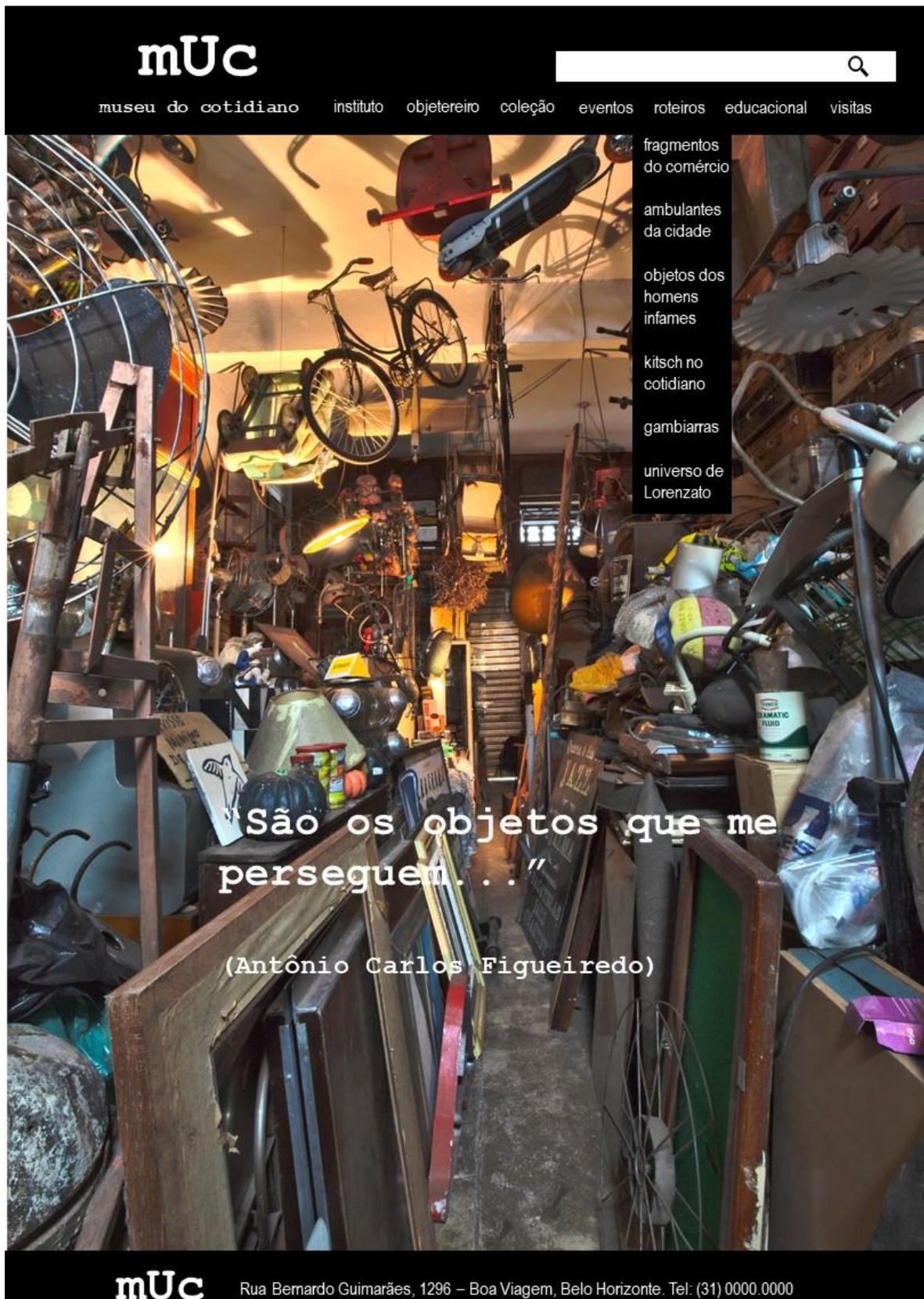


Figura 65: Estudo de layout inicial para página de abertura do site, com simulação de barra de rolagem do item roteiros. Nela podemos ver sugestões de temas iniciais: fragmentos do comércio, ambulantes da cidade, objetos dos homens infames, kitsch no cotidiano, gambiaras, universo de Lorenzato. Projeto da autora. Fonte: acervo Isabela Vecci Abijaude.

Abaixo, simulação da navegação no site do item fragmentos do comércio.

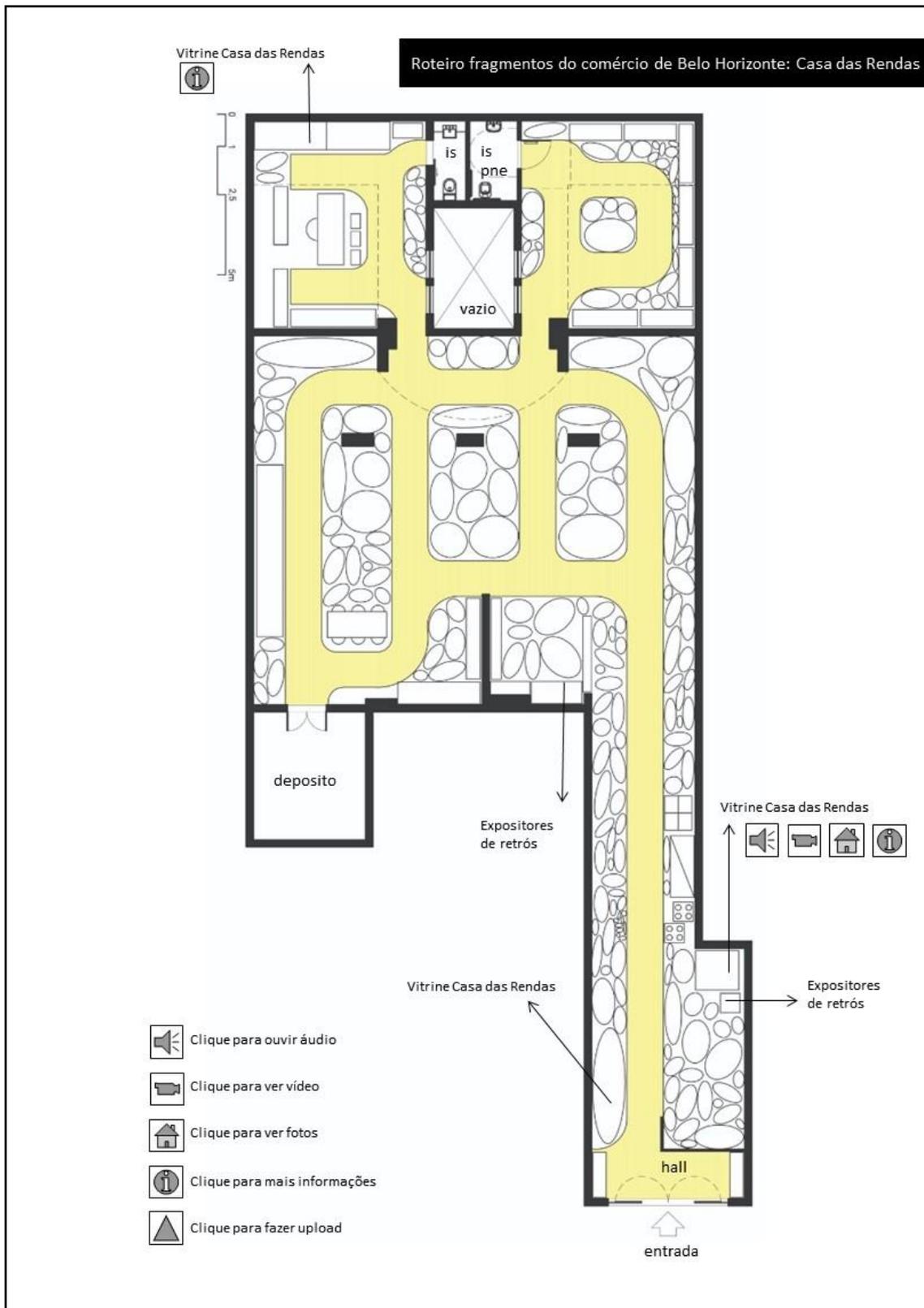


Figura 66: Simulação de página inicial do roteiro no site, cujo tema é "Fragmentos do comércio em belo Horizonte". A partir de cliques nos ícones o visitante pode expandir sua visita com informações complementares sobre o assunto, vendo fotos e vídeos, lendo textos informativos e dando upload em fotos e textos de comentários. Fonte: projeto da pesquisadora, 2018.

Simulação de desdobramentos da navegação, ícone informações complementares.

### O caso da vitrine desaparecida

Antônio Carlos possui uma rede de informantes sobre demolições e desmanches em Belo Horizonte. Um dia, um desses informantes ligou dizendo que tinha visto um caminhão lotado de móveis antigos muito bonitos, mas que não sabia a procedência. Imediatamente, Antônio Carlos foi ao local de encontro com o caminhão. Negociou o conteúdo e partiu feliz para seu galpão. Lá chegando investigou todas as gavetas em busca da origem do mobiliário. Recibos de banco com o nome Abras Curi forneceram a pista: os móveis eram da extinta **Casa das Rendas** da Rua dos Caetés. Mas uma coisa intrigou o objeteiro: parecia faltar um móvel, pois a disposição da loja era bem simétrica e não havia uma vitrine lateral. Ligou para o marceneiro do qual havia comprado o lote. A princípio ele negou a existência de mais mobiliário proveniente da loja, mas depois de muito insistir, Antônio Carlos descobre finalmente a peça que faltava: tinha virado galinheiro na casa da mãe do marceneiro. Partiram juntos até a residência da senhora, que ao descobrir que perderia seu galinheiro se mostrou não muito contente... Até entender que receberia um novinho em folha!

Figura 67: Simulação de caixa de texto informativo a ser inserido no site e acionado a partir do clique no ícone de informações. Fonte: projeto da pesquisadora, 2018.

## O caso da vitrine desaparecida



Cena 1: Antônio Carlos convence o marceneiro a leva-lo até a casa de sua mãe para ver a vitrine que falta para completar o conjunto da Loja das Rendas



Cena 2: Lá chegando Antônio Carlos observa o depósito do marceneiro. A vitrine não estava lá...



Cena 3: A mãe do marceneiro aparece, um pouco desconfiada com a visita.....



Cena 4: Finalmente Antônio Carlos localiza a vitrine: tinha sido transformada em um galinheiro.



Cena 5: As galinhas dormiam nas cremalheiras cromadas do móvel de Peroba Rosa da Loja das Rendas.



Cena 6: A mãe do marceneiro percebe que irá perder seu galinheiro... Antônio Carlos negocia um novo em troca da vitrine.



Cena 7: O marceneiro posa ao lado da vitrine a pedido de Antônio Carlos.



Cena 8: Troca negociada, todos ficam satisfeitos. A vitrine agora faz parte do acervo do mUc.

Figura 68: Simulação de página com as fotos complementares ao objeto visitado no site. Nesse caso, as fotos estão em formato de story board. Fonte: projeto da pesquisadora, 2018.

## O caso da vitrine desaparecida



Papéis encontrados dentro de gavetas dos móveis comprados de um desmante nas mãos de um marceneiro. Ao investigar esses papéis, Antônio Carlos descobre a procedência do mobiliário. Eles pertenceram à Casa das Rendas, loja tradicional de comércio de aviamentos que ficava localizada à Rua dos Caetés no centro de Belo horizonte.

Figura 69: Simulação de página do site mostrando fotos de material impresso encontrado dentro do mobiliário. Informações expandidas do objeto. Fonte: projeto da pesquisadora, 2018.

A possibilidade de participação do público é um fator importante na elaboração das políticas institucionais de um museu. Participação essa que precisa ser elaborada de forma crítica. Segundo Nina Simon, designer, curadora e pesquisadora da área de participação em museus, existem ao menos cinco razões comumente observadas para a não participação do público em relação aos museus. E possíveis ações de engajamento:

- 1) “A instituição cultural não é relevante na minha vida” (SIMON, 2010). Se a instituição procurar ativamente a participação dando respostas às ideias do público, às suas histórias e trabalhos criativos talvez ela possa contar com um tipo de engajamento das pessoas. Dar respostas às sugestões e ideias do público demanda da instituição um quadro de funcionários com capacitação na área de museus e de atendimento ao público. Esse item de quadro de funcionários é uma das etapas posteriores de um planejamento museológico a ser empreendido pelo mUc.
- 2) “A instituição nunca muda, já visitei uma vez e não tenho nenhuma razão para voltar” (SIMON, 2010). Ao desenvolver plataformas nas quais os visitantes possam compartilhar ideias e conectar uns com os outros em tempo real, promovendo mudanças de ponto de vista em relação ao acervo, a instituição pode apresentar-se de formas diferentes sem precisar de mudanças estruturais profundas e de alto custo. O site é uma plataforma de expansão da experiência museal, que pode e deve ser utilizada para promover as conversas constantes entre o museu e seu público.
- 3) “A voz da instituição é autoritária e não inclui minha visão ou não me dá subsídios para entender o contexto do que é apresentado” (SIMON, 2010). Ao propor múltiplas vozes e histórias a instituição pode ajudar as pessoas a compreender seu próprio ponto de vista em perspectiva com o conteúdo exibido. O mUc tem como uma das suas vocações conceituais dar voz a pessoas invisibilizadas, dar visibilidade a processos esquecidos. Para isso, como instituição, o mUc deve criar em suas estratégias de comunicação, condições de diálogo com o público, possibilitando representatividade em todos os seus canais, como site, redes sociais e material impresso.
- 4) “A instituição não é um lugar criativo, onde eu posso me expressar e contribuir para a história, a ciência ou a arte” (SIMON, 2010). A instituição deve convidar o visitante a participar e dar apoio logístico e conceitual a essa participação. A promoção de

editais para projetos artísticos com uma periodicidade regular, além da interação via site da instituição deve dar suporte a experiências de criação do público.

- 5) “A instituição não é um local socialmente acolhedor para mim onde eu possa falar sobre ideias com amigos e estranhos” (SIMON, 2010). Promover o acolhimento do público de diversas formas, desde o ambiente interno acolhedor, com locais de permanência e fruição a ações que promovam discussões entre pessoas de diferentes formações, idades e gêneros. O projeto arquitetônico de acessibilidade e combate a incêndio, em anexo a essa dissertação procura promover acessibilidade universal para o público, com corredores de circulação com largura mínima para trânsito de cadeiras de rodas, a criação de um banheiro para pessoas com mobilidade reduzida e a criação de alguns locais de acolhimento, como um hall de entrada do museu. Tudo isso sem modificar os aspectos principais da organização do acervo.

Simon também comenta um tipo comum e recorrente de erro em muitos museus que preveem a participação de público, tanto na fruição do acervo quanto nos programas educativos. Ela analisa como exemplo a plataforma de vídeos *Youtube* e seu slogan: *broadcast yourself*, ou seja, transmita-se (você mesmo), estimulando o visitante do site a ser um criador de vídeos. Mas segundo a autora, apenas 0,16% da audiência do *Youtube* faz *uploads* de vídeos próprios. A grande parte dos usuários é espectador. Mas porque o foco no criador? Porque insistir nesse slogan? Os criadores do site sabem que os 0,16% que postam são os responsáveis pelo conteúdo e pela audiência, e que, se todos os usuários postassem, provavelmente seria impossível assistir a tantos vídeos de péssima qualidade. Além disso, ao olhar com mais cuidado podemos perceber outros tipos de participação que não estão diretamente relacionadas a criação de vídeos, mas à crítica, compartilhamento e ranking deles. Essa forma de participação é fundamental para o funcionamento desse tipo de site, pois torna a audiência participante e cativa. Nina Simon observa que em muitos mecanismos de participação em museus, não é possível esse tipo de interação, pois o foco é voltado à criação apenas. Nem todos os visitantes são criadores, e mesmo assim muitos deles gostariam de participar de outras formas, “rankiando” obras, comentando, fazendo críticas, compartilhando coisas em suas redes, enfim toda uma série de atividades que também são de participação e não apenas de participação criativa.

Pensando na relevância que a participação dos visitantes pode representar para instituições como o **mUc**, o desenho dessa interação deverá contemplar uma variedade de

estratégias que incluem outras possibilidades além da criação artística propriamente dita, a ser desenvolvida por meio de editais criativos, já citado anteriormente. Para que isso possa se desenvolver é fundamental o apoio do site do museu, criando um canal direto com o público e acervo e possibilitando outras aproximações e acessos.

Por isso, além dos editais de criação artística sugerimos o desenvolvimento de um outro projeto de caráter educacional a ser promovido pelo Museu, tendo como característica ser um diálogo entre público e acervo. Esse projeto seria similar a um outro promovido pelo Goethe Institut do Brasil, em cidades onde o instituto tem atuação e se chamava “Conversa com Objetos”.

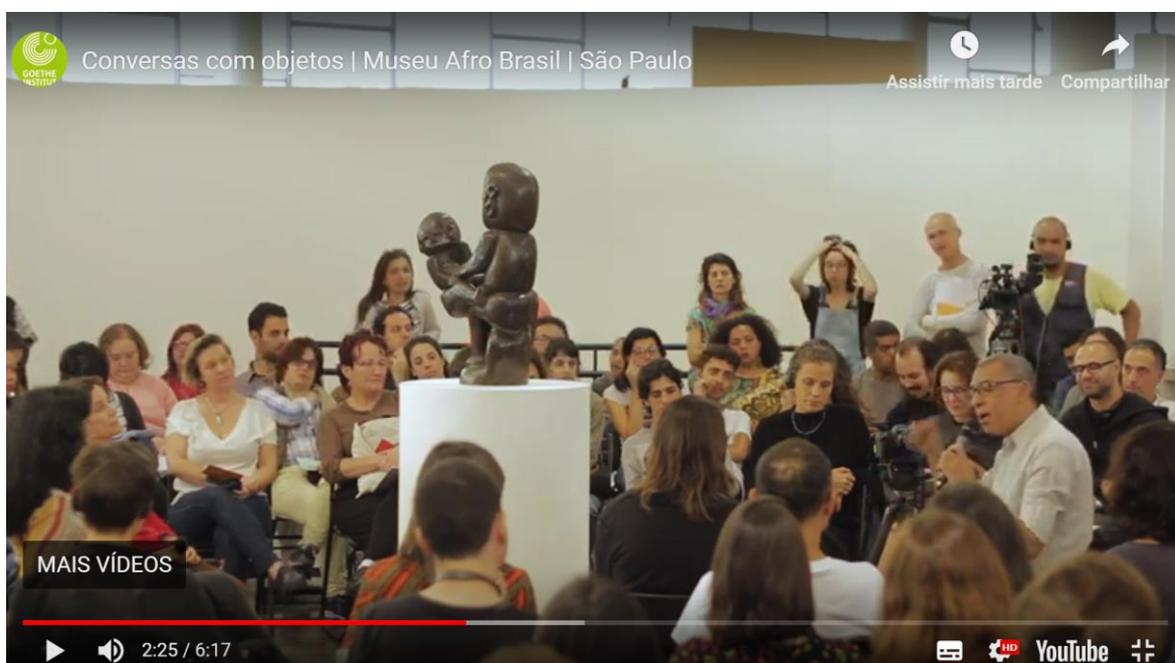


Figura 70: Foto do evento "Conversa com objetos" do dia 28 de Outubro de 2016, em São Paulo no Museu Afro Brasil. Fonte: site Goethe Institut. <http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/epd/pt14367478.htm>. Acesso dia 05/01/2019.

O projeto consistia em um debate público entre especialistas de áreas como antropologia, artes, filosofia e sociologia, como também com público em geral a partir de dois objetos artísticos de uma coleção de museu, de preferência objetos não identificados e com características não europeias. O objeto era colocado no centro do local do debate e cada participante “conversava” com ele, tentava dar significado e entendê-lo artisticamente. O mUc poderia promover um encontro semelhante, entre objetos escolhidos por uma curadoria a partir de estranhamentos em relação à sua forma, função, origem etc. Objetos que dessem “pano para manga” ou como identificou Francisco Regis Lopes Ramos, “**objeto**

**geradores”** (RAMOS,2004). Em “A danação do Objeto” Ramos estabelece um paralelo entre o conceito usado por Paulo Freire para alfabetização de adultos, conhecido como “palavras geradoras”, ou seja, palavras de grande significado para um grupo de pessoas e que foram usadas como ponto de partida para a descoberta de sua forma escrita, e a ideia de objeto gerador. Analogamente propunha fazer o uso de objetos que tenham significado para certos grupos e motivar as reflexões sobre eles a partir dessa importância simbólica, ampliando sua percepção do mundo, da história e do real. Ele ressalta que essa reflexão ao partir dos objetos geradores é um ato processual, não havendo um conhecimento acabado, ou seja tem relação com uma invenção de mundo. Essa é uma ideia em sintonia com os valores propostos para o museu do cotidiano e que poderia ser incorporada ao seu futuro e necessário projeto educacional.

Outra proposta de projeto educacional a ser empreendida pelo **mUc** seria a confecção de etiquetas pelo público. Na proposta museológica do roteiro rizomático, em linhas, a identificação dos objetos temáticos de cada roteiro será dada por etiquetas de papelão produzidas por essa pesquisadora como parte do produto final da dissertação, amarradas com cordinhas pretas aos objetos pertencentes aos roteiros. Nessas etiquetas haverá um substantivo que indicará o objeto, um adjetivo atribuído ao objeto pelo colecionador, o número dele na listagem do acervo (a ser feita posteriormente), e a indicação por ícones do que pode ser acessado via site, do conteúdo expandido. Como sugestão ao projeto educacional, a proposta seria convidar os visitantes a escreverem suas próprias definições dos objetos em etiquetas de identificação fornecidas a eles no início da visita. Além disso eles seriam convidados a postarem suas etiquetas com suas definições e fotos no site do mUc, como parte da interação com o acervo visitado.

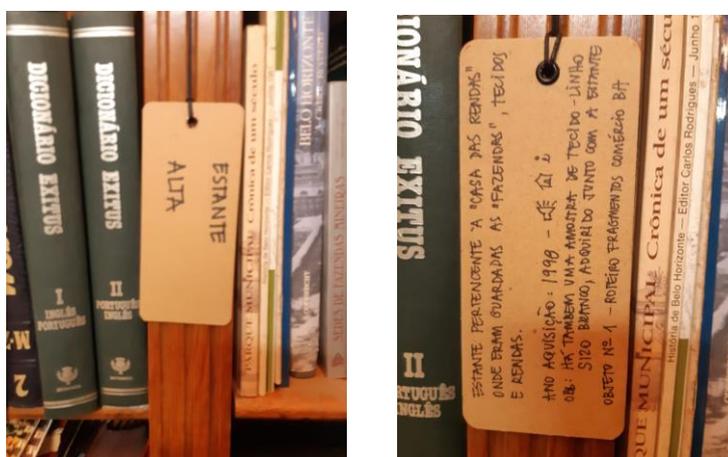


Figura 71: Fotos das etiquetas de papelão propostas como parte do produto final dessa pesquisa, instaladas no mUc. Fonte; acervo isabela Vecci Abijaude. 2019.

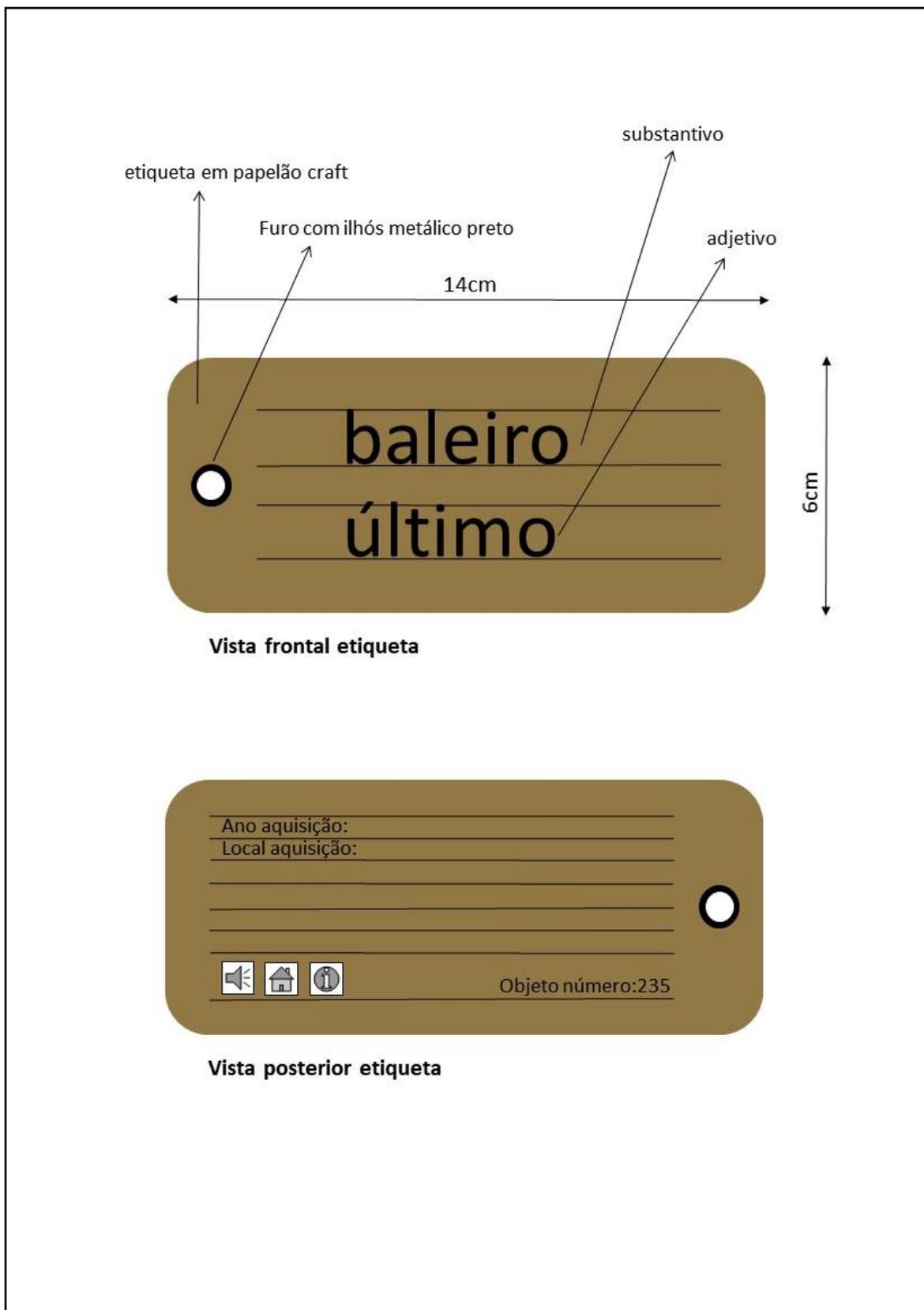


Figura 72: projeto gráfico para produção das etiquetas a serem utilizadas pelo mUc. Inicialmente foram confeccionadas 50 etiquetas para iniciar o processo de implantação do roteiro. Fonte: acervo da pesquisadora.



considerações finais

## Considerações finais

A arte vive à custa da incerteza, do acaso, da improvisação e simultaneamente, procura contar o incontável e medir o imensurável. Deixa margem para o erro, para a dúvida e até para os fantasmas e os mais profundos pressentimentos, sem fugir deles nem os manipular. Portanto, não faria sentido tomar seus inúmeros métodos de raciocínio e execução e aplicá-los a outros campos da vida pública? (VOLZ, 2016)

A resposta é sim. Faria todo o sentido. E essa foi uma das conclusões que chegamos ao nos aproximarmos da coleção de objetos de Antônio Carlos Figueiredo: descobrimos aproximações com o universo da arte e seus métodos. A citação acima do curador de arte Jochen Volz faz parte do catálogo da 32ª Bienal de Arte de São Paulo cujo tema era “Incerteza Viva” e traduz de certa forma a conclusão final da pesquisa aqui empreendida. A curiosidade e a desconfiança inicial que moveu essa pesquisadora tem ressonância com esse estranhamento que a coleção e seu local de guarda despertam em quem experimenta uma aproximação. A pesquisa buscou estabelecer uma abertura para que o sujeito-objeto se apresentasse. Podemos dizer que nos filiamos ao olhar fenomenológico como metodologia para compreender a “desordem cronológica” proposta pelo colecionador. A pesquisa demonstrou que Antônio Carlos é figura central não só na constituição da coleção, da sua apresentação e conceituação. Ele é um colecionador-criador de obras abertas que podem ser apropriadas pelas pessoas também de forma criativa.

Apesar de ser focada em um caso específico, essa pesquisa pretende contribuir com o campo de estudos da museologia e museografia, ao empreender um tipo de abordagem que pode ser usada em outras pesquisas similares e ajudar na reflexão crítica desse campo. A pesquisa também parte do princípio de que todo espaço museal é potencialmente educador, uma vez que entende que no museu há o que podemos chamar de “uma realidade concentrada” (WAGENSBERG, 2005), e nada melhor do que a realidade, seja dos objetos ou dos fenômenos, para estimular a curiosidade, a vontade de aprender. E o que não falta na coleção do mUc é estímulo. Seu maior patrimônio.

Primeiramente a pesquisa procurou identificar como Antônio Carlos iniciou sua coleção para depois aprofundar nos seus métodos instigantes de captação dos objetos, acompanhando de perto uma de suas derivas pela cidade e estabelecendo ligações com estratégias artísticas de movimentos como o surrealismo e o situacionismo, filiando o colecionador ao grupo de criadores e não apenas de acumuladores. Depois nosso olhar foi

direcionado ao espaço de guarda da coleção que tanto impressiona quem o experimenta. Aqui a pesquisa procurou relacionar esse espaço ao fenômeno dos gabinetes de curiosidades europeus dos séculos XVI e XVII e entender quais as ressonâncias anacrônicas possíveis entre dois fenômenos aparentemente tão distantes no tempo e no espaço. O anacronismo foi uma estratégia importante para nos liberar e ajudar a entender o fascínio provocado pela ambiência do local de guarda da coleção. Durante a revisão bibliográfica encontramos pesquisas em sintonia com o nosso tema, como o trabalho do curador inglês James Putman e da pesquisadora inglesa Stephanie Bowry que relacionam trabalhos de artistas contemporâneos aos gabinetes de curiosidades dos séculos XIV e XVII.

Em seguida a pesquisa se direcionou para alguns embasamentos teóricos do campo de estudos da cultura material para compreender a importância da coleção de Antônio Carlos no que diz respeito à sua materialidade e imaterialidade. Inúmeras disciplinas fazem parte desse campo de estudos e ao procurar elencar alguns conceitos nos deparamos com aspectos importantes a serem levados em conta na definição do museu do cotidiano, como os aspectos simbólicos dos objetos, o tipo de informação e documentação que os objetos podem carregar e que os coloca em um patamar diferente de outros tipos de registro da vida social e a instigante agência que eles engendram. Os objetos que fazem parte do acervo do mUc representam aspectos da vida social da cidade de Belo Horizonte e do Estado de Minas Gerais que, em muitos casos, não estão registrados em documentos escritos ou em pesquisas acadêmicas. A reunião de coisas realizada por Antônio Carlos é importante também por presentificar essas manifestações e pode ser um local de pesquisa significativo para a comunidade.

Para auxiliar a abertura da coleção ao público, a pesquisa procurou estabelecer diretrizes iniciais para seu planejamento museológico. Dois itens de um plano museal, nos moldes formulados pelo IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), foram propostos aqui: sua caracterização como instituição e seu plano conceitual. Além disso, como produto dessa dissertação foram propostos um projeto arquitetônico de acessibilidade universal para o público, um projeto básico de combate a incêndio, uma primeira abordagem gráfica e de navegação para o site da instituição, um roteiro temático inicial e uma proposta de etiquetagem dos objetos escolhidos nos roteiros. Todas essas propostas têm como objetivo ajudar o público em sua aproximação com os objetos e suas histórias e promover a abertura



referências bibliográficas

## Referências Bibliográficas:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ASSEMBLAGE. In: Enciclopédia Itaú Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage>  
Acesso em: 13 nov. 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050*. Rio de Janeiro, 2015.
- BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um Lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas, volume 3*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Editora Brasiliense: São Paulo, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *O Colecionador*. Em: *Passagens*. Tradução de Cleonice Mourão e Irene Aron. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In: *Magia, técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume 1*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Editora Brasiliense: São Paulo, 1994.
- BOWRY, Stephanie Jane. *Re-thinking the Curiosity Cabinet: A Study of Visual Representation in Early and Post Modernity – 2015*.  
[https://www.researchgate.net/profile/Stephanie\\_Bowry/](https://www.researchgate.net/profile/Stephanie_Bowry/)  
Acesso em 24/11/2017.
- CALDAS, Waltércio. *Arte não era contemplação, mas sim enfrentamento*. (06/02/2013). São Paulo: Ilustrada, Folha de São Paulo: Entrevista concedida a Fabio Cypriano.
- CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994
- CHAUMIER, Serge. L'Object de Musée. Dijon: Musée de l'Avie bourguignome. 23 avril a 20 september 2010. (Tout garder? Tout jeter? Et reinventer?). Em:  
<http://www.dijon.fr/appext/mvb/tout-garder-tout-jeter-et-reinventer/objectcollect.html>
- ECO, Umberto. *A Vertigem das Listas*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ESTRUTURALISMO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Estruturalismo&oldid=53584656>. Acesso em: 13 nov. 2018.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. ICOM, 2013.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Vers une redefinition du musée?* Paris: L'Harmattan, 2007.

DELEUZE, Giles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia2, vol. 1*. São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª edição).

DELEUZE, Giles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1987.

DIÁRIO DE MINAS. "250 baleiros lutam contra monopólio de trabalho e vão voltar aos cinemas". Belo Horizonte, 1963.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do Tempo – História da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DUROZOI, Gérard e LECHERBONNER, Bernard. *O Surrealismo*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

FABBRI, Angélica; MACHADO, Cecília; RAMOS, Claudinéli M; MEIRELLES, Heloisa M.P.A.; MONTEIRO, Juliana; BOTTALLO, Marilúcia. *Documentação e conservação de acervos museológicos: Diretrizes*. Brodowski: Associação Cultural de amigos do Museu Casa de Portinari, 2010.

FINDLEN, Paula. *Possessing Nature: Museums, Collecting, and Scientific Culture in Early Modern Italy*. Los Angeles: University of California Press, 1994.

\_\_\_\_\_. 1989, *The Museum: Its Classical Etymology and Renaissance Genealogy*. In: Carbonell, B. *Museum Studies - An Anthology of Contents*. Hoboken: Wiley, 2004.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A vida dos homens infames*. In: *Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. P203-222.

\_\_\_\_\_. *Outros Espaços*. In: *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

GINGA, Adelaide. *Cadavre-exquis, C. 1947–1948, Antônio Pedro*. Lisboa, 2001. Disponível em: (<Http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/pecas/ver/337/artist>).

GUALANDI, Alberto. *Deleuze*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos. *Comunicação e Experiência Estética*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2006.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. *Planteamientos teóricos de la museología*. Madrid: Ediciones Trea, 2006.

HUYSEN, Andreas. *Escapando da Amnésia – O museu como cultura de massa*. Tradução Valéria Lamego. Revista do IPHAN nº 23, 1994.  
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8370>

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. *Subsídios para a elaboração de planos museológicos*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, 2016.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, June 2012.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832012000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002&lng=en&nrm=iso). Acesso em 23 Dez. 2018.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>.

JACQUES, Paola Berenstein (org). *Apologia da Deriva – Escritos situacionistas sobre a cidade*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KOTHE, Flávio R. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.

LAUTRÉAMONT, Conde de (Isidore Ducasse). *Os Cantos de Maldoror*. Tradução: Cláudio Willer. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

LAW, John. *Notas sobre a Teoria do Ator-Rede: ordenamento, estratégia e heterogeneidade*. (ONLINE)  
<http://www.necso.ufri.br/Trads/Notas%20sobre%20a%20teoria%20Ator-Rede.htm>. Acesso 25 dez. 2018.

LIMA, Tania Andrade. *Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.-abr. 2011. <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a02v6n1.pdf>

MACGREGOR, Arthur (1983). *Tradescant's rarities: essays on the foundation of the Ashmoleana museum 1683 with a catalogue of the surviving early collections*. Durham University. Disponível em Durham E-Theses Online: <http://etheses.dur.ac.uk/10281/>

MERÊNCIO, Fabiana T (2012). *A imaterialidade do material, a agência dos objetos ou as coisas vivas: a inserção de elementos inanimados na teoria social*. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/2204>.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. *A cultura material no estudo das sociedades antigas*. Revista de História, São Paulo, n. 115, p. 103-117, dec. 1983. ISSN 2316-9141. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61796/64659>.

Acesso em: 08 apr. 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i115p103-117>.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Fenomenologia do significado e do lugar*. In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995)*. Cosac Naify: São Paulo, 2006.

PADRÓ, Carla. 2003, *La museología crítica como una forma de reflexionar sobre los museos como zonas de conflicto e intercambio*. Em: Lorente, J. P. y Almazán, D. eds. *Museología crítica y arte contemporáneo*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza.

PAMUK, Orhan. *The innocence of Objects*. Nova Iorque: Abrams, 2012.

PEARCE, Susan. *Interpreting Objects and Collections*. Londres: Routledge, 2003.

POMIAN, Krzysztof. *Coleção. Memória – História. Enciclopédia Einaudi, vol. 1* Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.

PUTNAM, James. *Art and Artifact: The Museum as Medium*. Nova Iorque: Thames & Hudson, 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do Objeto*. Chapecó: Argos, 2004.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. *O conceito de lugar*. 2007.  
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>, acesso em 24/11/2017.

SIMON, Nina. *The participatory Museum*. Santa Cruz: Museum 2.0, 2010.

SUDJIC, Deyan. *A Linguagem das Coisas*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2010.

VOLZ, Jochen; PRATES, Valquíria. *Incerteza Viva: processos artísticos e pedagógicos - 32ª bienal de São Paulo*. Catálogo: Fundação Bienal, 2016.

WAGENSBERG, Jorge. *Texto Provocativo*. 2005.  
<http://www.museudavida.fiocruz.br/4scwc/Texto%20Provocativo%20-%20Jorge%20Wagensberg.pdf> acesso em 20/01/2019.

**Referências virtuais:**

<https://www.theguardian.com/film/2015/sep/10/innocence-of-memories-review-orhan-pamuk-istanbul-grant-gee-venice-festival>

<http://www.musaeum.org/tradescants/tradescant.html>

(<https://www.theguardian.com/film/2015/sep/10/innocence-of-memories-review-orhan-pamuk-istanbul-grant-gee-venice-festival>). (acesso em 10/06/2018).

([https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=730&v=MqxGPTMbwF4](https://www.youtube.com/watch?time_continue=730&v=MqxGPTMbwF4)). Acesso em 10/06/2018.

[www.inexhibit.com/case-studies/ettore-guatelli-museum](http://www.inexhibit.com/case-studies/ettore-guatelli-museum). Acesso em 02/01/2019.



apêndice



**diretrizes iniciais para implantação do  
museu do cotidiano - mUc**

Belo Horizonte, fevereiro de 2019

Esse caderno é um anexo à dissertação de mestrado realizada por Isabela Vecci Abijaude no programa PROMESTRE da Faculdade de Educação da UFMG, na linha Educação em Museus. Ele é o produto resumido da pesquisa que pretende indicar as diretrizes iniciais para implantação do museu do cotidiano.



Caracterização do Museu





VENDAS  
exclusivamente  
A DINHEIRO



## **Histórico**

O Museu do Cotidiano é uma instituição de caráter privado constituída pela coleção de objetos de Antônio Carlos Figueiredo que, durante mais de trinta anos, dedicou-se a colecionar objetos, principalmente da cidade de Belo Horizonte, que representassem a vida cotidiana. Economista por formação e posteriormente galerista por vocação, Antônio Carlos se define como "uma pessoa muito bem-sucedida em seus equívocos". Com seu trabalho incansável e peculiar de coleta, agrupou mais de cem mil objetos no imóvel à Rua Bernardo Guimarães 1296, próximo à Praça da Liberdade em Belo Horizonte. A organização que empreendeu dos objetos no espaço de guarda é um aspecto importante da instituição. Ela tem ressonância com um tipo de fenômeno europeu dos séculos XVI e XVII chamado "gabinetes de curiosidades" e com isso se filia aos museus-obra, instituições cuja forma de organização do acervo propicia um tipo de fruição para além da fruição individual de cada objeto. Antônio Carlos organizou de forma peculiar essa grande coleção de coisas banais que nos representam e comovem.



ALTA TENSÃO  
PERIGO

TRAPIZONGAS

P. M. INHAMIM  
386  
T. ANIMAL

P. M. HERVALIA  
384  
CHARRETE

MANIQUE  
37  
ANIMAL

H. RIVALIA  
362  
CHARRETE

M. VALLIA  
5  
LIBRETE

L. S. 1948  
55  
RROCA P

M. HERVALIA  
380  
CHARRETE

"CUIDADO COM A TESTA  
AO DESER OS DEGRAUS"

ELEVADOR  
EM  
REPAROS

CHAVEIRO  
ATENDE SALA-06

Ela não pode ligar  
pra gente pedindo ajuda.  
Ela é muda.

ATE  
Ela  
fora

## **Descrição**

O Museu do Cotidiano - **mUc** quer dar visibilidade a aspectos da vida humana que muitas vezes não são registrados em livros de história. Aspectos subjetivos, afetivos e comuns, que ligam histórias a objetos, pessoas a coisas, fazendo um importante legado à vida social urbana, guardando histórias não contadas, silêncios e invisibilidades, trazendo à tona vidas e práticas esquecidas ou subjugadas. Prestando homenagem à beleza da banalidade. No **mUc** o visitante pode encontrar objetos que representam fragmentos da história da cidade de Belo Horizonte, como por exemplo, a coleção de mobiliário da "Loja das Rendas" na Rua dos Caetês e do "Armarinho Acapulco" no Edifício Maleta. Pode ver em uma estante do museu um panorama dos taxímetros utilizados pelos taxis da cidade, pode discar nos discos com orifícios de uma grande coleção de telefones dos mais variados tipos, pode ver instrumentos de trabalho de ambulantes como os tabuleiros de balas e pirulitos, os apetrechos do vendedor de biju, do amolador de facas, do vendedor de amendoim. São milhares de objetos abertos à experimentação.



## **Atuação**

O mUc quer ser o lugar das decolagens criativas. Quer proporcionar viagens. Sua atuação pretende instigar artistas, escritores, cineastas e público em geral a engendrarem criações, histórias, pensamento. Sendo um museu-obra, criado por seu fundador, o museu do cotidiano se propõe a dialogar com outras obras. O mUc tem como objetivo promover editais para projetos artísticos que se proponham a utilizar seu acervo material e imaterial. Ele também tem por vocação empreender exposições temáticas a partir da sua coleção.





Planejamento Conceitual



mUc

**Museu do Cotidiano**

A proposta de logomarca é um desdobramento da concepção inicial de Antônio Carlos Figueiredo que propôs a utilização de letras minúsculas no “m” e no “c” da sigla e de maiúscula no “u”, para demonstrar que o museu é feito no muque, ou seja, as próprias custas do colecionador. Já a pesquisadora propôs o uso da fonte Courier New, similar às fontes usadas em máquinas de datilografia, prestando com isso um tributo a um objeto já obsoleto, um dos principais valores do museu do cotidiano.

**Missão:**

Preservar, valorizar e dar visibilidade aos sujeitos e seus objetos, propiciando a valorização do fazer cotidiano e suas histórias, incentivando a criação artística a partir do seu acervo.

**Visão:**

Ser referência nacional em termos de apropriação e uso do acervo para criação artística, do ponto de vista da sua proposta conceitual de museu/obra, participativa e interativa, com foco na criação artística, seja nos campos da literatura, das artes plásticas, da fotografia ou do cinema.

**Valores:**

Lutar contra a obsolescência dos objetos, ressignificar memórias, dar ênfase aos saberes populares, valorizar a participação do público e respeitar a diversidade das pessoas.

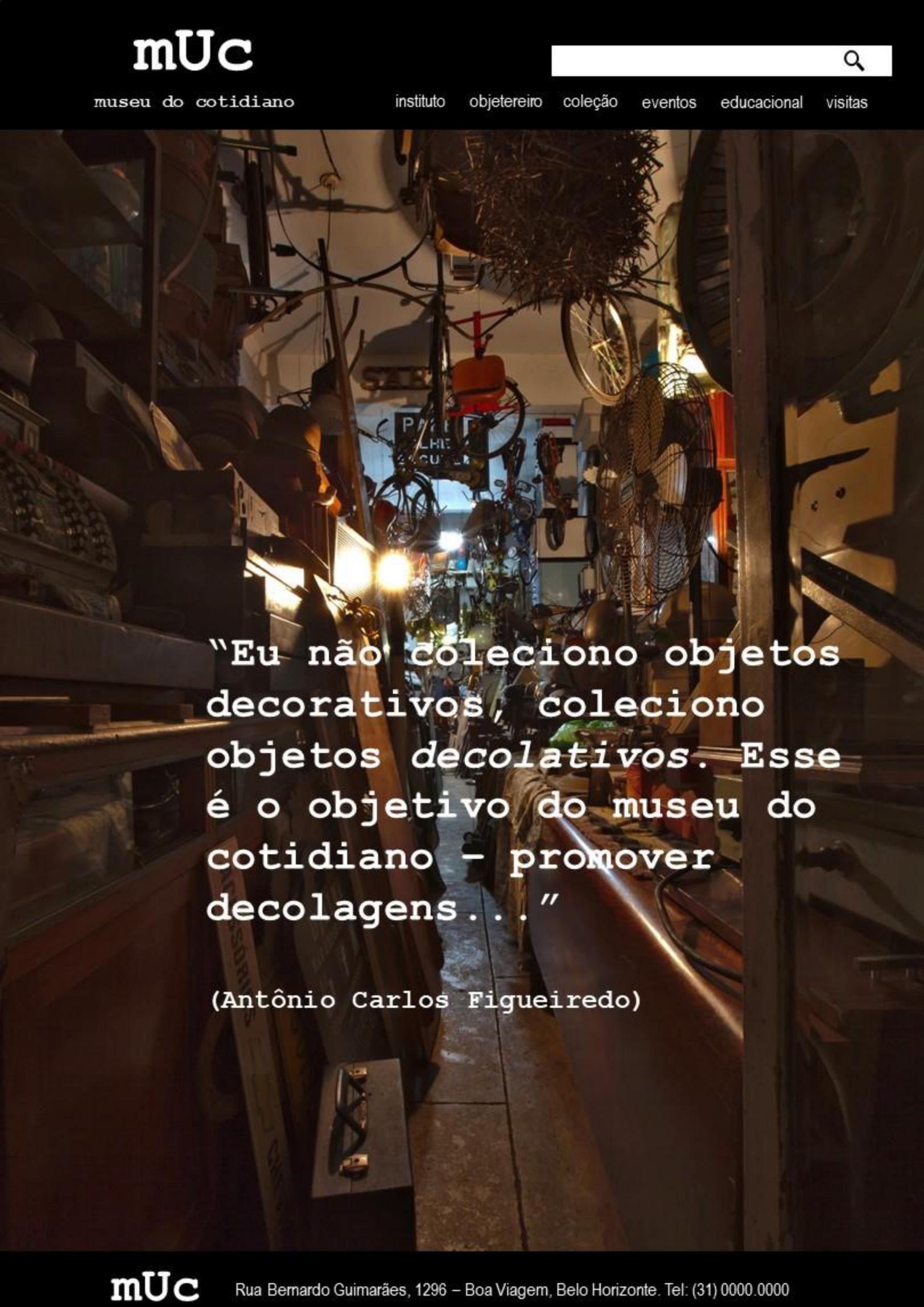


## **Roteiros**

Para navegar pelo mundo de objetos do mUC, o visitante pode, se quiser, tomar algumas linhas de percurso. São indicações iniciais de navegação que podem e devem ser subvertidas à vontade de cada um. Escolhemos alguns temas iniciais que, com o passar do tempo, serão acrescidos de outros temas sugeridos pelos visitantes.

A visita começa no museu onde um folder com o roteiro temático e etiquetas de papelão com a indicação do nome dos objetos ajudarão o visitante a identificar, no meio de tantos objetos, aquele específico do roteiro temático. Ela continua de forma expandida no site da instituição, onde o visitante encontrará informações complementares, fotos, áudios, vídeos e onde também poderá interagir com os conteúdos fazendo upload de suas próprias fotos, textos e vídeos.

**Exemplo de roteiro e navegação no site do mUc**  
**Tema: fragmentos do comércio de Belo Horizonte**



“Eu não coleciono objetos decorativos, coleciono objetos *decolativos*. Esse é o objetivo do museu do cotidiano – promover *decolagens*...”

(Antônio Carlos Figueiredo)

fragmentos  
do comércio

ambulantes  
da cidade

objetos dos  
homens  
infames

kitsch no  
cotidiano

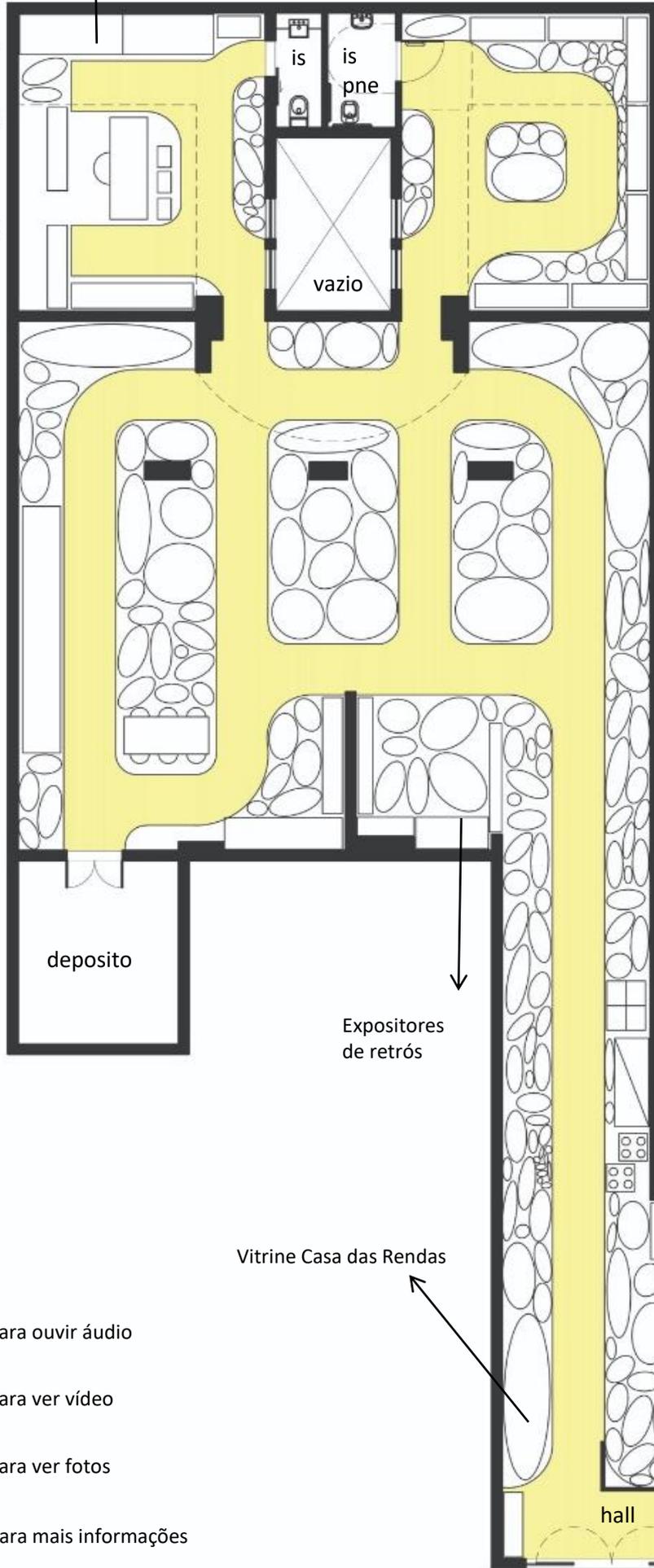
gambiaras

universo de  
Lorenzato

São os objetos que me  
perseguem..."

(Antônio Carlos Figueiredo)

Vitrine Casa das Rendas



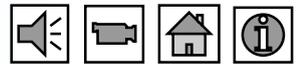
deposito

vazio

is  
is  
pne

Expositores  
de retrós

Vitrine Casa das Rendas



Vitrine Casa das Rendas

Expositores  
de retrós

hall

entrada



Clique para ouvir áudio



Clique para ver vídeo



Clique para ver fotos



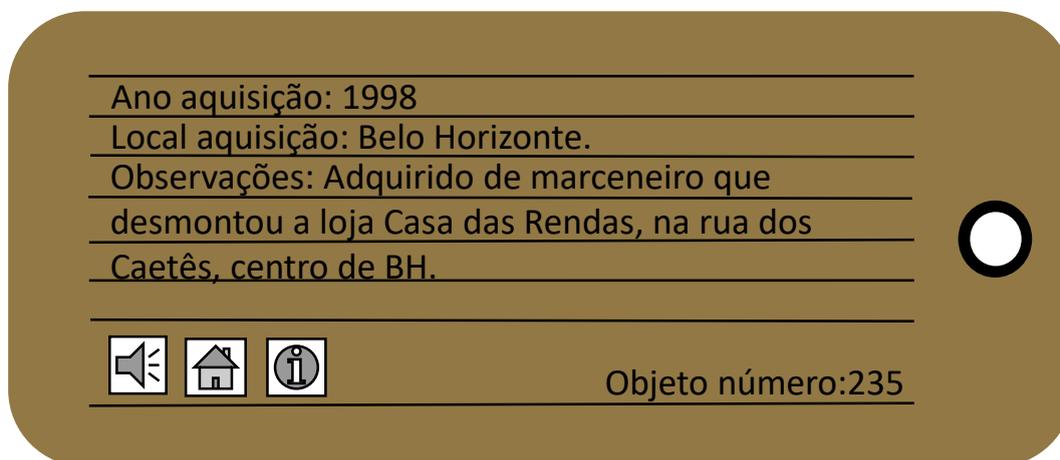
Clique para mais informações



Clique para fazer upload



**Vista frontal etiqueta**



**Vista posterior etiqueta**

Antônio Carlos possui uma rede de informantes sobre demolições e desmanches em Belo Horizonte. Um dia, um desses informantes ligou dizendo que tinha visto um caminhão lotado de móveis antigos muito bonitos, mas que não sabia a procedência. Imediatamente, Antônio Carlos foi ao local de encontro com o caminhão. Negociou o conteúdo e partiu feliz para seu galpão. Lá chegando investigou todas as gavetas em busca da origem do mobiliário. Recibos de banco com o nome Abras Curi forneceram a pista: os móveis eram da extinta **Casa das Rendas** da Rua dos Caetés. Mas uma coisa intrigou o objeteiro: parecia faltar um móvel, pois a disposição da loja era bem simétrica e não havia uma vitrine lateral. Ligou para o marceneiro do qual havia comprado o lote. A princípio ele negou a existência de mais mobiliário proveniente da loja, mas depois de muito insistir, Antônio Carlos descobre finalmente a peça que faltava: tinha virado galinheiro na casa da mãe do marceneiro. Partiram juntos até a residência da senhora, que ao descobrir que perderia seu galinheiro se mostrou não muito contente... Até entender que receberia um novinho em folha!

## O caso da vitrine desaparecida



Cena 1: Antônio Carlos convence o marceneiro a leva-lo até a casa de sua mãe para ver a vitrine que falta para completar o conjunto da Loja das Rendas



Cena 2: Lá chegando Antônio Carlos observa o deposito do marceneiro. A vitrine não estava lá...



Cena 3: A mãe do marceneiro aparece, um pouco desconfiada com a visita.....



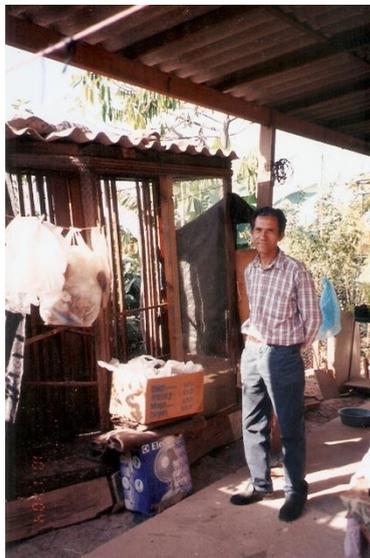
Cena 4: Finalmente Antônio Carlos localiza a vitrine: tinha sido transformada em um galinheiro.



Cena 5: As galinhas dormiam nas cremalheiras cromadas do móvel de Peroba Rosa da Loja das Rendas.



Cena 6: A mãe do marceneiro percebe que irá perder seu galinheiro... Antônio Carlos negocia um novo em troca da vitrine.



Cena 7: O marceneiro posa ao lado da vitrine a pedido de Antônio Carlos.



Cena 8: Troca negociada, todos ficam satisfeitos. A vitrine agora faz parte do acervo do mUc.

## O caso da vitrine desaparecida



Papéis encontrados dentro de gavetas dos móveis comprados de um desmote nas mãos de um marceneiro. Ao investigar esses papéis, Antônio Carlos descobre a procedência do mobiliário. Eles pertenceram à Casa das Rendas, loja tradicional de comércio de aviamentos que ficava localizada à Rua dos Caetés no centro de Belo horizonte.

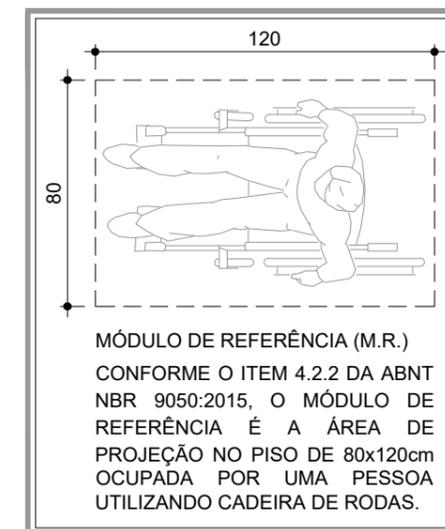
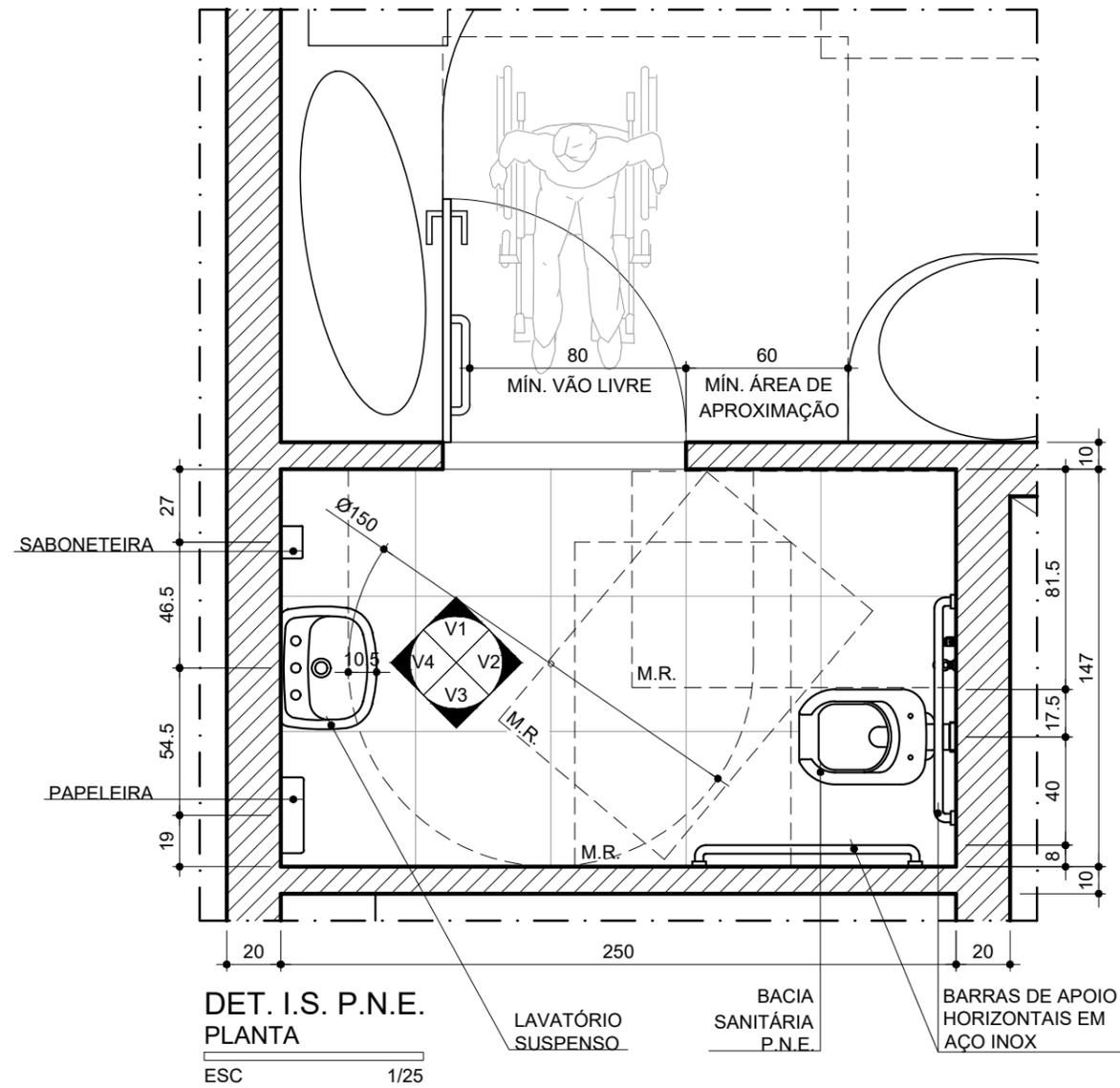




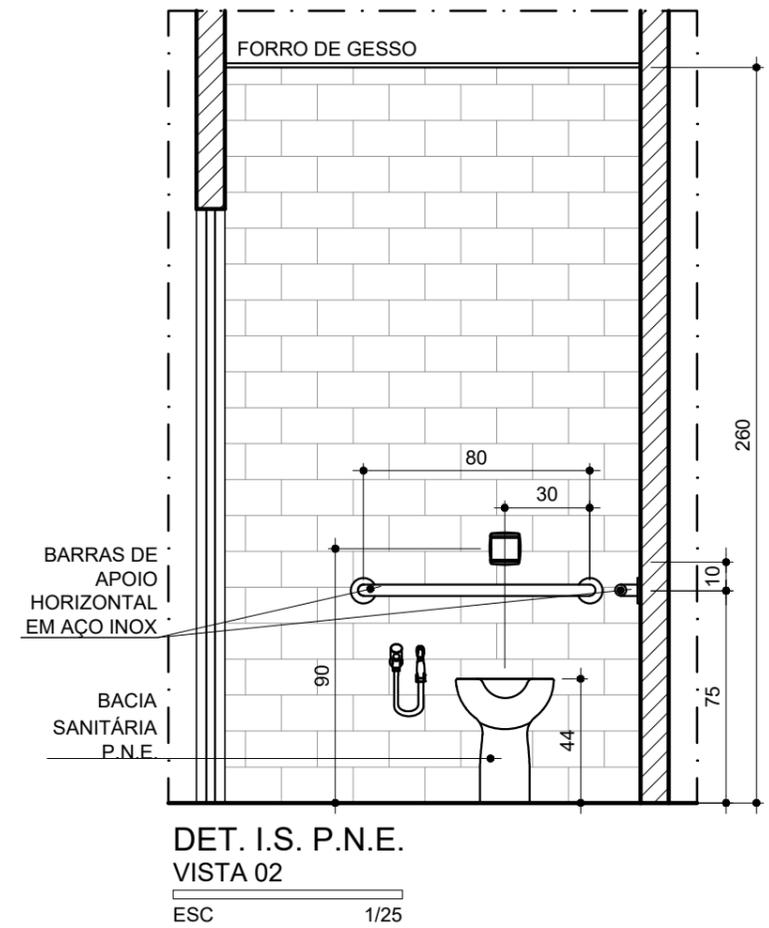
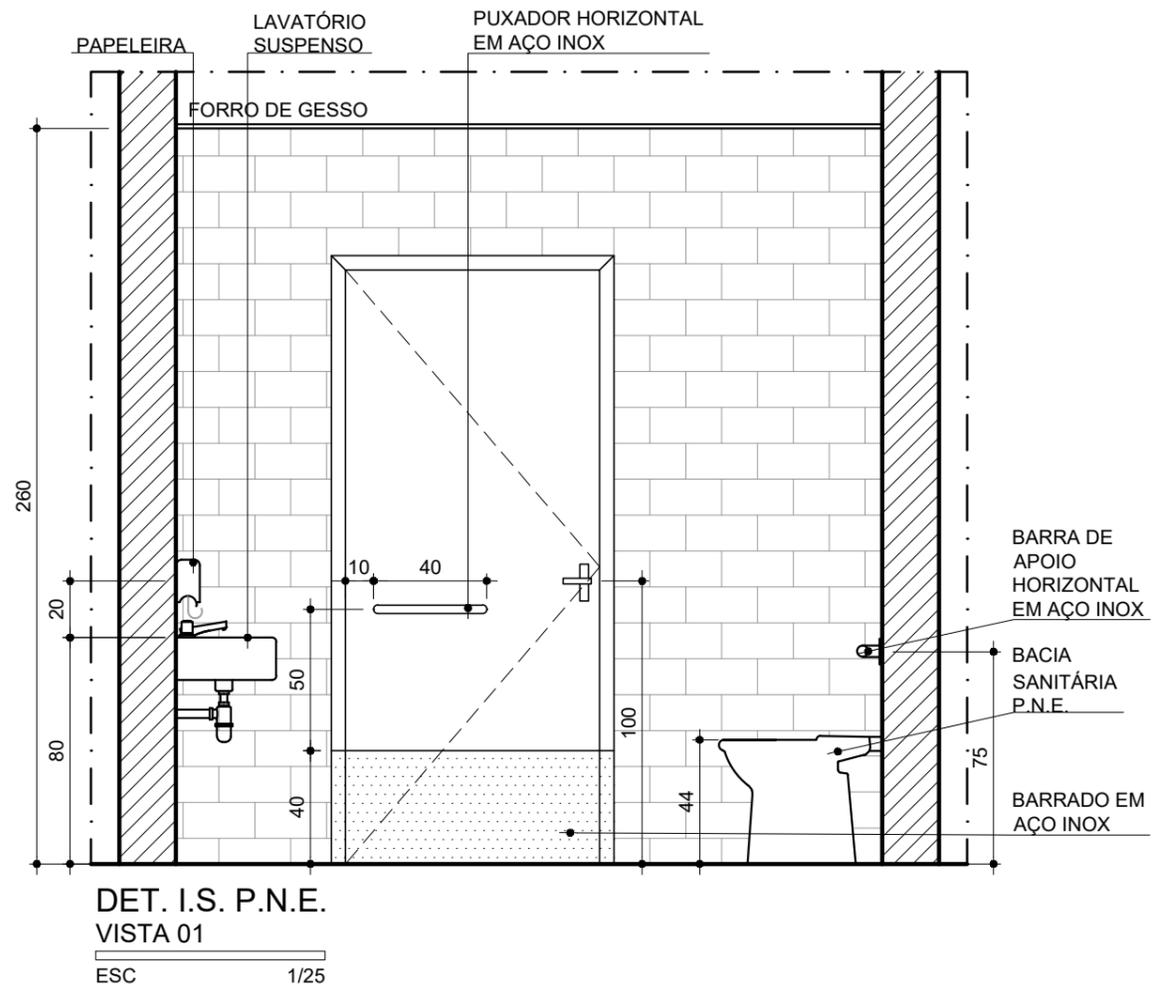
anexos







MUSEU DO COTIDIANO	AUTORIA: ISABELA VECCI ABIJAUDE		
	PROJETO: PROJETO DE ACESSIBILIDADE	DATA: FEV 2019	ESCALA: 1/25
	CONTEÚDO: DET. I.S. P.N.E. - PLANTA	EDIÇÃO: 01	FOLHA: 2/4



MUSEU DO COTIDIANO

AUTORIA:  
ISABELA VECCI ABIJAUDE

PROJETO:  
PROJETO DE ACESSIBILIDADE

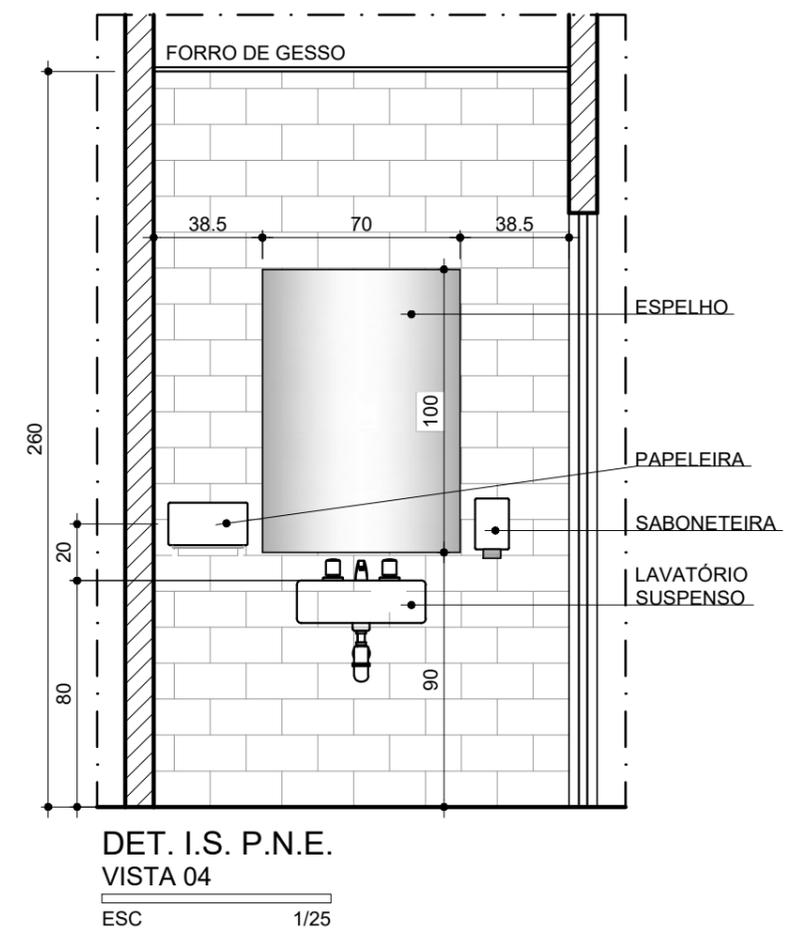
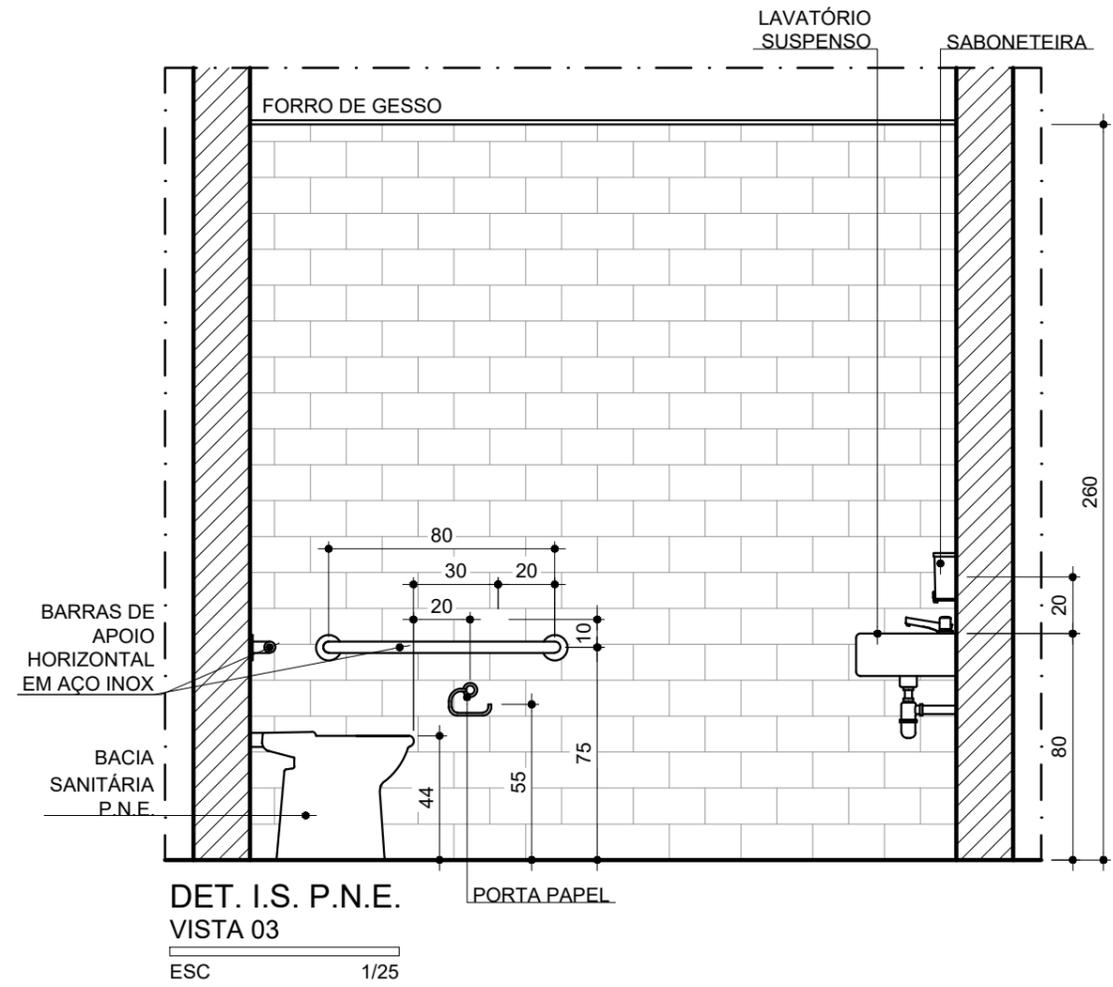
CONTEÚDO:  
DET. I.S. P.N.E. - VISTA 01 E VISTA 02

DATA:  
FEV 2019

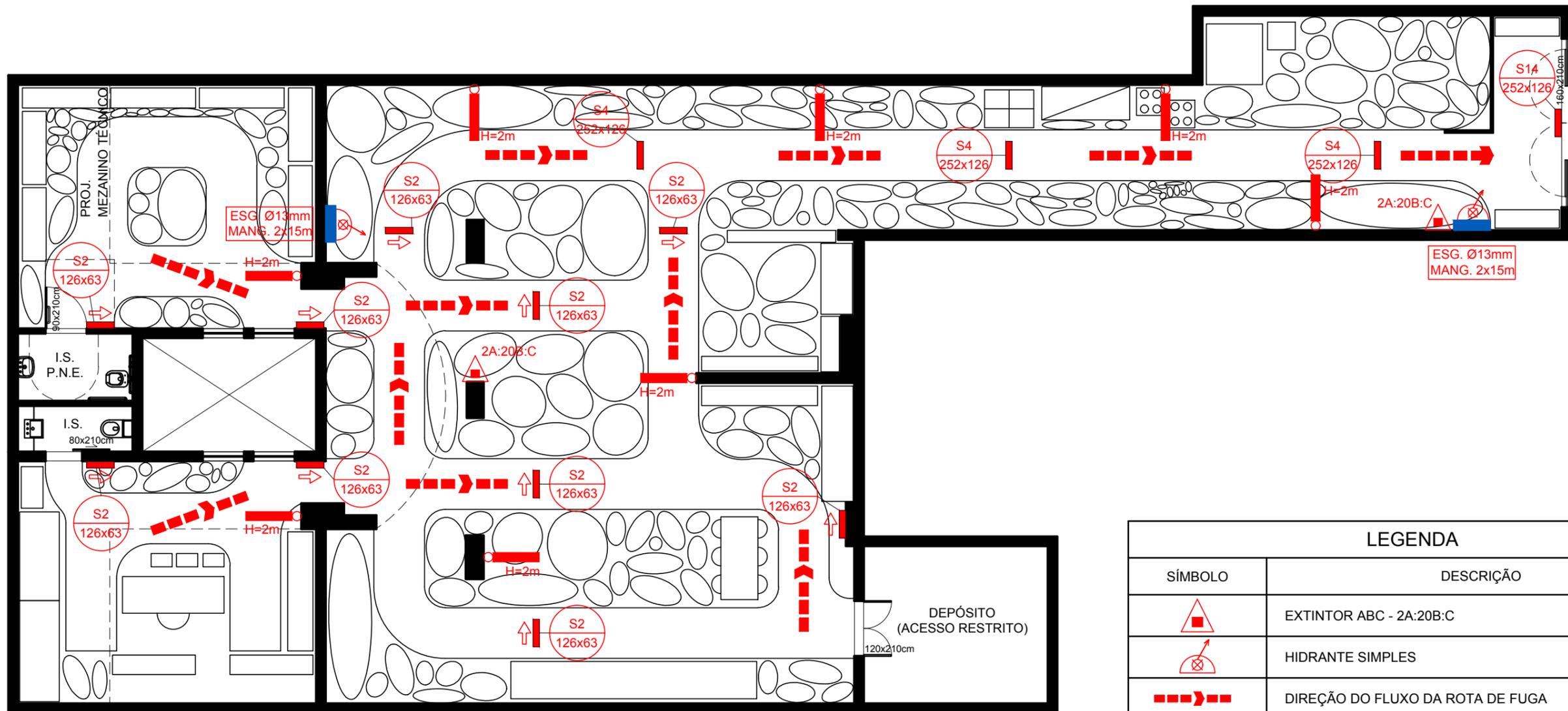
EDIÇÃO:  
01

ESCALA:  
1/25

FOLHA:  
3/4



MUSEU DO COTIDIANO	AUTORIA: ISABELA VECCI ABIJAUDE		
	PROJETO: PROJETO DE ACESSIBILIDADE	DATA: FEV 2019	ESCALA: 1/25
	CONTEÚDO: DET. I.S. P.N.E. - VISTA 03 E VISTA 04	EDIÇÃO: 01	FOLHA: 4/4



PLANTA DE PROJETO P.C.I.  
MUSEU DO COTIDIANO

ESC 1/100

LEGENDA	
SÍMBOLO	DESCRIÇÃO
	EXTINTOR ABC - 2A:20B:C
	HIDRANTE SIMPLES
	DIREÇÃO DO FLUXO DA ROTA DE FUGA
	SAÍDA FINAL DA ROTA DE FUGA
	PONTO DE ILUMINAÇÃO DE EMERGÊNCIA (CONVENCIONAL)
	SINALIZAÇÃO DE ORIENTAÇÃO E SALVAMENTO
	SETA DE INDICAÇÃO DO SENTIDO DA SINALIZAÇÃO DE EMERGÊNCIA (P/ S1 E S2)
	ESPECIFICAÇÃO DO DIÂMETRO DO ESGUICHO E COMPRIMENTO DA MANGUEIRA PARA HIDRANTES

MUSEU DO COTIDIANO

AUTORIA:  
ISABELA VECCI ABIJAUDE

PROJETO:  
PROJETO DE PREVENÇÃO E COMBATE À INCÊNDIO

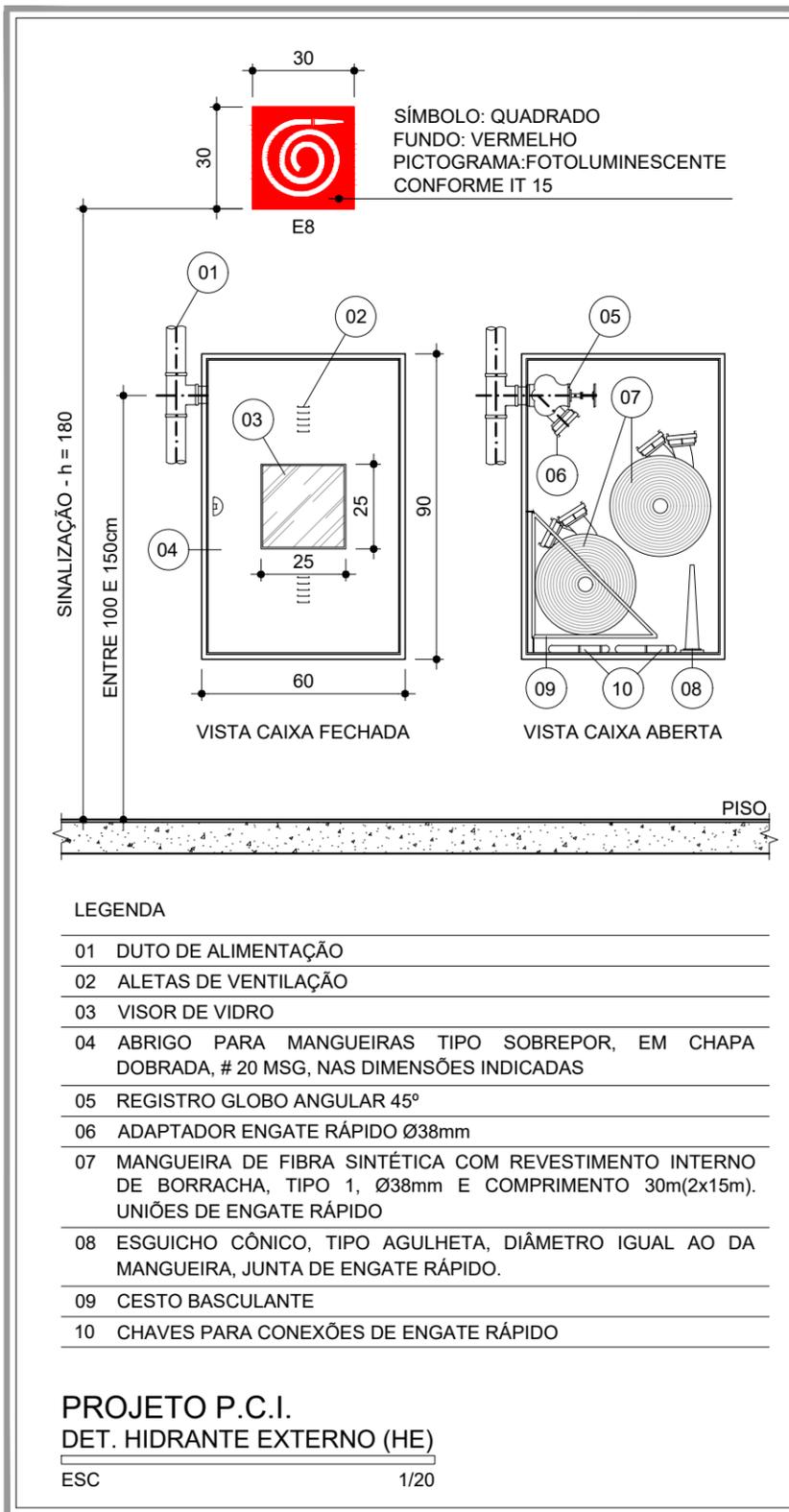
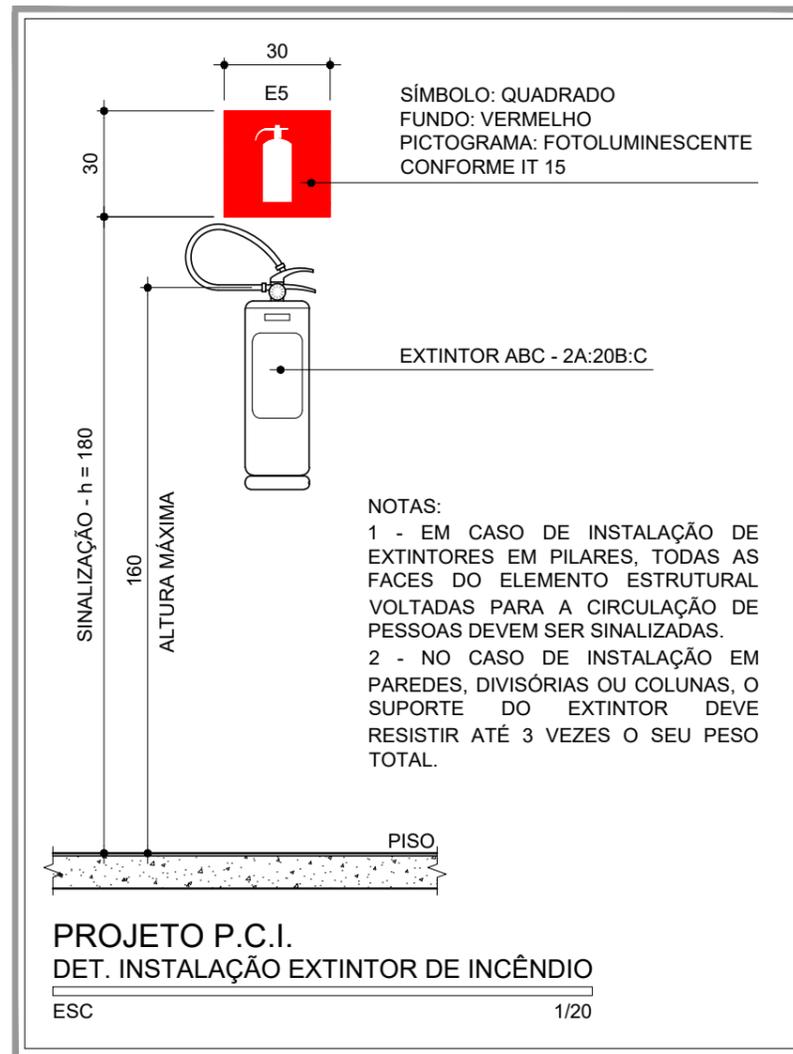
DATA:  
FEV 2019

ESCALA:  
1/100

CONTEÚDO:  
PLANTA DE PROJETO P.C.I.

EDIÇÃO:  
01

FOLHA:  
1/3

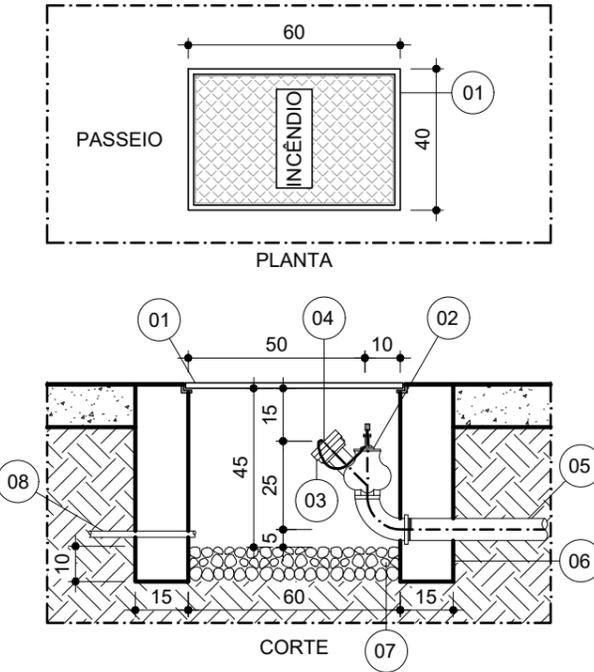


ILUMINAÇÃO DE EMERGÊNCIA	
ESPECIFICAÇÕES	
1 - BLOCO AUTÔNOMO CONVENCIONAL: ALTURA DE INSTALAÇÃO: 2,00m, EXCETO QUANDO INDICADO DE OUTRA FORMA EM PLANTA; BATERIA SELADA - 6V X 4Ah (LIVRE DE MANUTENÇÃO); LUMINÁRIAS FLUORESCENTES; AUTONOMIA: SUPERIOR À 1 HORA; TEMPO DE RECARGA (APÓS DESCARGA MÁXIMA): 24h FREQUÊNCIA: 50/60Hz; CONSUMO MÁXIMO: 4W (BATERIA EM CARGA); REF: AUREON - SISTEMAS DE ILUMINAÇÃO DE EMERGÊNCIA.	
CARACTERÍSTICAS E EXIGÊNCIAS COMUNS ÀS LUMINÁRIAS	
1 - FABRICADAS COM MATERIAL AUTOEXTINGUÍVEL, QUE NÃO PRODUZA GASES TÓXICOS SE INCENDIADO; 2 - FUNCIONAMENTO AUTOMÁTICO QUANDO FALTAR ENERGIA NA REDE ELÉTRICA; 3 - MANTER ACESA PELO PERÍODO MÍNIMO DE 1h EM CASO DE FALTA DE ENERGIA; 4 - BATERIAS BLINDADAS, DE ALTA QUALIDADE, LONGA VIDA ÚTIL E BAIXA MANUTENÇÃO; 5 - NÍVEL DE LUMINÂNCIA MÍNIMA DE 5 LUX; 6 - FIXAÇÃO: ATRAVÉS DE PARAFUSOS COM BUCHAS; 7 - GABINETES: PLÁSTICO ABS DE ALTO IMPACTO RESISTENTE AO CALOR DE 98°C. NÃO PROPAGADOR DE CHAMAS.	

SINALIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE COMBATE À INCÊNDIO - CONFORME IT 15				
CÓDIGO	SÍMBOLO	SIGNIFICADO	FORMA E COR	APLICAÇÃO
E5		EXTINTOR DE INCÊNDIO	SÍMBOLO: QUADRADO FUNDO: VERDE PICTOGRAMA: FOTOLUMINESCENTE	INDICAÇÃO DE LOCALIZAÇÃO DOS EXTINTORES DE INCÊNDIO
E8		ABRIGO DE MANGUEIRA E HIDRANTE		INDICAÇÃO DA LOCALIZAÇÃO DO HIDRANTE COM OU SEM MANGUEIRAS

<b>MUSEU DO COTIDIANO</b>	AUTORIA: ISABELA VECCI ABIJAUDE		
	PROJETO: PROJETO DE PREVENÇÃO E COMBATE À INCÊNDIO	DATA: FEV 2019	ESCALA: INDICADA
	CONTEÚDO: DETALHES PROJETO P.C.I.	EDIÇÃO: 01	FOLHA: 2/3

SINALIZAÇÃO DE ORIENTAÇÃO E SALVAMENTO - CONFORME IT 15				
CÓDIGO	SÍMBOLO	SIGNIFICADO	FORMA E COR	APLICAÇÃO
S2		SAÍDA DE EMERGÊNCIA	SÍMBOLO: RETANGULAR FUNDO: VERDE PICTOGRAMA: FOTOLUMINESCENTE	INDICAÇÃO DO SENTIDO (VER EM PLANTA) DE UMA SAÍDA DE EMERGÊNCIA
	SENTIDO: DIREITO			TAMANHO: INDICADO EM PLANTA DIMENSÕES MÍNIMAS: L = 2,0H ALTURA DA INSTALAÇÃO: 180cm
S4		SAÍDA DE EMERGÊNCIA	SÍMBOLO: RETANGULAR FUNDO: VERDE PICTOGRAMA: FOTOLUMINESCENTE	INDICAÇÃO DO SENTIDO DO ACESSO A UMA SAÍDA QUE NÃO ESTEJA APARENTE.
	SENTIDO: ESQUERDO			TAMANHO: INDICADO EM PLANTA ALTURA DA INSTALAÇÃO: 200cm DO PISO, PRESA AO TETO.
S14		SAÍDA DE EMERGÊNCIA	SÍMBOLO: RETANGULAR FUNDO: VERDE  MENSAGEM "SAÍDA" E OU PICTOGRAMA E OU SETA DIRECIONAL FOTOLUMINESCENTE, COM ALTURA DE LETRA SEMPRE > 50mm	INDICAÇÃO DE SAÍDA DE EMERGÊNCIA, UTILIZADA COMO COMPLEMENTAÇÃO DO PICTOGRAMA FOTOLUMINESCENTE (SETA OU IMAGEM, OU AMBOS)  TAMANHO: INDICADO EM PLANTA  ALTURA DA INSTALAÇÃO: 10cm ACIMA DA PORTA OU A 180cm DO PISO ACABADO



**LEGENDA**

01 TAMPA DE FERRO FUNDIDO PARA PASSEIO PINTADA NA COR VERMELHA  
02 REGISTRO GLOBO ANGULAR 45°, Ø2.1/2"  
03 ADAPTADOR Ø2.1/2", R5F x ENGATE RÁPIDO Ø2.1/2"  
04 TAMPÃO Ø2.1/2" ENGATE RÁPIDO  
05 ALIMENTAÇÃO  
06 ALVENARIA REVESTIMENTO INTERNO ARGAMASSA 1:3 CIMENTO E AREIA  
07 BRITA Nº 2  
08 DRENO OPCIONAL

**NOTAS:**  
1 - A TAMPA DE AGRIGO DO REGISTRO DE REQUALQUE DEVE SER PINTADA NA COR VERMELHA;  
2 - O HIDRANTE DE REQUALQUE DEVE SER INSTALADO A UMA DISTÂNCIA DE 50cm DA GUIA DO PASSEIO.

**PROJETO P.C.I.**  
**DET. HIDRANTE DE REQUALQUE**  
ESC 1/20

CLASSIFICAÇÃO - CONFORME DECRETO ESTADUAL n° 46.595/14				
GRUPO	OCUPAÇÃO	DIVISÃO	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
F	LOCAL DE REUNIÃO DE PÚBLICO	F-1	LOCAL ONDE HÁ OBJETO DE VALOR INESTIMÁVEL	MUSEUS, CENTROS DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS, BIBLIOTECAS E ASSEMBLHADOS
		F-10	EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS E OBJETOS	SALÕES E SALAS DE EXPOSIÇÃO DE OBJETOS E ANIMAIS, SHOW-ROOM, GALERIAS DE ARTE, AQUÁRIOS, PLANETÁRIOS, E ASSEMBLHADOS. EDIFICAÇÕES PERMANENTES

SINALIZAÇÃO COMPLEMENTAR - CONFORME IT 15				
CÓDIGO	SÍMBOLO	SIGNIFICADO	FORMA E COR	APLICAÇÃO
M1	ESTE ESTABELECIMENTO ESTÁ DOTADO DOS SEGUINTESSISTEMAS DE PROTEÇÃO CONTRA INCÊNDIOS:  EXTINTORES DE INCÊNDIOS HIDRANTES ILUMINAÇÃO DE EMERGÊNCIA SAÍDAS DE EMERGÊNCIA SINALIZAÇÃO DE EMERGÊNCIA DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE FUMAÇA - EDIFICAÇÃO COM ESTRUTURA EM CONCRETO - EM CASO DE EMERGÊNCIA: LIGUE 193 - CORPO DE BOMBEIROS LIGUE 190 - POLÍCIA MILITAR	INDICAÇÃO DOS SISTEMAS DE PROTEÇÃO CONTRA INCÊNDIO EXISTENTES NO ESTABELECIMENTO	SÍMBOLO: QUADRADO OU RETANGULAR FUNDO: COR CONTRASTANTE COM A MENSAGEM PICTOGRAMA: MENSAGEM ESCRITA REFERENTE AOS SISTEMAS DE PROTEÇÃO CONTRA INCÊNDIO EXISTENTES NO ESTABELECIMENTO, O TIPO DE ESTRUTURA E OS TELEFONES DE EMERGÊNCIA	NA ENTRADA PRINCIPAL DO ESTABELECIMENTO
M1	LOTAÇÃO MÁXIMA: 40 PESSOAS	INDICAÇÃO DA LOTAÇÃO MÁXIMA ADMITIDA NO RECINTO DE REUNIÃO DE PÚBLICO	SÍMBOLO: RETANGULAR FUNDO: VERDE PICTOGRAMA: MENSAGEM ESCRITA: "LOTAÇÃO MÁXIMA ADMITIDA: XX"	NAS ENTRADAS PRINCIPAIS DOS RECINTOS DE REUNIÃO DE PÚBLICO

REFERÊNCIAS / INFORMATIVO MEDIDAS DE SEGURANÇA	
SAÍDA DE EMERGÊNCIA	CONFORME IT 08 E ABNT NBR 9077:2001
SINALIZAÇÃO DE EMERGÊNCIA	CONFORME IT 15
ILUMINAÇÃO DE EMERGÊNCIA	CONFORME IT 13
EXTINTORES DE INCÊNDIO	CONFORME IT 16
HIDRANTES	CONFORME IT 17 E IT 40

<b>MUSEU DO COTIDIANO</b>	AUTORIA: ISABELA VECCI ABIJAUDE		
	PROJETO: PROJETO DE PREVENÇÃO E COMBATE À INCÊNDIO	DATA: FEV 2019	ESCALA: INDICADA
	CONTEÚDO: DETALHES PROJETO P.C.I.	EDIÇÃO: 01	FOLHA: 3/3



**SAÍDA**

DO  
ZIDA  
O  
OFA  
RNE  
O  
LHO  
LAME

TIPO

oken

PO

CONADOS

café  
TIPO